# REVISTA DA SEMANA


AGITAÇÃO ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

A DESPEDIDA DE N. S. DE FÁTIMA

TRINTA E UM ACUSADOS E UMA ABSOLVIÇÃO!



Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:




# RÁDIO BANDEIRANTES



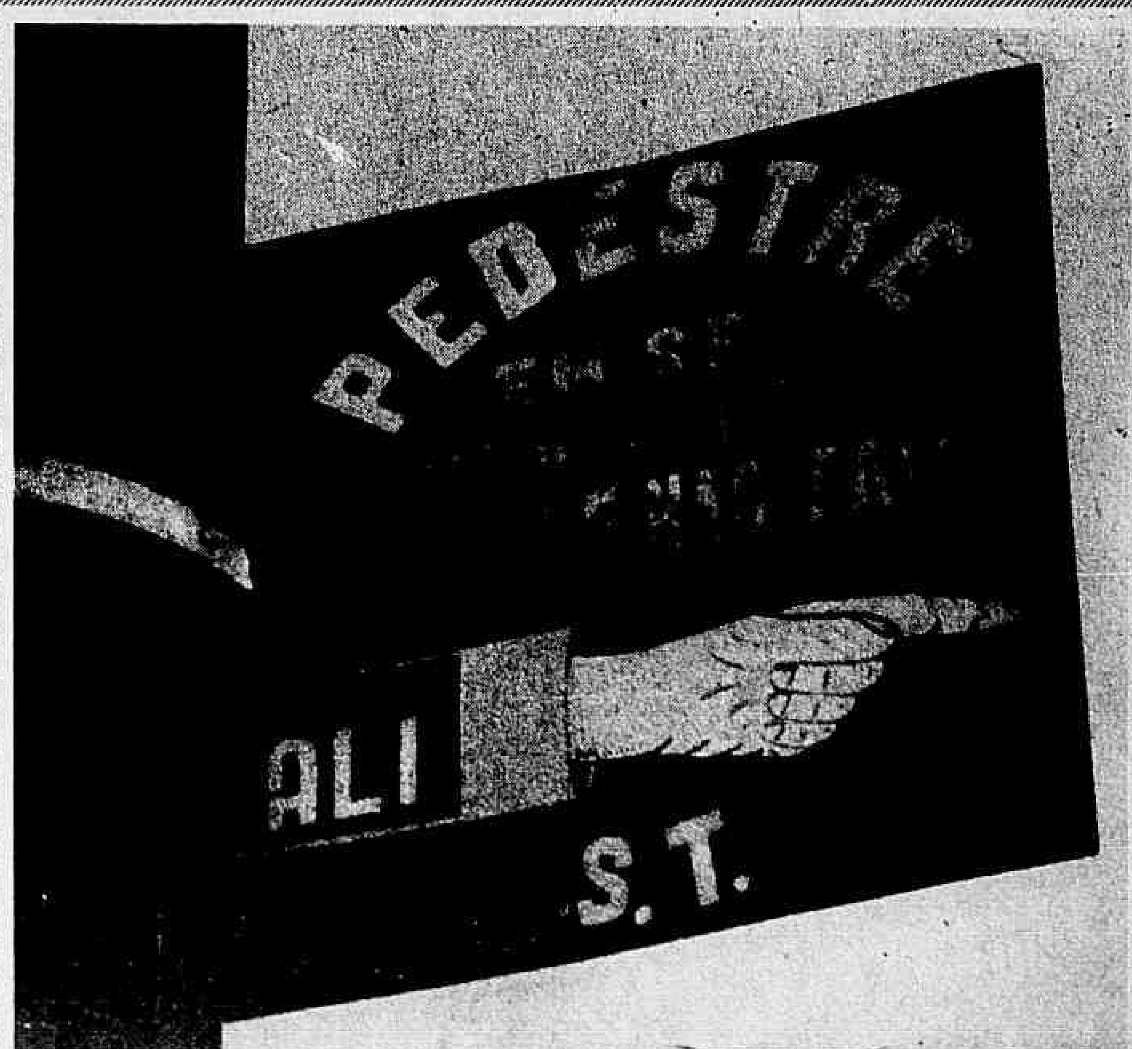

*– a mais popular emissora paulista*



# CUIDADO PEDESTRE!

TESTES PSICOTÉCNICOS NUMA CIDADE COM MOTORISTAS QUE JÁ ESTIVERAM NO HOSPÍCIO... ★ AS PRINCIPAIS ELIMINAÇÕES ★ 8.255 EXAMES ★ APARELHAGEM CARA E QUE REVELOU 1.200 "CHAUFFEURS" INCAPAZES ★ CERTAME MUNDIAL DE ACIDENTES DE TRÁFEGO

**Reportagem de EDMAR MOREL** **Fotos de ADIR VIEIRA**





O motorista do coletivo é um homem que toca sete instrumentos. Como êle se desdobra!...



O carro partiu, a porta foi fechada e o resto é com Deus. Sair agora, só pelas janelas...



O tacômetro marca 40 quilômetros, mas o motorista guia com uma só mão. P'ra que duas?...

QUINHENTAS e cinco pessoas foram vitimadas no trânsito da Capital Federal, em 1952, sem falar dos mortos da Central do Brasil, que são contados por fora... É por isto, certamente, que o Brasil possui o campeonato mundial de acidentes de tráfego.

— De quem é a culpa? Do motorista ou do pedestre?

Os dois são responsáveis. Ambos, mesmo na hora do «rush», são imprudentes. O «chauffeur» e o transeunte não gostam de respeitar os sinais. A Guarda Civil, por sua vez, que tem um efetivo de 2.050 homens, permanece com grandes claros, pois o seu salário é de fome. A cidade reclama maior número de guardas no Serviço do Trânsito e êles continuam trabalhando nas 30 Delegacias Distritais, na Rádio-Patrulha, no Tribunal do Júri e na própria Presidência da República.

Daí o último recurso. Convocar soldados da Polícia Militar, sem nenhuma especialização.

Na rua da Candelária, num terceiro andar, funciona o I.S.O.P., que quer dizer Instituto de Seleção e Orientação Profissional, incumbido da realização de testes para motoristas. Até hoje passaram pelos seus aparelhos cêrca de 8.300 profissionais.

No período do major Geraldo Côrtes havia exigência dos exames psicotécnicos, sendo adquirida caríssima aparelhagem e contratados técnicos especializados. Os resultados foram os mais surpreendentes. Em dois anos, aproximadamente, foram dados como incapazes para serviços de maior responsabilidade — a direção de coletivos, ônibus, lotações, assistências, etc. — nada menos de 1.200 motoristas profissionais, realmente inaptos para essa atividade profissional.

O sr. Edgard Estrêla, porém, ao reassumir a direção do Serviço de Trânsito, estabeleceu dúvidas sôbre a legalidade das exigências das provas. Assim, os exames psicotécnicos passaram a plano secundário, quebrando-se o movimento crescente das atividades do I.S.O.P., para gáudio dos motoristas alucinados, de que a cidade está cheia... Alguns já estiveram no hospício.

Só o efeito psicológico negativo da diminuição do prestígio e do ritmo daqueles exames, acarreta os mais sérios prejuízos à população carioca. E a chamada «Batalha do Rio de Janeiro» só em 1952 fêz 505 vítimas. A cidade de São Paulo acaba de criar um Serviço Psicotécnico, exclusivamente para selecionar motoristas, nos moldes do I.S.O.P.

Acontece que o Tribunal Federal de Recursos tornou obrigatório o exame em todo o Brasil.

## OS TESTES

Os motoristas gostam mais e, ao mesmo tempo, mais receio têm, do teste de visão na penumbra e resistência ao ofuscamento. As razões são simples. O aparelho é um tanto complexo, difícil de ser entendido na sua estrutura por pessoas leigas, e, por outro lado,

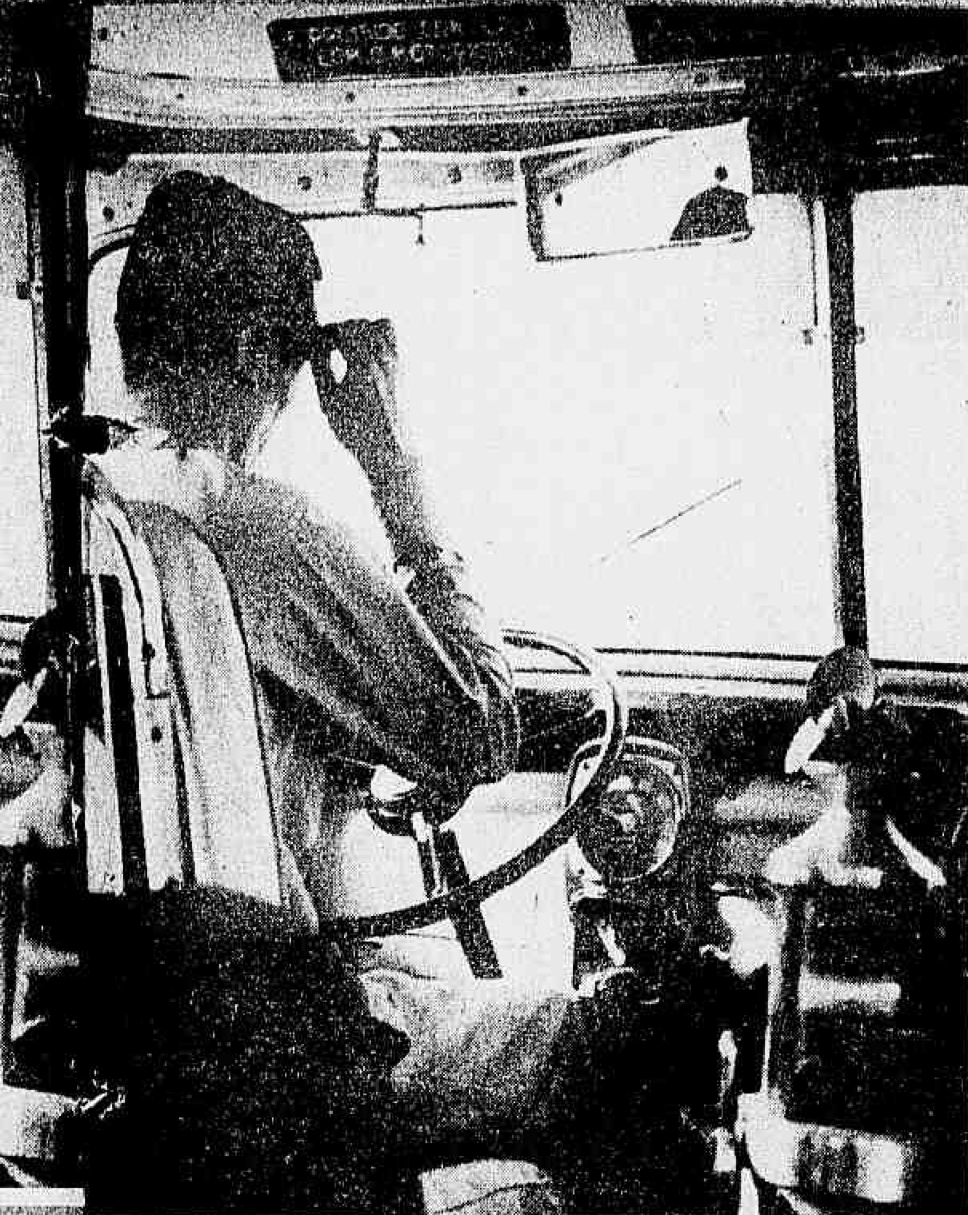


Êste prefere viciar o taxímetro, com a ajuda apenas de um alicate.

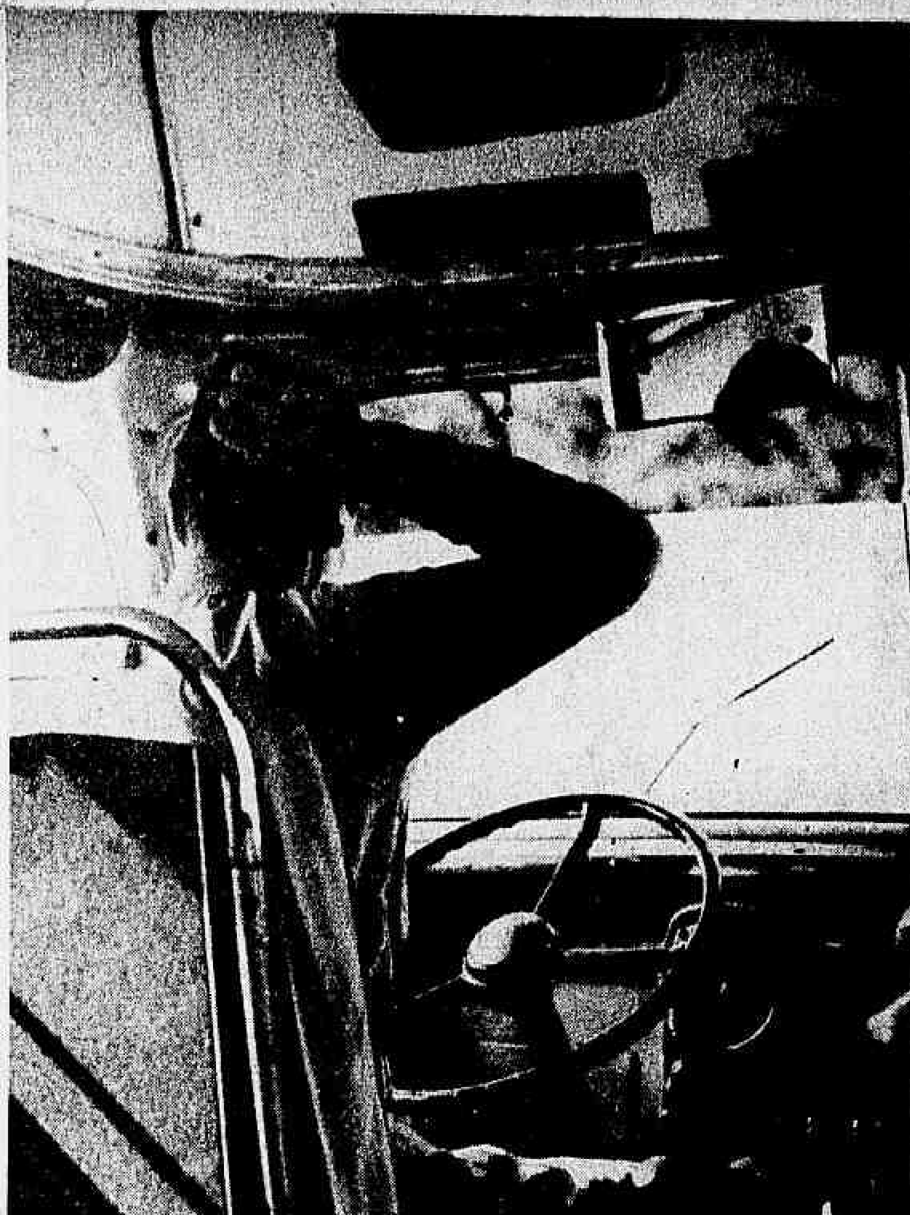




Uma mão no volante e outra para fazer trôco. Parece mais cômodo!



Entrou um cisco no ôlho, soltou a direção; mas nem por isso pára ou diminui a marcha...



Coçou a cabeça e o carro continua correndo, agora desenvolvendo 60 quilômetros à hora...



Mas, como Deus é brasileiro, o lotação consegue chegar ao fim da linha sem novidades.

o teste é aplicado em câmara escura, onde, de início, o candidato e o técnico se mantêm por alguns minutos em silêncio, isolados do meio exterior, esperando a indispensável adaptação à absoluta escuridão reinante.

Essa expectativa dá ao motorista uma certa emoção, que, aliás, não afeta o resultado do exame, mas constitui ótimo fundo de projeção para suas impressões.

Terminada a prova, êle começa a envergar na tela a figura, cujo iluminamento é progressivamente crescente e rigorosamente medido, graças a uma célula fotoelétrica e apropriada, sendo também rigorosamente contados os tempos de reação. Isso quanto à visão na penumbra. Quanto ao ofuscamento, o candidato é submetido a uma curta exposição de raios desiumbrantes e de luz de um farol semelhante ao usado nos carros, à noite, sendo medido, então, o tempo de recuperação de capacidade visual mínima anteriormente aferida.

Sendo um teste de alta precisão e eficiente, em que a objetividade é total, causa sempre a melhor das impressões ao candidato.

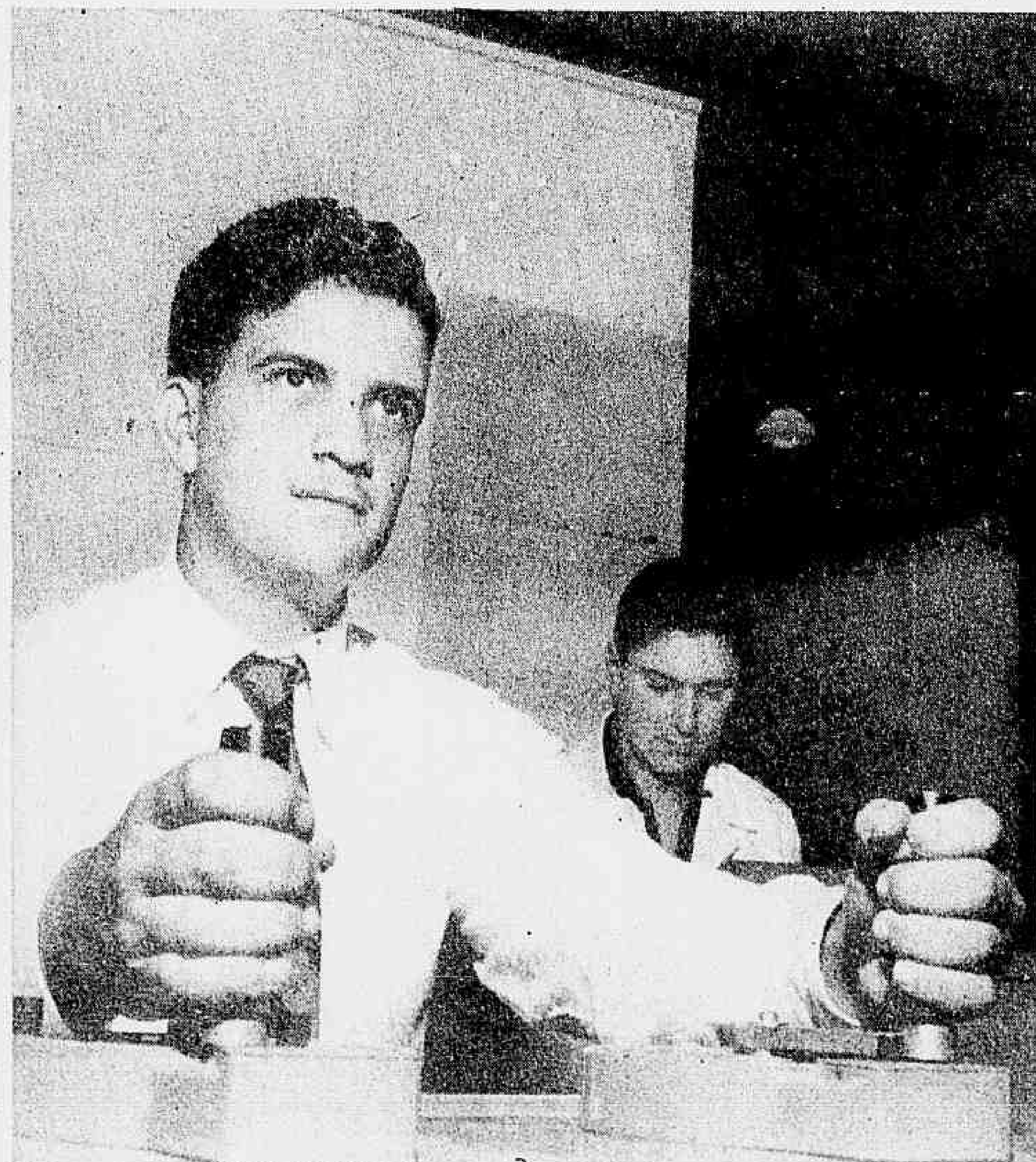
A prova de atenção difusa é um exame de capacidade para reagir com rapidez e oportunidade aos múltiplos e variados estímulos a que se acha sujeito o motorista.

Prova de percepção de velocidades: teste de capacidade para avaliar distâncias, perceber velocidades e ter bom golpe de vista em situações de emergência. Provas de contrôle da personalidade: exame da emotividade, da agressividade e do contrôle dos impulsos; pesquisa de estados patológicos ou pré-patológicos e descoberta de deficiências fisiológicas ou psíquicas. Prova de inibição retroativa: para revelar a capacidade de adaptação a novas condições de direção do veículo, isto é capacidade para inibir um hábito e criar outro — troca de carro ou alteração das condições de trânsito. — Exames médicos complementares: exames clínico geral, fisiológico, fôrça muscular ao volante, fatigabilidade, audição e visão para côres ou para correção por meio de lentes.

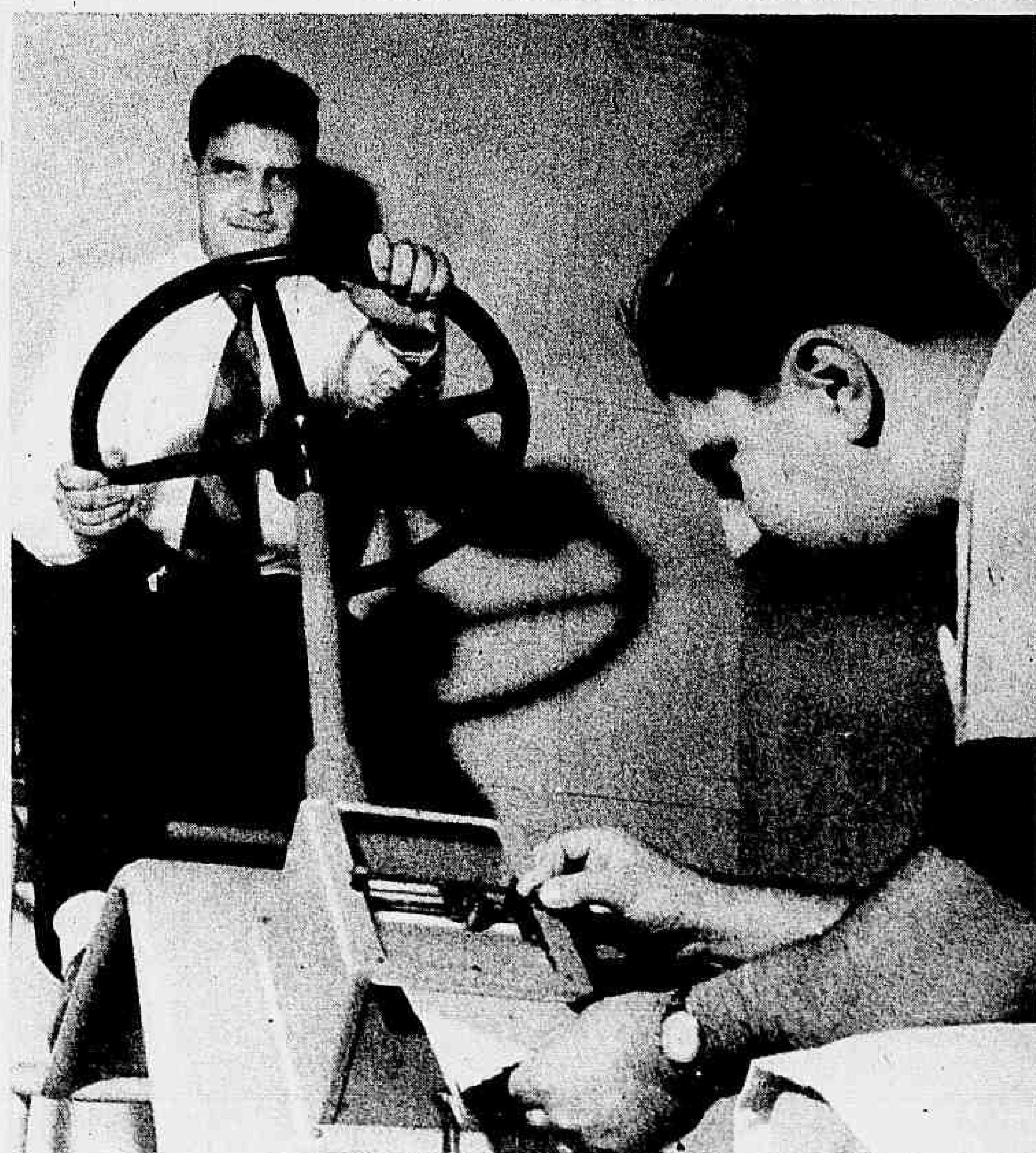
## CLASSIFICAÇÃO

Os motoristas, afinal, são classificados em vários grupos: **bom**, aquêle que se classifica na mais alta faixa de perfil psicotécnico; **normal**, o que se situa na linha média do grupo dos apurados; **sofrível**, todo aquêle situado no mais baixo nível de classificação dos habilitados.

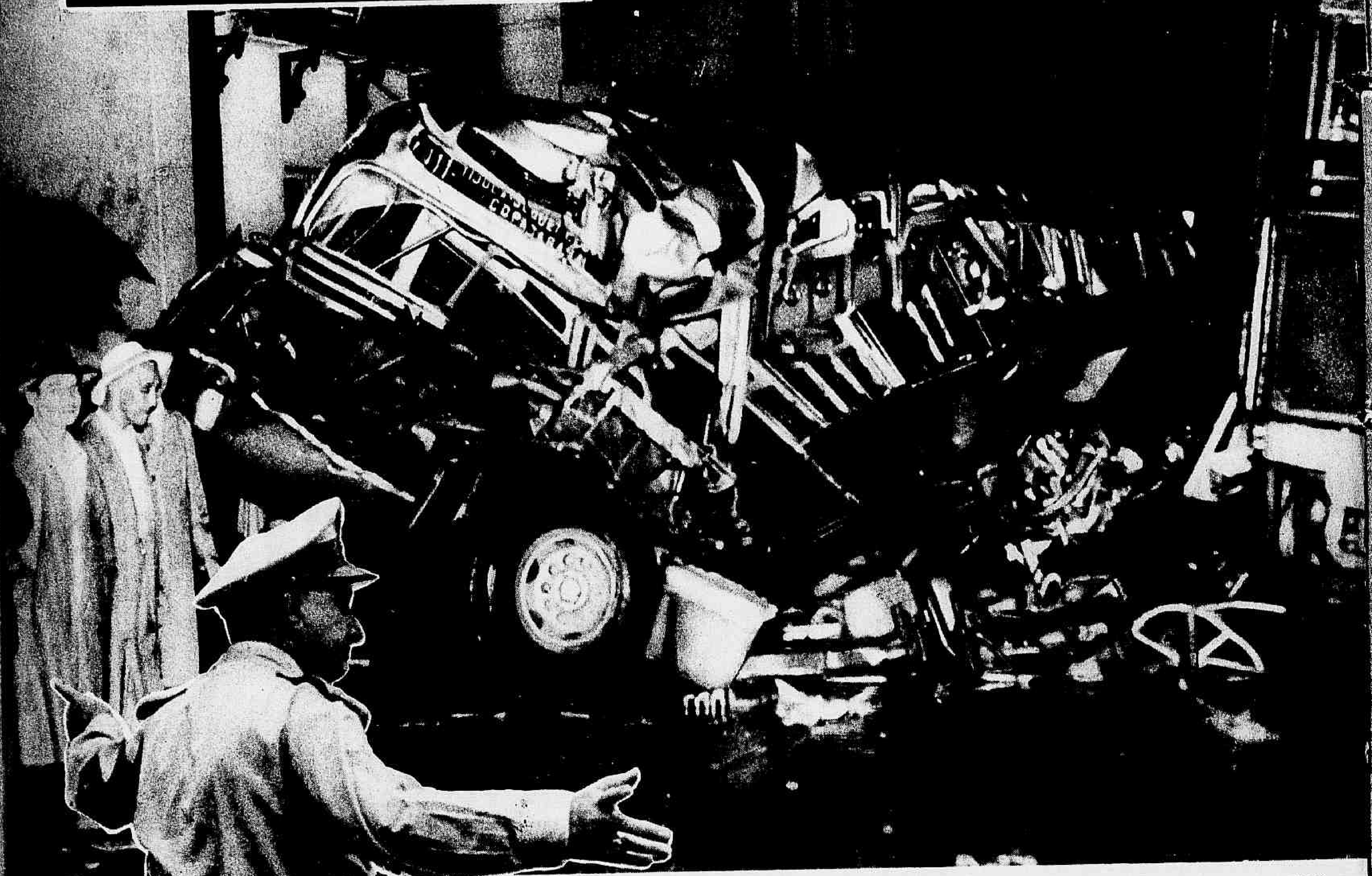
São elementos que, embora apresentando fraco rendimento nas provas, não precisam ser eliminados, tanto mais que já estão exercendo a função de motorista. Inaptos são todos aquêles que, por uma forte razão ou por um considerável conjunto de pequenas razões, não devem continuar como responsáveis pela vida do público que pretendem conduzir em seus coletivos. Entre êstes últimos há os que são eliminados por deficiência: a atenção distribuída; adaptabilidade a mudanças bruscas de



Quem passa por êste difícil teste, tem assegurado um bom certificado



Êste teste tem por objetivo medir a fôrça dos músculos no volante.




**No Rio o tráfego mata duas pessoas por dia. O guarda, êsse sacrificado, mal ganha para comer.**

significação de estímulos; percepção de velocidades; avaliação de distâncias; resistência à fadiga; visão noturna; resistência ao ofuscamento; a fôrça muscular ao volante; isso quanto às capacidades específicas e peculiares à profissão de motorista. Quanto às deficiências motoras e de certos traços da personalidade, são constantemente rejeitados todos os que apresentem: hiperagressividade, — os sempre dispostos a brigar; superemotividade, — os sujeitos a freqüentes inibições; os que dirigem a jactos por etapas, intempestivos; primitivismo, — os subdesenvolvidos; deficiência de contrôle prático, — os que não controlam seus impulsos; deficiência de orientação prática, — as falhas de direção, etc.

Em 1952 foram examinados nada menos de 4.401 motoristas, com a seguinte distribuição: aptos 3.302, inaptos 637 (15%). Dependentes de exames complementares, 462. Nesse total sobressaem os que foram encaminhados a exame pelo Serviço do Trânsito: 3.607; pela Prefeitura do Distrito Federal, 673; por emprêsas de ônibus, 38. Totalizando os candidatos examinados desde o início das provas até agora, surge a cifra de 8.255 motoristas.

Tantos testes para morrer gente que nem formiga nas ruas do Rio, inclusive inocentes!




Mira y Lopez, o espantalho dos motoristas imprudentes, que matam impunemente nas ruas da Capital Federal.



Edgard Estrêla, que fêz restrições aos exames psicotécnicos, é considerado «carne de pescoço» para os motoristas.

# REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 28 ★ 11-7-53


SUMÁRIO


| | |
|---|---|
| Cuidado pedestres! | 4/ 6 |
| Trinta e um acusados e uma absolvição | 20/21 |
| A despedida de N.S. de Fátima | 28/33 |
| Ela disse «NÃO» a Errol Flynn | 46/48 |
| Dona Xepa | 40/41 |
| Agitação atrás da Cortina de Ferro | 50/57 |
| O índio e o nordeste | 7 |
| A semana literária | 10 |
| O sonho do Malaquias (conto) | 23 |
| A Bem Amada | 24/25 |
| A volta da Redentora | 27 |
| A Fornarina | 34/35 |
| A Revista há 50 anos | 8 |
| A semana em revista | 9 |
| Janela sôbre o mundo | 16/17 |
| Teatro | 41 |
| De Rádio | 44 |
| De Cinema | 45 |
| Arabelle | 49 |
| Último Flash | 58 |
| Éste mundo e o outro | 19 |
| A luz da psicanálise | 22 |
| Sugestões para o Sweepstake | 36/37 |
| Week-end na cozinha | 38 |
| A felicidade do «dia a dia» | 39 |
| Sugestões para o lar | 39 |
| Um pouco de beleza | 42/43 |



**Capa: LANA TURNER (M.G.M.)**

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

●

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 289, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-0647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano | Cr$ 250,00 |
| Seis meses | Cr$ 125,00 |
| Registrado — Um ano | Cr$ 260,00 |
| Seis meses | Cr$ 140,00 |

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano | Cr$ 400,00 |
| Seis meses | Cr$ 200,00 |

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone 34-1569.




# O ÍNDIO E O NORDESTE

DURANTE o Carnaval, lá pelas cidades do Nordeste e em sessões de catimbós em Pernambuco, que a gente entra em maior conhecimento com a contribuição do elemento aborígene na sociedade brasileira. Qual a influência ameríndia na música folclórica do Nordeste? Muitos estudiosos contestam essa presença, tendo-se mesmo generalizado a convicção de que o índio em nada influiu, ou venha a influir, no caráter da música nacional. O professor Batista de Siqueira, docente livre da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, um dos mais cultos estudiosos de nossa música folclórica, publicou recentemente uma monografia sôbre o assunto, anteriormente aprovada como tese das mais brilhantes no Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Dizer e não provar, não é dizer, já sentenciavam os romanos, pais do Direito. O professor Siqueira diz que é volumosa e digna de nossas atenções a influência da música ameríndia no folclore do Nordeste. Diz e prova. Seu livro não é apenas obra de apaixonado pela verdade histórica, mas, especialmente, manancial de provas claríssimas capazes de convencer os mais cabeçudos negativistas. Acumulando testemunhos de grandes historiadores, o autor da tese reproduz no pentagrama das escalas musicais as toadas selvagens dos tupis, parecis, de cangaceiros, de cegos, de côcos, de desafios entre cantadores, etc., tudo contribuindo para que se encontre uma diretriz monista cujas raízes estão nos antecedentes históricos, que muitos não querem aceitar. O professor Siqueira tem razão. O que se verificou foi a mais evidente falta de continuidade entre os usos e costumes dos silvícolas e a civilização do homem branco, mais absorvido com o elemento negro do que com o indígena. A mãe preta, o negro velho, oriundos de várias zonas da costa da África, viveram muito mais em aculturação conosco, do que os elementos autóctones. Mas ainda é tempo de procurar, como acaba de fazer o professor Batista de Siqueira, os cabedais de uma literatura melódica cheia de encantos e pitorescos, dispersa aí pelo litoral e interior do Nordeste, à espera de pesquisadores. Não se pode dar outra origem a versos como os cantados pelos «Caboclinhos» de Pernambuco, as «linhas» de catimbó e cantigas de ninar como esta:

**Eu vi o boi surubim**
**Ó mamãe,**
**Brigando com o Azulão,**
**Tirando fogo do chifre**
**Ó mamãe,**
**Lá dentro da escuridão.**
**Se eu chamava êle vinha,**
**Ó mamãe.**
**Tem mão, eh lá, ô lô...**

● E o brinquedo de «Vem cá, siriri»? Todos os viajantes que estiveram no Brasil, quer na qualidade de traficantes, quer como prisioneiros dos índios, em seus relatos registram a grande cópia de danças, músicas e cânticos dos selvagens brasileiros em qualquer região. É claro que o saldo ainda existente nas populações do interior é rarefeito, mas não se pode dizer que não haja muita coisa ainda a recolher, estudar e mostrar ao povo. A tese do professor Siqueira, aprovada por unânimidade pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, vem destruir a contrária, que nega a influência ameríndia na música folclórica do nordeste brasileiro. É um livro de incontestável valor e digno do aplauso de quantos se interessam pelas coisas sérias dêste país.

RENATO DE ALENCAR

# Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

*Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

*Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira


# ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

## COMBINAÇÕES CONTEMPLADAS NO SORTEIO DA LOTERIA DE SÃO JOÃO DE 1953:

1º prêmio — Um aparelho de TV, no valor de Cr$ 25.000,00, ao Album nº 54.130.

2º » — Um terreno de 12x30, em Duque de Caxias, no valor de Cr$ 20.000,00, ao Album nº 30.743.

3º » — Uma máquina de escrever, no valor de Cr$ 6.000,00, ao Album nº 43.225.

4º » — Uma máquina de costura, no valor de Cr$ 5.000,00, ao Album nº 25.699.

5º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 1.000,00, a cada Album com a terminação 4.130.

6º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 200,00, a cada Album com a terminação 130.

7º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.129 (aproximação do 1º prêmio).

8º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.131 (aproximação do 1º prêmio).

9º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.742 (aproximação do 2º prêmio).

10º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.744 (aproximação do 2º prêmio).

11º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.224 (aproximação do 3º prêmio).

12º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.226 (aproximação do 3º prêmio).

13º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.698 (aproximação do 4º prêmio).

14º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.700 (aproximação do 4º prêmio).

**OBSERVAÇÃO** — Os ÁLBUNS iniciados com a segunda viagem dão direito ao próximo sorteio do Natal, mesmo sem os cromos da primeira viagem.

# a REVISTA há 50 anos

12 de julho de 1903

## CHRONICA

A ULTIMA estatistica da emigração italiana é desoladora para a nossa terra. Faz pena! Não ha muitos annos que os filhos d'aquella formosa peninsula, celebre entre as mais celebres na creação do Direito e no culto da Belleza, buscavam de preferencia a benignidade do nosso clima, a uberdade do nosso solo e a hospitalidade do nosso meio. Em uma decada de trabalho obstinado, mas alegre converteram o sertão paulista em campina cultivada, coberta de cidades, de casario, de vida e animação. Eram felizes, prosperavam, e todos os annos do peculio enviado á suas familias, brotavam mais e mais abastanças nas provincias da Grande Grecia, nessas que a aventura greco-phenicia primeiro descobriu e povoou. De repente, com a baixa do café, toda esta prosperidade cessou e a desgraça, que tantas maldades semeia, tornou maus os corações de muitos fazendeiros habituados ao trabalho sangrento do escravo, no eito, debaixo do azorrague. Fugiu das almas a clemencia, a piedade, o amor e, com taes sentimentos, a honestidade. Não foram todos, bem sei, mas foram muitos, e tanto bastou para que a emigração buscasse outras plagas mais propicias aos que tanto precisam de carinhos, pois bem lhes basta deixar, com o coração retalhado o torrão natal. Depois, vieram commissarios, delegados, inquiridores e os seus testemunhos contribuiram para desacreditar-nos profundamente no espirito do governo e do povo italiano. Hoje, o mal é grande e para reatal-o serão precisos longos periodos de calma, affecto e altruismo. A futil despreoccupação dos nossos estadistas e do nosso povo não calcula sequer o mal que tudo isto nos causa. A immigração é a nossa força, o nosso sangue, a nossa vida. Sem ella, só nos resta assistir impotentes, ao progresso e ao povoamento das republicas visinhas e rivaes. — JACQUES BONHOMME.

## SPORT

JOCKEY-CLUB — Promete ser encantadora a corrida que hoje se realisa no elegante prado de São Francisco Xavier. O programa, organisado magnificamente, está convidativo e é de esperar que os pareos sejam disputados com empenho e lisura. Os nossos palpites são os seguintes:

| | |
|---|---|
| Libeetino | Descrente |
| Liberal | Perichole |
| Horeb | Globo |
| Galopim | Meteoro |
| Sottéa | Iris |
| Bohemio | Severo |
| Iguariaçã | Thiers. |

AZARES: — Sempreviva, Nebulosa, Dumont, Tymbira, Nickel, Quito e Garupá.

## SONETO

*Não se passa, meu bem, na noite e dia*
*Uma hora só que a misera lembrança*
*Te não tenha presente na mudança*
*Que fez, para meu mal, minha alegria.*

*Mil imagens debuxa a fantasia,*
*Com que mais me atormenta e mais me cansa...*
*Pois se tão longe estou de uma esperança,*
*Que allivio pode dar-me esta porfia!*

*Tyrano foi commigo o fado ingrato,*
*Que crendo, em te roubar, pouca victoria*
*Me deixou para sempre o teu retrato...*

*Eu me alegrava da passada gloria,*
*Se quando me faltou teu doce trato,*
*Me faltara tambem delle a memoria.*

CLAUDIO M. DA COSTA.

## S. S. LEÃO XIII

**A grande familia catholica universal vive ha alguns dias presa da mais angustiosa inquietação. O seu glorioso chefe e pae amantissimo acha-se gravemente doente; a sua vida preciosa extingue-se lentamente sem soffrimentos physicos, porém o seu espirito, o poderoso espirito que illuminou durante 26 annos a Christandade, brilha ainda em todo o seu esplendor. De todas as partes do Universo elevam-se neste momento preces ao Altissimo, pedindo a Graça da conservação do seu Vigario na Terra, o grande Pontifice Leão XIII. Não ha um coração catholico que não sinta ardente desejo de vel-o ainda por alguns annos occupar o Throno de S. Pedro, para bem da Egreja e de seus fieis. E' isso também o que nós almejamos.**





INDIGNOS DA FARDA — **Tôda a cidade teve conhecimento, estarrecida, do crime de três tarados que vestiam a briosa farda de nossa Polícia Militar, quando atacaram uma senhora indefesa, levando-a para a garagem subterrânea da Esplanada do Castelo e ali saciando os seus instintos selvagens. Presos por elementos da R-P, que socorreu a vítima, os militares devassos foram entregues à corporação a que pertenciam e, dias depois, expulsos do quadro militar, a toque de caixa, sob o rito militar da degradação: arrancadas as fardas pelos colegas de melhor comportamento e entregues à Polícia civil para receberem a devida punição. Pena que civis não possam estar presentes a um ato tão edificante.**

# A PERSONAGEM DA SEMANA




No acidente marítimo entre o cargueiro brasileiro «Lóide Paraná» e o petroleiro norte-americano «Gulf Trade», doze milhas ao largo do litoral de New Jersey, Estados Unidos, um nome ficou na história de nossa marinha mercante, com tôdas as glórias do heroísmo. Aristides Bastos dos Santos. Dos 53 homens da tripulação, entre convés, máquinas e câmaras, era êle o mais novo em serviço. Apenas dois anos em seu barco. Narram os telegramas procedentes de Nova York que, ao ver o avanço do petroleiro sôbre o seu navio, dentro da penumbra da noite envôlta em nevoeiro, Aristides procurou meios para amortecer o choque, colocando chumaços de cordas, dêsses que há em tôdas as embarcações para serviços de acostagem aos cais. Mas a colisão não foi atenuada e, com os pára-choques e tudo, foi levado de roldão o próprio corpo do bravo marujo Aristides Bastos dos Santos, que deu a vida para salvar seu navio e, conseqüentemente, os seus companheiros de tripulação. Dado o alarma e pedidos socorros com repetidos S.O.S., acorreram ao local do acidente várias embarcações, sendo recolhidos a bordo do cargueiro americano «African Endeavour» 26 marujos, enquanto os restantes, o comandante e os oficiais, continuavam a bordo. Alguns feridos foram internados em hospitais, enquanto o navio era rebocado para um dique, em Nova York. O nome de Aristides Bastos dos Santos merece as homenagens de nosso povo, pelo seu heroísmo na desesperada tentativa para salvar seu navio. Era natural de Sergipe, onde nasceu a 7 de agôsto de 1917. Seu pôsto era o de marinheiro-vigia. Morreu no pôsto.

# A SEMANA EM REVISTA



CARNE PODRE — **Noticiou a imprensa um caso que merece a atenção imediata das autoridades competentes, a fim de que não mais se repitam fatos de tamanha gravidade. Vários vagões da Central do Brasil, vindos de São Paulo, carregados com carne verde, ao serem abertos para a descarga, apresentavam desolador aspecto: tôda a carne estava deteriorada, em face da excessiva demora para seu recebimento e entrega à COFAP, a quem pertencia. Seis dias estêve o carregamento à espera dos compradores, já sem refrigeração, decompondo-se. Denuncia a imprensa o crime da venda dessa carne podre à população. Será verdade?**

# Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

## ANÍBAL FERNANDES



ACABO de ler com alegria que os «Diários Associados» vêm de jubilar um de seus mais dedicados servidores, o mestre de jornal Aníbal Fernandes, que é um orgulho da profissão e o encanto maior dos colegas e amigos. Tive o prazer de conhecer o diretor do «Diário de Pernambuco» em uma de nossas andanças profissionais pelo mundo, fato que vimos de novo repetir-se com muito entusiasmo de nossa parte. Por duas vêzes, portanto, estivemos em contato com êsse jornalista completo, a quem os anos não emperraram — aliás Aníbal não é tão idoso — nem os músculos, nem o espírito, ágil e alerta sempre, formando numa equipe de jovens plumitivos, conseguindo ser o mais jovem de todos, pela vivacidade do repórter e pelo brilho do escritor.

Aníbal Fernandes, como lembrou há dias Gilberto Freyre, pertence ao grupo cada vez mais escasso dos jornalistas-intelectuais e, apesar disso — ou, por isso mesmo, — de uma grande consciência da missão da imprensa. Culto, inteligente, brilhante, Aníbal Fernandes foi desde cedo absorvido pela imprensa. O jornal não matou nêle, entretanto, o homem de letras, nem lhe tirou o gôsto de ler e publicar livros: suas conferências sôbre Joaquim Nabuco, por exemplo, reunidas em volume, dão a garra dêsse escritor, que poderia ter realizado uma grande obra de cultura e inteligência, servido por um estilo rico e sólido, que, sem a tortura da forma, consegue uma prosa de beleza e perfeição fascinantes.

O «Diário de Pernambuco», admirável escola de jornalismo, herdou do seu espírito harmonioso o gôsto da arte literária. Com ser um de nossos jornais mais bem feitos, sempre foi um viveiro de vocações, de poetas, críticos e ficcionistas. Sempre refletindo o movimento literário da província, mais, espelhando as inquietações e o labor dos jovens do Norte, o jornal de Aníbal Fernandes representa uma vaidade da imprensa brasileira, sentindo-se nêle uma permanência de espírito que bem se casa à dignidade do exercício da profissão — traços marcantes da personalidade dêsse amável mestre da imprensa.

## FORA DO PRELO

● EMÍLIO RIBAS, O VENCEDOR DA PESTE — Sanitarista insigne, de nome ainda não suficientemente conhecido no país, Emílio Ribas deve figurar entre os brasileiros que mais honraram a nossa pátria. Encontrando oposição, ironia e descrença, levou a cabo sua obra de salvação nacional e viu, afinal, vitoriosos seus esforços, dedicação e cultura médica. Pondo ao alcance do público «Emílio Ribas, o vencedor da peste», Barros Ferreira presta inestimável serviço à verdade e ao patrimônio do Brasil, assim como as Edições Melhoramentos, que incluem esta biografia na série de Grandes Brasileiros, na qual avultam Anchieta, Ruy Barbosa, Osvaldo Cruz, Rio Branco, Santos Dumont, Gusmão, Varnhagen, Tamandaré, Joaquim Nabuco, Pedro II, Caxias, Pedro Américo.

● MINHA VIDA NOS GARIMPOS — De autoria de Antônio de Pádua Morse (que já nos deu «Quem contou foi o Mindinho» e «Aventuras de Xumburí»), é trabalho em tom de aventura, muito ao gôsto da adolescência, a que é especialmente dedicado. «Minha vida nos garimpos», em volume ilustrado das Edições Melhoramentos, ensina bastante coisa do tema, enquanto diverte pelo colorido do estilo.

● A ESCRAVA ISAURA — Nascem e crescem escolas literárias. Anemiam-se e morrem. Ficam, de tôda a babel de ambições, dois ou três nomes a desafiar o cupim do tempo. E não se pode ignorar que, do velho feitio de romance, com o seu arsenal de emoções e palavras mais ou menos padronizadas, entre outros fica um Bernardo Guimarães. «A Escrava Isaura», por exemplo, concorreu para robustecer a consciência nacional contra o regime servil, extinto em 1888, em nosso país. Publicando «A Escrava Isaura», as Edições Melhoramentos inauguram a sua série Ficção Nacional, que nos dará obras de Godofredo Rangel, Manuel Antônio de Almeida, Franklin Távora e outros.

DULCE CARNEIRO, poetisa de grande valor, residente em Atibaia, viajou para a Europa. Por êsse motivo, um grupo de amigos organizou um jantar de despedida, no Clube dos Artistas, ao qual compareceram, entre outros: Jamil Almansur Haddad, Helena Silveira, André Carneiro, Maria de Lourdes Teixeira, Enéas Ferraz, Domingos Carvalho da Silva, Geraldo Vidigal, Elza Weill, Mário da Silva Brito, etc., etc.

— / / —

JÚLIO DE MESQUITA FILHO acaba de publicar, numa edição da Livraria Martins Editôra, o seu aguardado livro de viagens: «A Europa que eu vi». O referido volume traz magníficas ilustrações de Darcy Penteado.

— / / —

MARIO DONATO já regressou do Velho Continente. José Geraldo Vieira, que em breve publicará «Terreno Baldio», também está de volta de Paris.

— / / —

SÉRGIO MILLIET continua sempre em forma. Recentemente publicou uma pequena história da poesia moderna brasileira. Agora, acaba de lançar um volume de «Quinze Poemas», em edição da Livraria Martins Editôra, limitada a 150 exemplares, numerados e assinados pelo autor.

— / / —

SÃO PAULO está aplaudindo frenèticamente a peça de Ugo Betti: «Delito na Ilha das Cabras», peça montada pela Companhia Delmiro Gonçalves no Teatro Cultura Artística. Destacamos a interpretação excelente de Margarida Rey neste espetáculo de alto nível artístico e intelectual.

UM LIVRO:

## "PAÍS DO LONGE"

ESTE «País do Longe» é um livro de versos e não é um livro qualquer. É também um livro de poesia. Ilka Sanches, que tão afirmativamente estreou, no ano passado, com as suas enternecidas «Baladas do nunca mais», onde surgiu sua grave e emocionante voz lírica, inserindo-se vitoriosamente entre as manifestações de nossa jovem poesia, ressurge agora com os poemas dêste encantado «País do Longe», em que insiste nos mesmos temas, antes, fere as mesmas notas do tema único de sua inspiração: a tristeza. Desconsoladora, mas contida, sem gritos, sem imprecações, é tôda esta poesia de inconsolável tristeza. Sente-se, através dêstes poemas, quase a morbidez da melancolia. Mesmo naquelas páginas mais objetivas, quando esta neo-romântica tão atual, de imagens tão recentes, de ritmos tão originais, forma tão livre — embora insista em denominar seus poemas com velhas epígrafes, canção, balada, etc., até nisso revelando um irresistível pendor nostálgico — Ilka Sanches manifesta sua predileção pelos quadros e pelos acontecimentos mais doridos, mais sombrios e pungentes. Alma moça, sensível à beleza, deve provir de uma sensibilidade exagerada todo êste pessimismo que não se consola, que renuncia, que confessa suas lágrimas em voz baixa, que recusa os sonhos, com mêdo de que se percam ao contato da realidade. Seus passos conduzem-na através dos jardins floridos, mas seu gesto se intimida e se contém, para não ver o triste despetalar das rosas. Essa atitude íntima se reflete sôbre o espetáculo do mundo, e assim é que aquela «Menina de vestido azul» lhe sugere um momento de reflexão dorida. Assim é que ela prefere deixar a alegria infantil dos «play-grounds» cheios de sol, para recordar «A mãe, a criança e a morte» — num poema de acentos cavos e soluçados — ou compõe uma «berceuse» para o menino afogado.

O próprio título do livro, escolhido entre os títulos dos poemas, marca essa melancolia de temperamentos, êsse excesso de sensibilidade, desarmada diante dos acontecimentos brutais ou indiferentes: «País do Longe», território imaginário, perdido no azul da distância, mas completamente perdido, inalcançável, de cujas harmonias ela tem a noção, mas sabendo que as criou, ela mesma, para o seu exílio silencioso. Haverá uma história de amor nestes poemas? Esta lírica mal aflora o motivo, evitando o «cantar d'amor», talvez, no cultivo de uma desilusão que cada vez mais se aprofunda, por inconfessada. O mesmo gesto que despetalou uma flor, teme agora da fragilidade de tôdas as ilusões. E, neste caso, o melhor para curar o tédio e o amargor, que o excesso de pudor e de orgulho torna soturnos, pondo crepes em tôda esta poesia — o melhor seria a palavra do ironista: a última e a maior de tôdas as ilusões é a gente supor que já não tem ilusões.

Ilka Sanches revela, neste segundo livro, menos liberto de sua dor íntima, mais prêso à sua angústia interior, um comportamento poético mais ágil, na variação dos ritmos e dos acentos, na multiplicidade de vozes, que consegue de seu meio técnico, mais autônomo, mais amplo e mais seguro. As inflexões sinceras de sua poesia marcam nela uma vocação que se encontrou e que se afirmará categòricamente, na prática lírica. Entretanto, sua feição elegíaca não mudará. O mundo se divide mesmo em tristes e alegres. As almas muito sensíveis diante dos sofrimentos e dos choques realistas estão sentenciadas a essa tristeza que o orgulho contém e que o pudor requinta e que resulta nesse pranto mudo, nesses soluços silenciosos e escondidos que sofrem irremissìvelmente nestes poemas comoventes.

# CORTANDO O PARÁ DE ESPLÊNDIDAS RODOVIAS

**Trechos de estrada como êste cortam hoje o Estado do Pará em tôdas as direções. A gravura mostra um aspecto da rodovia Belém-Bragança.**

## AS ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DO GRANDE ESTADO NORTISTA

UM plano rodoviário de rara envergadura está presentemente em execução no Estado do Pará. Rasgam-se estradas em tôdas as direções, num gigantesco trabalho de penetração através da densidade florestal que o caracteriza, ligando entre si as mais distantes regiões daquela unidade da Federação e possibilitando-lhe um surto de progresso seguro e constante. O Departamento de Estradas de Rodagem do Pará tomou a si uma tarefa portentosa e, a despeito dos maiores obstáculos que o meio-ambiente oferece à sua execução, seus serviços se desenvolvem num ritmo uniforme, e os Planos de Atividade anuais são estritamente observados e não raramente ultrapassados em seus limites. Nesta reportagem poderão os leitores tomar conhecimento das atividades daquele Departamento no ano de 1952 e do Plano que está sendo desenvolvido no presente exercício. Mas a ilustração fotográfica falará por si só dêsse gigantesco empreendimento, mostrando a grandiosidade da obra em execução.

O D.R.E. do Pará, no ano que passou, cumpriu rigorosamente, no que se refere à construção, pavi-



**Essa motoniveladora está abrindo valas na retificação da estrada BR-22. Os serviços, executados com perfeição, resultam magníficas rodovias.**

# CORTANDO O PARÁ DE ESPLÊNDIDAS...



Os obstáculos de tôda a natureza que o meio-ambiente opõe ao homem e à máquina, só podem ser exatamente avaliados mediante uma observação local. Todavia, as gravuras oferecem uma visão impressionante



do gigantesco esfôrço que exige a construção de uma estrada através da selva amazônica, dos pântanos e dos caudalosos rios que banham a região. As fotos mostram três fases do penoso trabalho de penetração na floresta virgem, onde mais tarde se assentarão as modernas rodovias.



mentação, conservação e melhoramentos de estradas, o programa de atividades fixado para o exercício, tendo mesmo, em alguns pontos, ido muito além.

As pistas da avenida Tito Franco, na cidade de Belém, com serviços de água e esgôto, prolongaram-se por milhares de metros, em demanda do início da PA-25, que se encontra asfaltada até o km 37. Essa obra, cuja realização está a cargo do D.E.R., sendo financiada pelas quotas do Fundo Rodoviário Nacional, é fator de notável progresso nas comunicações da capital paraense com as cidades da zona bragantina. Não obstante a falta de cimento que, durante algum tempo, determinou a suspensão do serviço, êste prosseguiu logo após, no mesmo ritmo acelerado, com a cooperação decisiva da Seção de Laboratório, que efetuou estudos relativos à liga de concreto, resistência de materiais, solo, etc., no sentido de evitar alterações futuras nas pistas.

Na rodovia PA-25 (Belém-Bragança), melhoraram-se os trechos de Santa Maria a Taciateua e Capanema a Bragança. Pavimentaram-se os 20 km compreendidos entre a estaca 15 e a cidade de João Coelho, tendo sido ainda aplicada nova camada asfáltica sôbre o perímetro do km 0 ao km 10. Continuaram-se os serviços de sinalização de acôrdo com o sistema recomendado pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, especialmente nos locais de maior perigo, do km 0 ao km 70, ou seja do Entroncamento a Castanhal. Quem conhece o trabalho rodoviário pode bem avaliar quanto foi realizado na PA-25. Damos um exemplo, enumerando os melhoramentos do trecho Santa Maria-Taciateua: foi feito o atêrro para construção de uma rampa, no sentido de encontrar a ponte em construção; pista com 8m de largura e lateral em concreto; taludes nos terrenos firmes e valetamento de cimento, a fim de evitar a erosão fácil; drenagem com tubos de cimento até as partes baixas do terreno; sistema de escoamento de águas pluviais na parte baixa com tubos de concreto de 1 metro de diâmetro; pintura asfáltica nessa parte melhorada para evitar conservação onerosa. A ponte a que nos referimos é de madeira e está sendo construída com 8 metros de largura, tendo sido elevada a 1 metro acima do nível máximo das enchentes verificadas. Conservou-se em boas condições o trecho da BR-22, compreendido entre Castanhal e Barro Branco, que foi melhorado e conservado em tôda a sua extensão.

Trabalho de envergadura, cujo valor mais se evidencia diante da brevidade com que foi executado, é o da construção do km 0 ao km 22, trecho Santa Maria-Rio Guamá, da rodovia BR-14, que ligará o Pará ao extremo sul do país. Houve uma convergência de esforços para o alcance dêsse objetivo, de real significação econômica para o Estado. Entre os quilômetros 4 e 5 dessa estrada está sendo construída uma ponte de concreto armado de 16 metros de extensão sôbre o rio Geju, já em fase de conclusão, tendo também a Seção de Laboratório procedido ao competente estudo e sondagem do rio Guamá, no local próximo à cidade de São Miguel, onde será lançada a grande ponte ligando as duas margens, o que possibilitará o prosseguimento da construção dessa rodovia.

Atenção semelhante mereceu a construção da estrada PA-22 (São Caetano)-PA-16, velha aspiração do povo odivelense, que agora se concretiza, abrindo uma larga porta de progresso para aquêle município, que vivia isolado do resto da região bragantina. Já completamente aberta, aquela rodovia receberá no próximo exercício os últimos toques para ser entregue definitivamente ao tráfego.

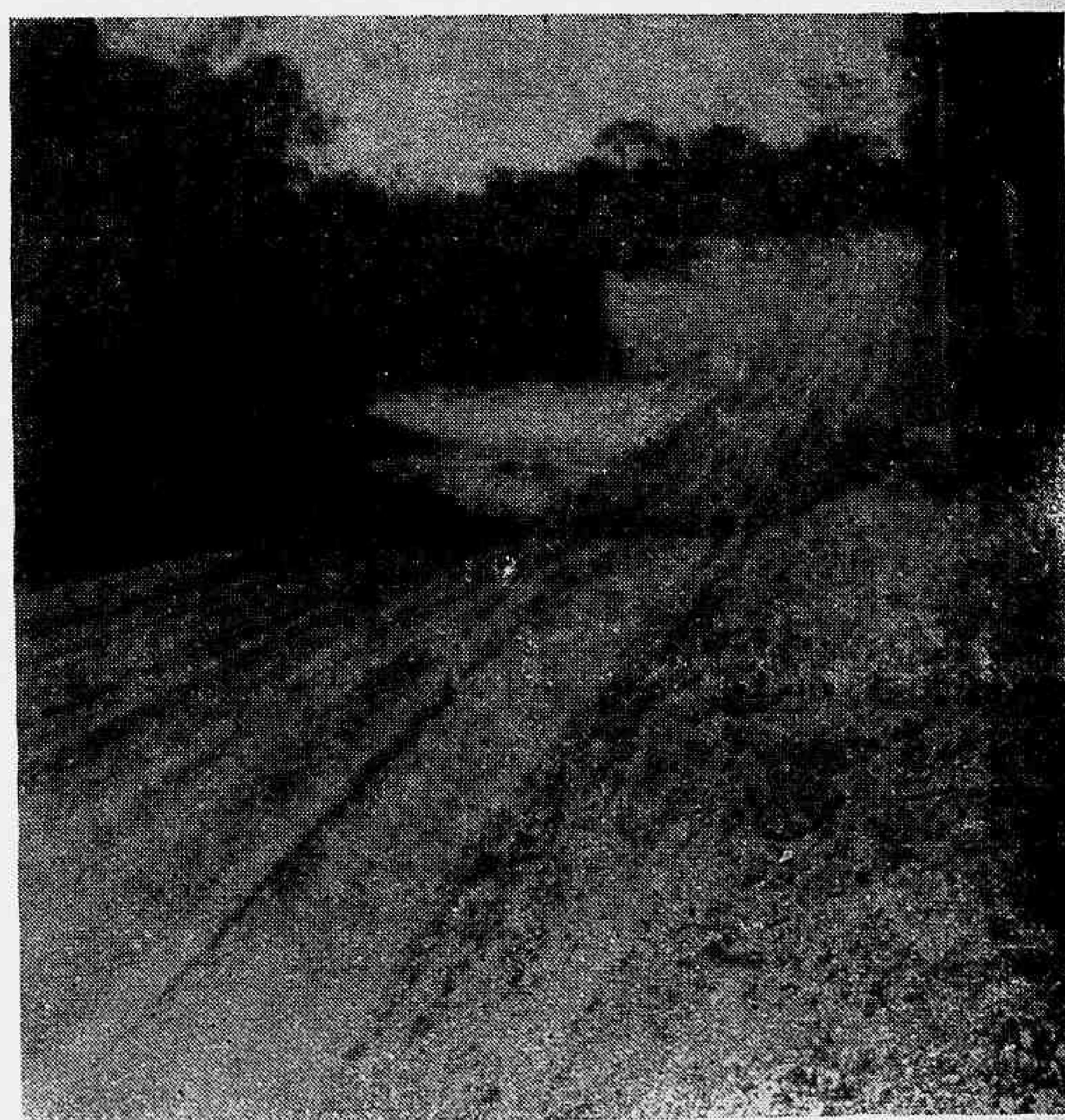
Com respeito à conservação e melhoramentos, o «Programa de Atividades» traçado para o exercício de 1952 foi rigorosamente cumprido nos quilômetros de 0 a 12 da estrada Altamira-Vitória; de 12 a 32, da rodovia PA-19 (Monte Alegre-Mulata) e suas variantes; e de 34 a 52 da PA-13 (Salinópolis-Ourém). Mantiveram-se também satisfatórios os serviços de conservação e melhoramentos na estrada federal BR-16, que futuramente ligará Santarém a Cuiabá (em Mato Grosso). O mesmo aconteceu na PA-22, que liga Lauro Sodré, Monte Alegre e Derrubada, e na PA-20, que parte da cidade de Óbidos, atravessa o povoado Cipoal e termina em São Domingos, tendo-se dado igual tratamento ao trecho de Flexal a Igarapé-Açu. Procedeu-se ao desmatamento sistemático e assentamento de bueiros a 20 quilômetros da PA-24, trecho Geju-Nova Timboteua; nos 17 primeiros quilômetros da PA-22 e ainda do quilômetro 10 a 20 da rodovia Abade-Bujaru (PA-15). Na estrada PA-24, que liga a localidade de Santa Luzia à BR-22, construiu-se uma ponte de 12 metros de extensão sôbre o rio Miritueira.

No varadouro Jatobá-Pôrto da Barca-Marabá, concluíram-se, no primeiro e segundo trechos, os serviços de desmatamento e capina; cêrca de 8 quilômetros, a partir da margem do Itacaiuna, receberam plantação de Jaraguá. Essa via de penetração destina-se ao transporte de gado.




Esta esplêndida autoestrada foi construída pelo D.E.R. para ligar a cidade de Belém à rodovia Belém-Bragança. Trata-se da avenida Tito Franco, que tem início dentro da capital paraense, em cuja saída se entronca com aquela estrada, que servirá à vasta zona bragantina.





Mais dois aspectos da rodovia PA-25, que ligará a cidade de Belém à de Bragança. É uma estrada de primeira classe e será tôda ela asfaltada.

# CORTANDO O PARÁ DE ESPLÊNDIDAS...

**Leito de estrada em preparação, em meio à densa mata que cobre quase todo o território paraense. Em muitos trechos as estradas se apresentam totalmente c o b e r t a s pelas copas do arvoredo marginal.**

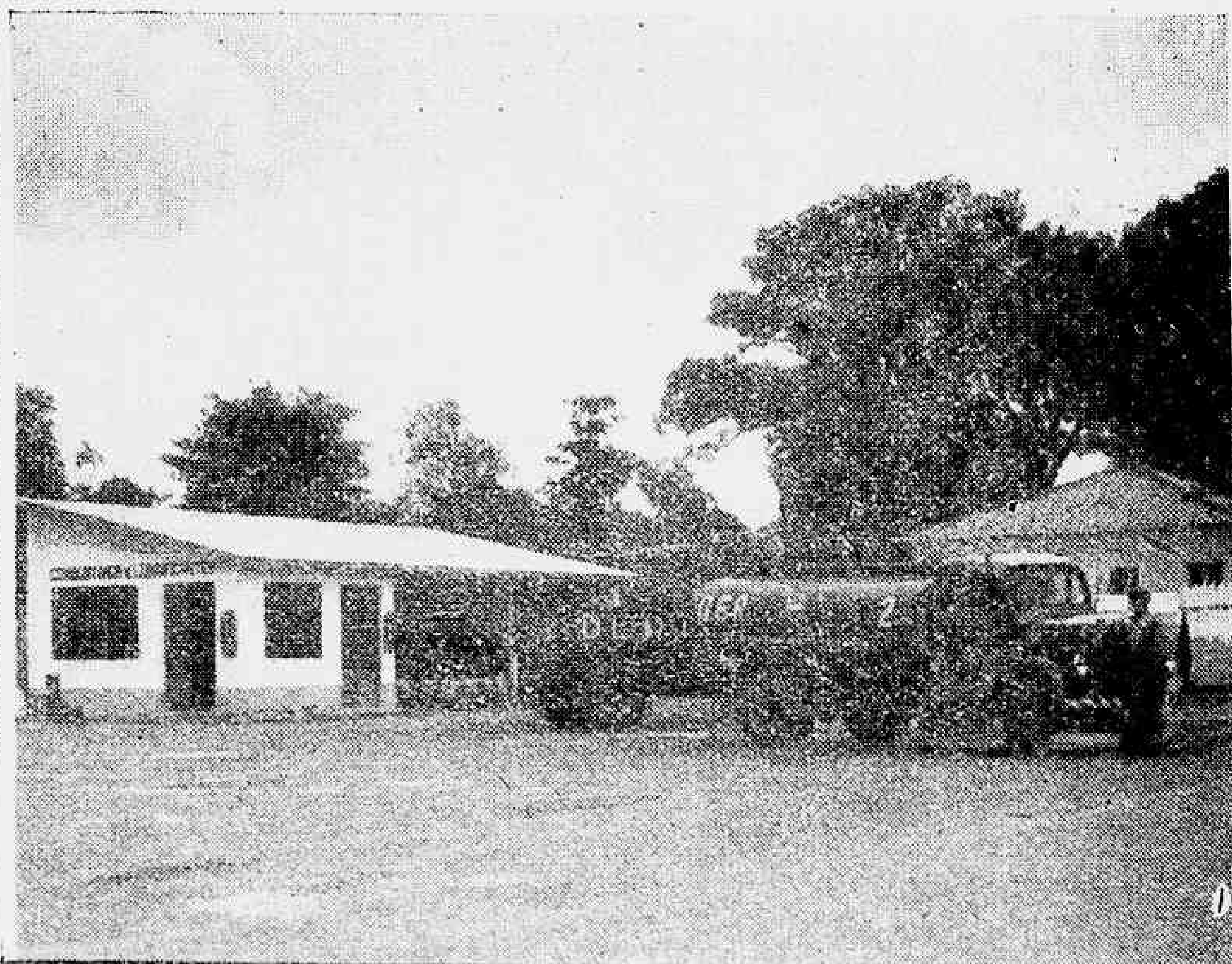
Pela seção competente, foram estudados e projetados os traçados das ligações São Caetano-PA-16 (PA-22); Barro Branco a Castanhal, da BR-22; Jatobá-Pôrto da Barca-Marabá; São Miguel-Irituia, da BR-14; Caraparu-Belém, na BR-22; e os serviços cadastrais da Rêde Rodoviária Estadual, além de outros estudos e projetos diversos. A Seção de Estudos e Projetos prestou serviços ainda a diversas repartições públicas e demais pessoas interessadas que necessitaram de gráficos sôbre as rêdes rodoviárias nacional, estadual e municipal.

A Divisão de Estradas manteve em perfeitas condições de tráfego a Rêde Geral, de acôrdo com o Plano de Obras aprovado para o exercício.

Enfim, tôdas as seções pelas quais se reparte a responsabilidade do D.E.R., de bem servir aos interêsses do povo e da economia regional, apresentaram, em 1952, um alto nível de trabalho, que possibilitou a realização de numerosos empreendimentos, previstos ou não no Plano de Atividades para o exercício, e que absorveu as atenções de uma operosa coletividade de funcionários, dêles exigindo, sob a orientação experimentada e vigilante do diretor geral do Departamento de Estradas de Rodagem, engenheiro Belisário Dias, o melhor da sua dedicação e inteligência, para que os objetivos desejados fôssem alcançados com pleno êxito.

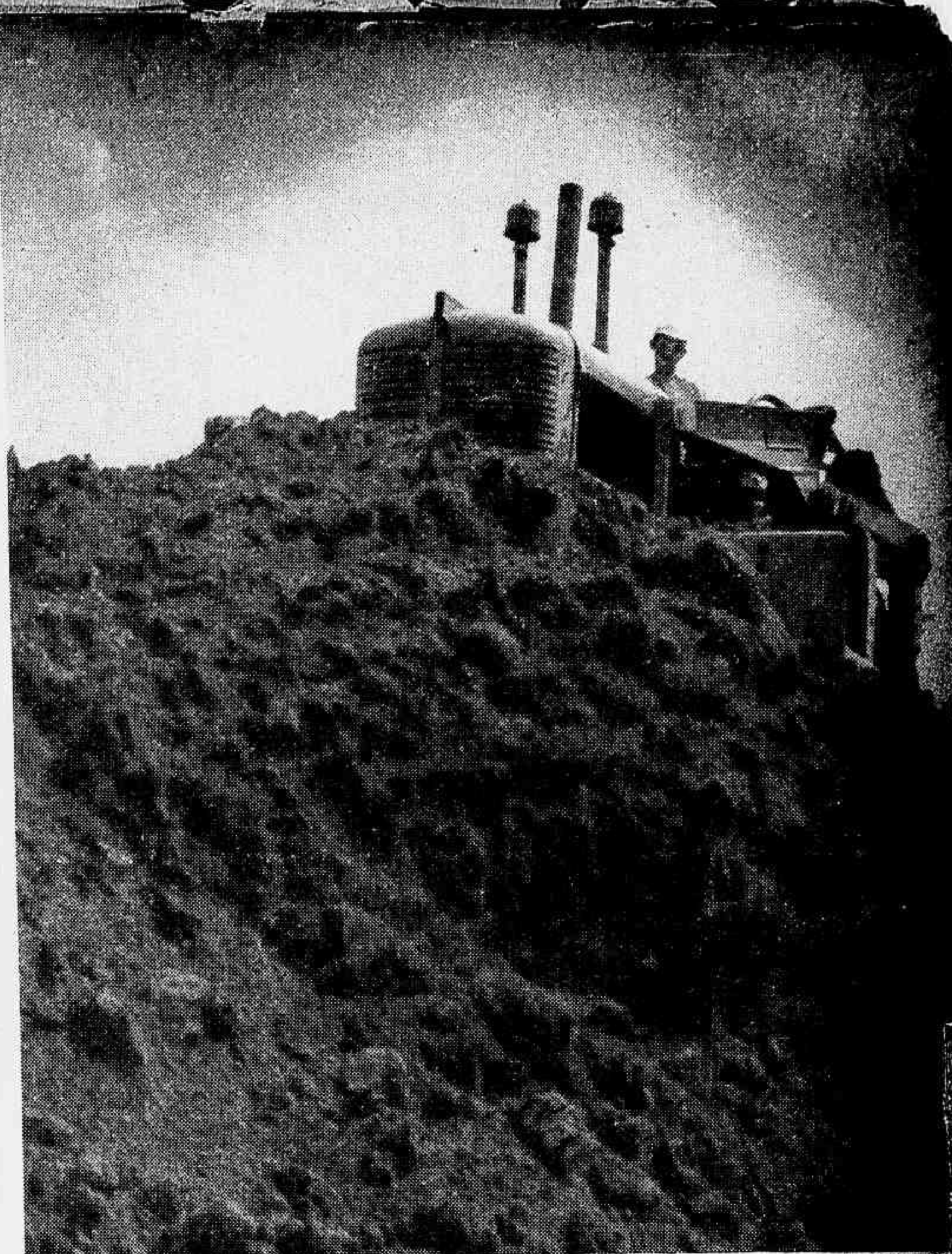
No ano em curso, tudo indica que o D.E.R. irá apresentar o mesmo ritmo de trabalho. A sua receita orçamentária foi estimada em





**À esquerda**, um trecho de estrada, que demonstra a perfeição com que está sendo executado o Plano Rodoviário do Estado do Pará. Em futuro muito próximo, estradas como esta, inteiramente asfaltadas, serão portas abertas ao progresso e à grandeza do território paraense. **À direita**, vista parcial de uma das oficinas mantidas pelo D.E.R. para os seus serviços. A política de «abrir estradas» está sendo uma realidade naquele Estado.



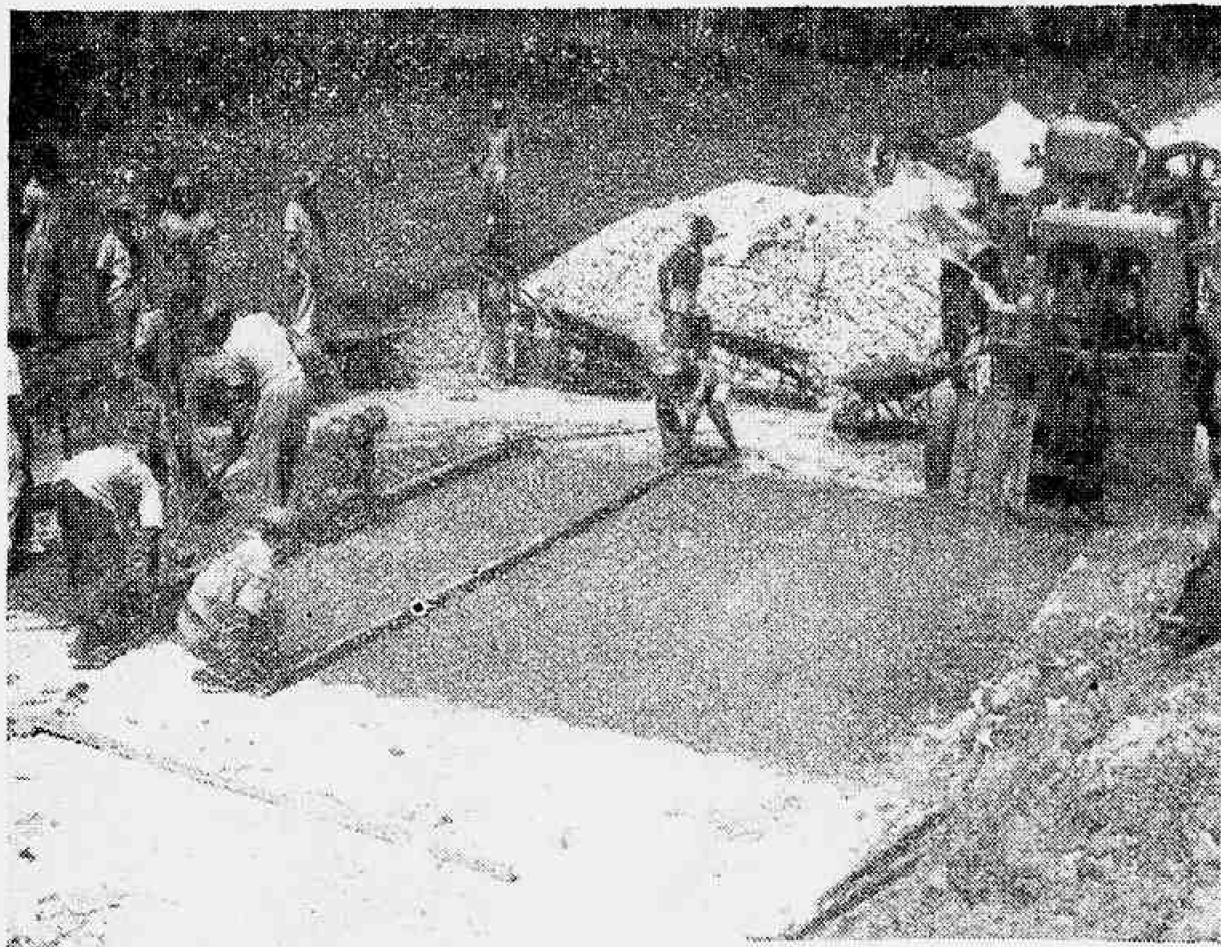


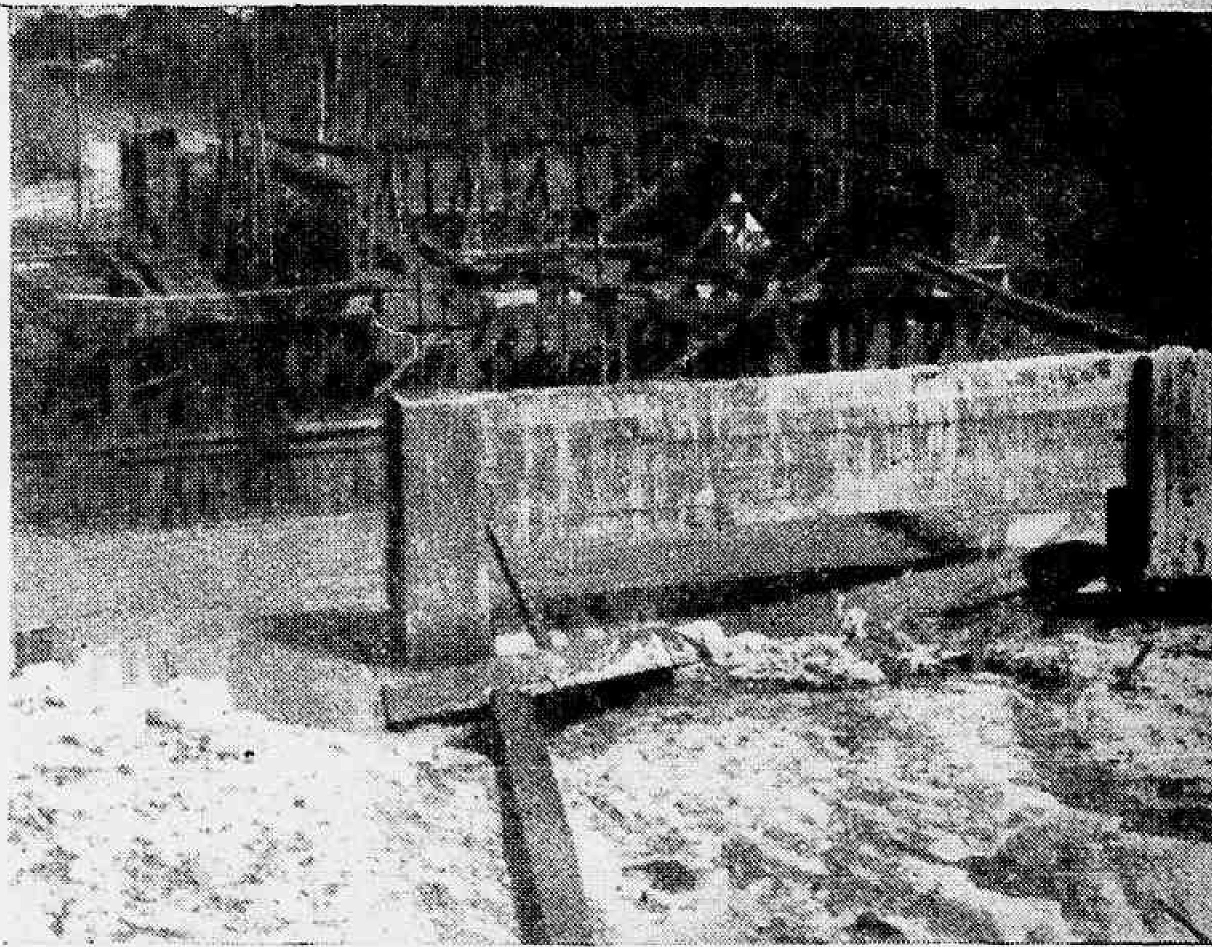
**Construídas com tôdas as exigências da moderna técnica rodoviária, as estradas que hoje estão rasgando o território paraense, em tôdas as direções, dotarão o grande Estado nortista de uma rêde de comunicações de excepcional importância para o seu desenvolvimento econômico. Nesta página podemos apreciar três fases dessas construções, em ambiente hostil, mas que não deixam de ser perfeitamente executadas.**

perto de 57 milhões de cruzeiros, dos quais cêrca de quarenta e cinco milhões serão empregados em obras, equipamento mecânico e veículos rodoviários leves e pesados. A parcela de responsabilidade do Estado do Pará na referida importância será de pouco mais que 9 milhões de cruzeiros, cabendo o fornecimento dos outros quase 48 milhões ao Fundo Rodoviário Nacional, como quota do Pará, no rateio do impôsto único sôbre lubrificantes e combustíveis líquidos, de acôrdo com o que prescreve a lei federal nº 302.

Ponto alto no exercício fluente será a construção dos quarenta quilômetros já estudados e projetados dos trechos Santa Luzia a Velha Timboteua e Nova Timboteua ao quilômetro 114 da BR-22, ambos da rodovia PA-24, que até agora possui construídos sòmente os 23 quilômetros de Nova a Velha Timboteua. A abertura dessa estrada vai exigir a construção de uma ponte de 70 metros sôbre o rio Peixe-Boi.

Para êste ano, o Plano de Atividades do D.E.R. paraense prevê a execução de vultosas obras, cuja importância pode ser aferida pela aplicação das verbas destinadas ao seu custeio, e que assim se distribuem: em construção de estradas — Cr$ 8.750.000,00; em reconstrução e melhoramentos de estradas — Cr$ 8.280.000,00; em pavimentação de estradas — Cr$ 4.500.000,00; em conservação de estradas — Cr$ 4.150.000,00; em construção de obras de arte especiais — Cr$ 4.200.000,00; em veículos, máquinas e utensílios — Cr$ 7.000.000,00; em equipamentos mecânicos e oficinas — Cr$ 5.350.000,00; na ampliação da rêde de instalações — Cr$ 400.000,00; em estudos e projetos — Cr$ 1.300.000,00, e em desapropriações e indenizações — Cr$ 150.000,00. Um programa de enormes proporções, conforme se vê, e que vem sendo cumprido à risca, abrindo ao Estado do Pará novos horizontes, uma nova era de riqueza e de progresso.





**À esquerda, trabalhos de construção da autoestrada que ligará a cidade de Belém à rodovia Belém-Bragança. É ela a avenida Tito Franco, com seu comêço na capital paraense. À direita, ponte em construção sôbre o rio Geju, no quilômetro 4 da rodovia BR-14. Inúmeras obras de arte, desta e de maiores dimensões, são também executadas pelo D.E.R. Com essa visão das exigências do progresso, dá belos exemplos o Pará.**

# A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 11 e 17 de julho de 1953.

(Hemistério Sul)

**Se o leitor nasceu sob o signo do:**

CARNEIRO — (21/9-20/10) — Liberte-se, durante os próximos sete dias, das suas paixões, pois nada conseguirá de ânimo prevenido. Suas chances estarão acima dos seus projetos. Deixe o tempo correr, não procure forçá-lo.

TOURO — (21/10-20/11) — Um periodo de realizações e de satisfações, eis o que o espera. Aproveite a oportunidade para o reajustamento desejado na profissão e para conseguir qualquer sorte de apoio.

GÊMEOS — (21/11-22/12) — Não dê início a nenhum empreendimento de ordem comercial ou industrial, no próximo periodo. Suas possibilidades de êxito, neste particular, estão sèriamente diminuídas. Fique onde está.

CANCER — (23/12-20/1) — Uma possível desarmonia no lar, lhe proporcionará uma onda de maus pensamentos quanto ao futuro e segurança da própria família. Nos negócios, porém, haverá êxito seguro e possibilidades ainda maiores para o futuro.

LEÃO — (21/1-20/2) — Serão muito fortes as possibilidades de uma mudança de rumos. Haverá, igualmente, uma grande tendência para viagens a negócio. Em qualquer das duas direções, será bem sucedido. O momento lhe será favorável.

VIRGEM — (21/2-22/3) — Seu círculo de relações será proveitosamente aumentado, não obstante o perigo de uma complicação de ordem social, com um reflexo desfavorável sôbre sua honorabilidade.

LIBRA — (23/3-20/4) — E' preciso saber esperar. O momento ainda não favorecerá seus empreendimentos. Sua chance será anunciada por suas próprias aptidões. Não force, portanto, a vontade de agir.

ESCORPIÃO — (21/4-20/5) — Seu prestígio estará a pique de uma diminuição e êste perigo estará na razão direta da sua ambição. Não peça demasiado e limite seu preço.

SAGITARIO — (21/5-23/6) — Um sonho aparentemente morto, vai tomar, novamente, sua atenção e enchê-lo de esperanças. O novo periodo lhe será muito favorável não sòmente à realização dos seus negócios como às idéias.

CAPRICÓRNIO — (24/6-22/7) — As moléstias ditas frias, reumatismo, gôta matutina, ciática, etc., estarão rondando sua porta, na próxima semana. Não se exponha ao tempo nem se exceda em esfôrço físico. Nisto consistirá sua imunização.

AQUARIO — (23/7-21/8) — Uma proveitosa semana para suas relações e para as atividades profissionais é o que lhe podemos vaticinar. O novo periodo será uma continuação benéfica do anterior.

PEIXES — (22/8-20/9) — Não obstante o início desfavorável, o novo período findará de modo satisfatório para seus negócios. Dê andamento às suas pretenções certo de vê-las coroadas de êxito.

**Os nomes da semana**

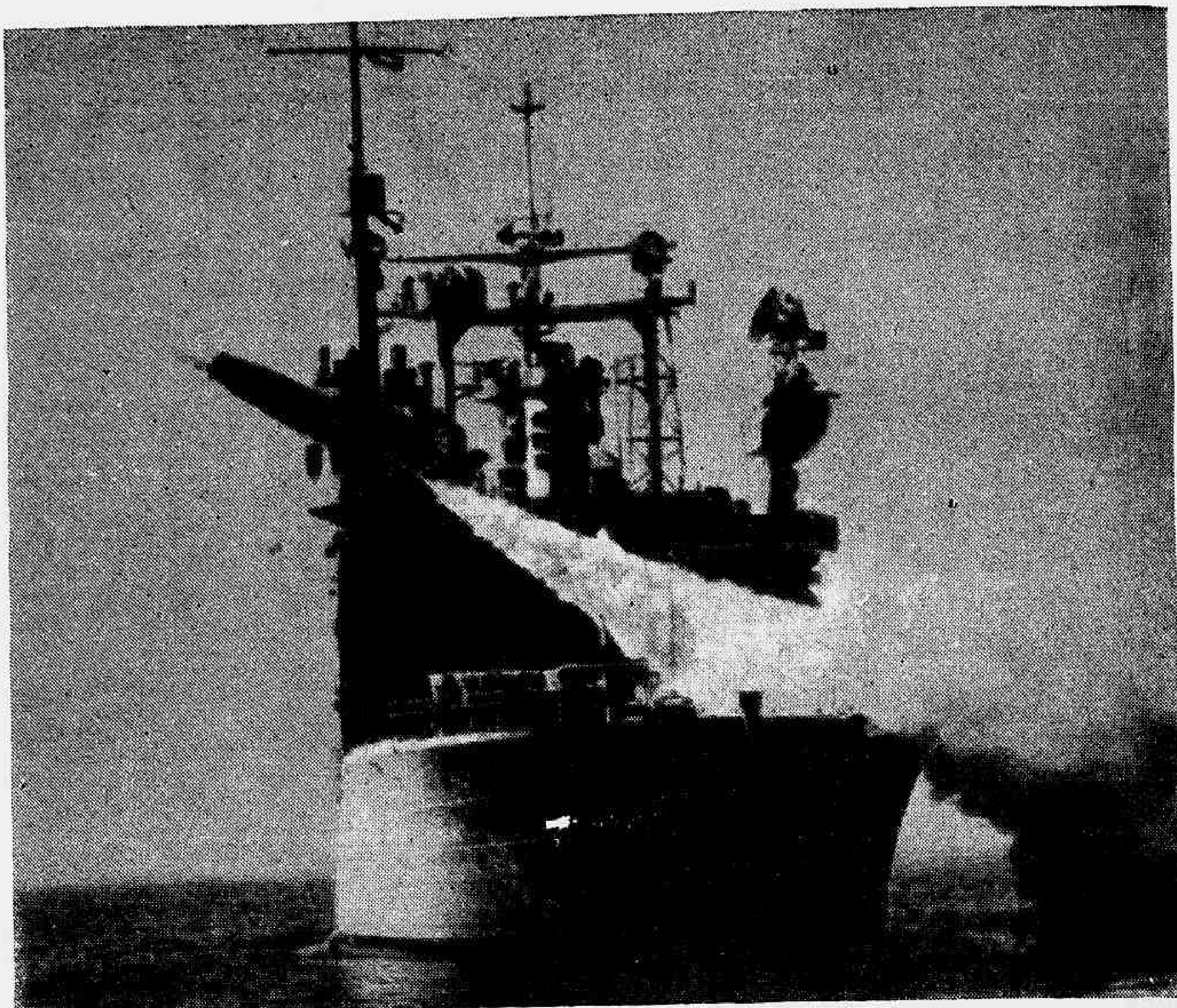
Julho 11 — Milton — Euridice
" 12 — Estevão — Floriza
" 13 — Eládio — Brigida
" 14 — Paulo — Eugênia
" 15 — Inácio — Joana
" 16 — Valentim — Maria.

**Efemérides da Semana**

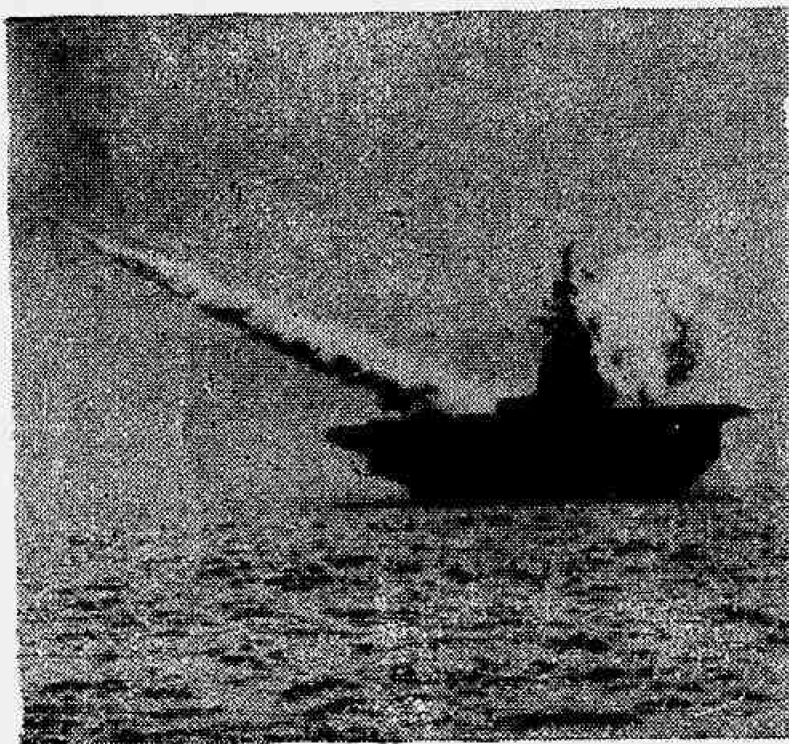
(Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich)

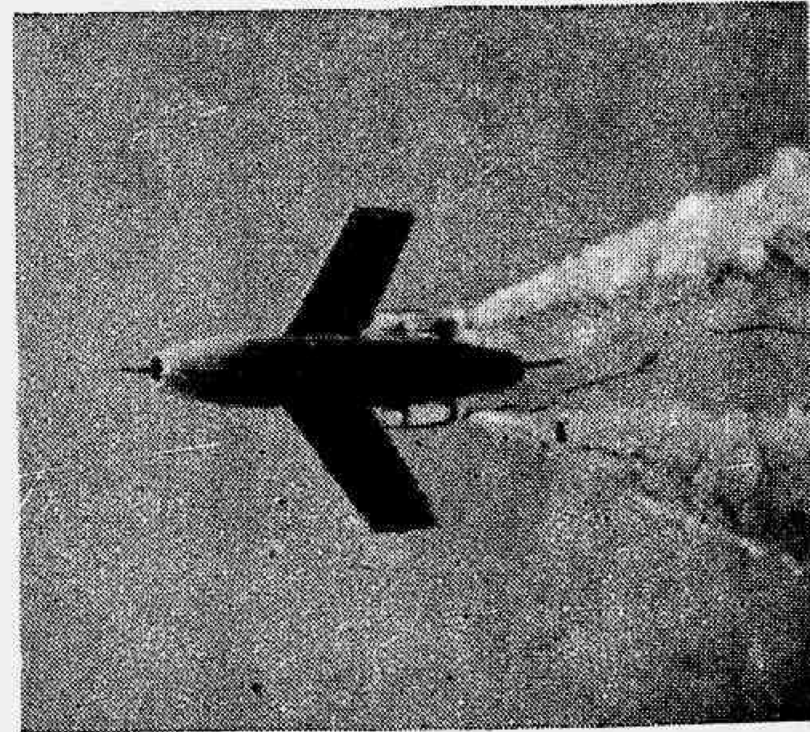
| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Julho | 11 | 18° | 52' | 17'' | (Signo do Câncer) |
| " | 12 | 19° | 49' | 31'' | ( " " " ) |
| " | 13 | 20° | 46' | 47'' | ( " " " ) |
| " | 14 | 21° | 44' | 01'' | ( " " " ) |
| " | 15 | 22° | 41' | 16'' | ( " " " ) |
| " | 16 | 23° | 38' | 32'' | ( " " " ) |
| " | 17 | 24° | 35' | 47'' | ( " " ) |

# JANELA SOB



**SI VIS PACEM... — Depois de quase sete anos de experiências e buscas, a Marinha de Guerra norte-americana encontra, afinal, o mais perfeito transporte para bombas atômicas: o «Regulus». Sua velocidade deverá atingir dois mil quilômetros por hora e sua potência de destruição poderá arrasar cinqüenta quilômetros quadrados de instalações portuárias. O «Regulus», como vemos em várias posições, é seguido em seu vôo por um caça, que lhe dirige o destino por meio do rádio. Podendo ser lançado de bordo de um porta-aviões, êsse novo engenho de guerra dos Estados Unidos é um dos mais terríveis, levando-se em conta a precisão do poder destruidor.**





## ACONTECEU EM MINAS

A 6 de dezembro de 1951, José Lourenço Alves foi prêso como ladrão de uma bicicleta, em Belo Horizonte. Por mais que protestasse, o detento não conseguiu convencer a Polícia. Seu processo havia corrido à revelia, pois o delito ocorrera em julho de 1948, estando José Lourenço da Silva foragido. Mas, tendo sido pegado em 1951, foi trancafiado no xadrez. Contudo, prosseguia êle a jurar inocência. E foi o que se verificou agora, tendo o juiz da 3ª Vara Criminal expedido alvará de soltura. O caso é êste: o ladrão é José Lourenço Alves; mas não o José Lourenço Alves que passou ano e meio nas grades... Incômoda coincidência!

## INCENTIVANDO O TURISMO

Abriu-se, recentemente, uma nova estrada turística no Distrito Federal. É a das Canoas. Maravilhosos panoramas se descortinam naqueles maciços da Gávea: mar, florestas, montanhas, ilhas, praias. Recantos turísticos, deslumbramentos turísticos, não há dúvida; mas, por que motivo, no restaurante das Canoas, seis sanduíches de queijo, fininhos como hóstia, duas médias de leite hidrolítico e um chocolate vulgar, custam 85 cruzeiros? Tudo isso, em confeitaria grã-fina, na cidade ou em Copacabana, custaria, no máximo, uns trinta e poucos cruzeiros. E notem, o cardápio é todo em francês! Isso, naturalmente para facilitar a exploração

# RE O MUNDO

Chega a Buenos Aires uma missão comercial soviética, cujos objetivos são a conclusão das anteriores demarches para a assinatura do acôrdo de intercâmbio comercial entre os dois países, permutando produtos.

● O exército egípcio presta juramento ao presidente da República, em frente ao palácio real de Abdine, o qual foi convertido em Palácio da República. Foram substituídas as insígnias da coroa pelo crescente.

● O govêrno soviético, em comunicação a tôdas as Embaixadas e demais órgãos diplomáticos estrangeiros acreditados em Moscou, avisa a suspensão das restrições de locomoção no país.

● Esperava-se para 25 de junho, terceiro aniversário da guerra na Coréia, a assinatura do armistício; mas, em conseqüência da atitude de Singman Rhee, a situação ficou num impasse, tendo o presidente Eisenhower enviado um emissário especial para uma conferência com o presidente da Coréia do Sul.

● Depois da tentativa de rebelião política na Bolívia, continuam as prisões dos acusados de instigação dêsse movimento revolucionário. Telegramas de La Paz anunciam, porém, que a situação geral do país é de calma, não havendo mais nenhum foco de agitações contrárias à ordem legal.

● Quinze mil alemães da zona oriental de Berlim, adeptos de um govêrno anti-soviético, realizará em Hamburgo uma demonstração silenciosa em favor da unificação da Alemanha. O govêrno da Berlim oriental está providenciando a suspensão da lei marcial decretada a 18 de junho.

**QUEM DISSE ISSO?**

1 — Deus, para fazer brilhar a virtude que se oculta, arma contra ela a língua do invejoso.
2 — Viver não é apenas respirar; é agir.
3 — Custa mais sustentar um vício do que duas crianças.
4 — Em tempo de guerra a primeira vítima é a verdade.
5 — Envelheçamos rindo! Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem.

**(Respostas na pág. 48)**

● Até o dia 25 de junho tinham sido condenados à morte, por fuzilamento, trinta implicados no levante anti-russo da Alemanha oriental. Dizem que, logo que esteja a calma restaurada, dar-se-á a reforma do govêrno da Alemanha oriental, sob a administração do Alto Comissário Semyonov.

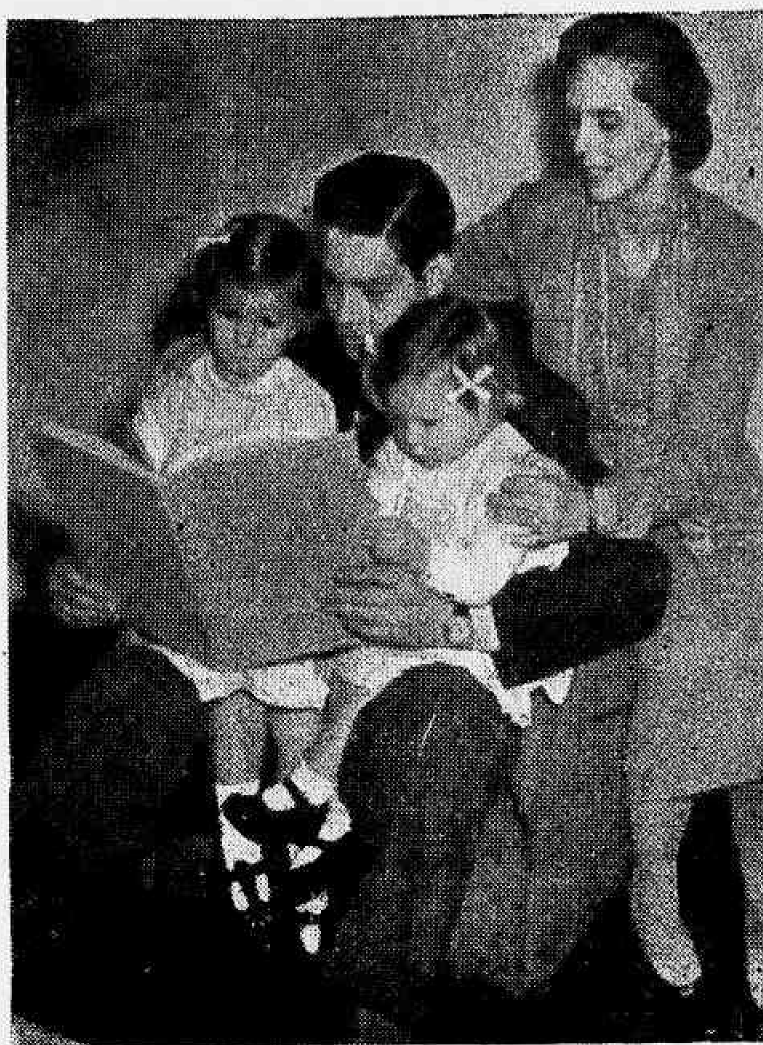
● Chegará dentro de poucos dias à Alemanha ocidental, vinda dos Estados Unidos, uma nova esquadrilha de caças bombardeiros, equipada com "Sabres F-16", do último modêlo. Êsse grupo se compõe de 75 aparelhos com tripulação especialmente instruída para missões de bombardeios.

● Diante das complicações de torpedeamentos por parte de Singman Rhee contra o armistício na Coréia, o presidente Eisenhower reuniu os líderes políticos dos Estados Unidos na Casa Branca, para discutir com êles a situação, que, embora "não sem esperança", se tornou perigosa.

● As recentes mudanças ministeriais no Brasil determinaram suspensão de negociações comerciais entre o Brasil e a Inglaterra, esperando-se, porém, que, tudo assentado no Brasil, sejam reencetados os entendimentos. O comércio entre os dois países está prejudicado pelo débito brasileiro.



**RITA RESSURGE — Rita Hayworth, a famosa Gilda, depois de ocupar o noticiário da imprensa mundial em virtude das suas desavenças com o milionário oriental, obtém divórcio e reingressa no cinema norte-americano, de cujos estúdios estivera afastada durante seu casamento.** Mais resplandecente do que nunca, Rita aparece em próximos filmes, cantando, dançando, intrigando amantes e matando de ciúmes as mulheres. Falou-se que faria um filme de touradas em Sevilha, tendo como galã o «matador» Dominguin. Seja em touradas, seja em cabarés de sensação, o fato é que a irrequieta «estrêla» voltou, livre e desimpedida.



**REIS SEM TRONO — O rei Miguel, da Rumânia, que abdicou em 1947, foi viver tranqüilamente na Inglaterra, país ideal para os que perdem direitos, mas que precisam viver à sombra de outros direitos. Sem qualquer esperança de voltar à sua pátria como soberano, Miguel se dedica até hoje ao bem-estar de sua família: sua espôsa, a ex-rainha Anne, e suas duas filhas, de três e quatro anos. Por ocasião das festas da coroação de Elizabeth II, quantas recordações no espírito do ex-rei! Mas um trono — de todos o mais valioso — êle ainda possui: o amor da família, a dedicação da espôsa, a posse dos filhos. Não é o bastante?**

# PUXE PELO CÉREBRO

**NOSSA COLUNA DE TESTES**

1—Antes de sua emancipação, o território de Alagoas estava incorporado a:
— Pernambuco?
— Sergipe?
— Bahia?

2—Plácido de Castro, herói da revolução acreana, era:
— Cearense?
— Paraibano?
— Gaúcho?

3—De quem é esta sentença: «O historiador não deve ter pátria nem rei»:
— Almeida Garrett?
— Victor Hugo?
— Capistrano de Abreu?

4—Que quer dizer «túnica inconsútil» de Cristo:
— Por obrar milagres?
— Por não conter costuras?
— Por ser de matéria fluída?

5—Porque é famosa a cidade alagoana de Pôrto Calvo?
— Por ter morrido ali o Zumbi?
— Por contar com um vulcão extinto?
— Pela execução de Calabar?

6—Em que serra fica o ponto culminante do Estado do Ceará:
— Na de Maranguape?
— Na de Baturité?
— Ou na do Araripe?

7—Em que Estado fica a cidade de Óbidos:
— Pará?
— Amazonas?
— Maranhão?

8—Quantos quartos, salões de jantar, salas de estar e bares, possui o Waldorf-Astória, de Nova Iorque:
— Cêrca de 3 mil?
— Mais de 4 mil?
— Exatamente mil e duzentos?

9—De que se originou o nome de «março», terceiro mês do ano:
— De Caio Marcius?
— Do deus Marte?
— De Marcionilo?

10—Quantos papas alemães já houve:
— Nenhum?
— Três?
— Cinco?

11—Buda, fundador de um culto religioso e místico na Índia, foi:
— Contemporâneo de Cristo?
— Viveu 568 anos antes de Cristo:
— Ou 102 depois de Cristo?

12—Em que país do mundo havia o costume de gravar-se na sepultura do morto o nome do médico que o tratou:
— Na Groenlândia?
— Na China?
— Na Alemanha?

13—Qual o país que extrai mais ouro de suas minas:
— O Brasil?
— A Rússia?
— O Transvaal?

14—A quem se deve a invenção do relógio metálico de rodas dentadas:
— A um ferreiro suiço?
— Ao Papa Silvéstre II?
— A soldado de Alexandre Magno?

15—Quantos desenhos isolados são necessários para a produção de uma película de desenhos animados:
— 150 mil?
— 30 mil?
— 12 mil?

**Resposta 0: estado primitivo — Homem macaco.**
**De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.**
**De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.**
**De 7 a 11: cultura superior — Universitário.**
**De 12 a 14: um sábio.**
**Tôdas as 15: um gênio em pessoa.**

(Respostas na página 48)

# GOAL ESPETACULAR o ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado de 1953




CR.$ 15,00

A VENDA DIA 11 EM TÔDAS AS BANCAS


# CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● L. OSVALDO (Rio)

SONHO — Eu criava uma cobra com muito carinho. Depois, ela começou a ter ciúmes de mim, porque resolvi tomar conta de um filhote de tigre prêto. Fugiu. Fui procurá-la, porque gostava muito dela. No muro encontrei outras cobras, tôdas mortas, com as cabeças esmagadas. Ao olhar para o fundo do quintal, avistei a minha cobrinha num buraco, mas, quando fui apanhá-la, ela me mordeu na mão direita, o que me assustou muito, pensando que ia morrer.

INTERPRETAÇÃO — A serpente (sua cobrinha) representa na simbologia ocultista o homem, isto é, o «eu», com todos os seus defeitos astuciosamente escondidos, e é natural que a tratemos com todo o carinho. Essa serpente astuciosa, cheia de mil artifícios, exige de nós tôda atenção (ciúmes), e se damos liberdade a outros sentimentos, não menos perigosos (filhote de tigre), a áspide se revolta e investe contra nós. Nosso subconsciente é um pequeno zoo; nêle dormem muitas espécies de animais bravios... Nós é que devemos, pelos nossos bons sentimentos, domesticá-los, para que nos obedeçam e não nos venham a prejudicar (picada da cobra). A picada dessa serpente, L. Osvaldo, não nos mata o corpo, porém abala sempre a estrutura de nossa alma. A sabedoria antiga, além de muitas outras coisas, considerava a serpente como um símbolo do Bem para os bons, e do Mal para os maus... Seja bom, procure ver as coisas que o cercam com os olhos da alma e você terá felicidade e paz. É comum essa simbologia onírica ter seu correspondente na vida de relação externa. Muita coisa poderia falar ainda sôbre serpentes; entretanto, o sigilo que devo guardar sôbre tão nobre animal, me impede de uma explanação mais clara.

● DIAMANTE NEGRO — (Rio).

**SONHO: — Havia sido chamado ao Lóide Brasileiro para assumir meu cargo a bordo de um navio que se destinava à Europa. Chegando ao gabinete do meu chefe, vi sôbre a escrivaninha dois envelopes de ofício com o timbre de uma vara qualquer, que verifiquei ser a Primeira do Ministério do Trabalho, referindo se a mim e a outro colega. Ao dirigir-me às docas, notei que estava em curso uma operação de salvamento, para retirar do fundo do mar um rebocador. Ao sair do recinto, apanhei uma pedra preta e, partindo-a em dois pedaços, saí levando o maior na mão direita e o menor na esquerda. Notei, então, que a pedra tinha um brilho semelhante ao do diamante e pensei que devia mandar lapidá-la para saber-lhe o valor.**

INTERPRETAÇÃO: — E' comum o fato de, uma vez por outra, nos interpelarmos a nós mesmos (seu chefe) e, surprêsos, depararmos com alguma ordem de nosso censor (ofício de um juiz) que, vigilante, nos adverte de que devemos tomar a direção de nosso barco (assumir o pôsto), a nossa consciência, para que não afundemos como o rebocador nas manobras da vida. A consciência quase sempre nos pode salvar de uma possível queda moral ou material, mas, surdos aos seus avisos e chamados, não lhe damos a devida importância (operação de salvamento). O número 2 se insinua em seu sonho como um símbolo andrógino que lembra imediatamente a idéia de par (dois ofícios, pedra dividida em dois pedaços) e me faz ver que sente em seu Eu uma grande falta de alguém a quem ama e elegeu para seu complemento. Você julga que êsse alguém lhe foi entregue pelo Destino para que você a ajude em sua evolução moral e espiritual, mas que, rebelde aos seus conselhos, vai-se desintegrando de encontro ao gigantesco molhe da ambição (pedra partida). Sendo a mão direita a portadora de todos os bens, é claro que você sente a obrigação de amparar essa pessoa e reconhecer-lhe as qualidades (lapidar e avaliar a pedra) para que ela reconquiste a confiança que sempre depositou em você (pedra menor na mão esquerda), em tôdas as horas amargas (envelope fechado) para que reinem em seu lar a paz e a felicidade. Isso, quando você tiver saído do círculo estreito do ciúme e da desconfiança (sair do recinto).

● MARA — (Juiz de Fora).

**SONHO: — Mudara-me para outra cidade, e ao chegar lá, a casa ainda estava em construção; vi lá dentro uma criança que não conheço, e imediatamente depois já estava conversando com um rapaz alto que me dizia desejar casar-se. Tendo eu perguntado se não era acaso o seu tipo, êle me respondeu que poderia ser, desde que lhe contasse tôda a minha infância, ao que respondi desdenhosamente: — Vá ver se estou na esquina. — Então, êle me perguntou por dois rapazes que havia namorado e eu nada respondi; aí eu já estava no automóvel ao lado dêle, mas saí para dar entrada a uma moça que só conheço de vista, que tomou o meu lugar, levando nos braços uma criança.**

INTERPRETAÇÃO: — Em seu sonho, quer-me parecer que você, ainda muito jovem, esteja cheia de planos (casa em construção) de projetos de reforma de sua natureza interna (mudança de cidade). Pressente que algo está para renascer, ou florescer em seu coração (criança desconhecida). Você tem um espírito equilibrado e sabe reconhecer os seus próprios atos (pergunta feita ao rapaz) e está, de certo modo, disposta a mudar sua linha de conduta e de pensamento (... só se você contar tôda sua infância). Para conseguí-lo, Mara, faz-se mister persistência, espírito de abnegação e o desejo sincero de viver para o casamento, suportando com galhardia os percalços que o Destino lhe mandar, qualidades que, por enquanto, não distingo em seu caráter (estar num automóvel) sendo possível vir a enfadar-se da vida rotineira de uma dona de casa (moça que se sentou ao lado de seu namorado).

● SÔNIA — (Belo Horizonte).

**SONHO: — Sonhei que amamentava uma criança que me sugava com voracidade, ora um seio, ora outro, o que me fazia muito feliz.**

INTERPRETAÇÃO: — Freud, com a autoridade que lhe cabe, diz que a libido — prazer — começa a se manifestar na criança que suga o seio materno. A mulher tem sua natureza igual à do homem mas, por uma distorção da moral, não lhe são permitidos os mesmos direitos. Daí os recalques sexuais mais acentuados nas filhas de Eva. Todo desejo, tôda idéia que procuramos sepultar no subconsciente, faz como uma rôlha comprimida à flor da água: mergulha, mas logo volta à tona. ... [illegible] os caracteres somáticos da mulher, compreenderá perfeitamente o seu sonho. Mas vou ajudá-la a interpretá-lo de outra maneira. Veja se não está sendo explorada (sugada) em algumas das suas possibilidades, veja se, à sua volta, não há alguém que a obrigue a dar muito de si mesma, enquanto você, na sua inadvertência (feliz) não consegue perceber nem ver-se livre de [illegible]. Veja tudo isso e talvez descubra o que está desajustado [illegible]

# ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

**DELÍCIAS CARIOCAS**

**8 — Ontem e hoje**







Que saudades daqueles sorvetes de frutas mesmo!... Eram baratos e gostosos.




É... Mas hoje nem isto o Govêrno soube impedir: o monopólio do sorvete.




Você se lembra de quando havia livre concorrência para o leite?




Sim... Mas agora, só da CCPL (caro, deteriorado, pouco, lavado).




E como era solícito o nosso açougueiro...




Mas hoje êle está por cima da carne-sêca...




E os táxis? Os motoristas chegavam a brigar para nos servir...




Agora é preciso implorar, dizer para onde vai e pagar por fora...




Ah! os doces tempos das casas grandes e aluguéis pequenos...




A coisa mudou! E para onde mudar?...




Sim, sim, nunca se pagou tanto por tão pouco...




E as roupas? E o calçado? E como se comia bem...








**O advogado Sobral Pinto, que, apesar de doente, compareceu ao julgamento e foi o primeiro dos defensores a falar, interrompe a sua exposição para que um dos seus colegas leia alguns artigos do Código Penal Militar. Os réus ouvem, com a maior atenção. Na foto embaixo estam-**



AS nove horas do dia 22 de junho de 1953 teve início, na 1ª Auditoria da Aeronáutica, o julgamento dos oficiais e sargentos acusados de atividades subversivas. Após a leitura do longo processo, o 1º promotor da Auditoria da Aeronáutica, sr. Sílvio Sampaio Barbosa, iniciou os trabalhos da acusação.

No seu libelo contra os acusados, declarou que, no exercício das suas funções, não se deixaria levar por qualquer sentimentalismo. Afirmou que a Justiça Militar era competente para o julgamento dos acusados, o que já ficara decidido em casos semelhantes pelo Superior Tribunal Militar e pelo Supremo Tribunal Federal. Em seguida, frisou que o crime praticado pelos acusados era tanto mais grave quanto se tratava de militares, aos quais incumbia zelar pelas instituições e pela manutenção da hierarquia militar. Ao invés disso, êles, **pagos para defender a Pátria, preferiam traí-la,** abraçando um regime que só malefícios poderia trazer ao nosso país.

O promotor passou a fazer a acusação individual dos trinta e um envolvidos nessas atividades de indisciplina e subversão, caracterizando a ação de cada um. Inicialmente, tratou do capitão Sebastião Jorge Brown, dizendo que êle, sob o pseudônimo de José, havia procurado converter os seus subordinados à causa comunista. Em seguida, acusou o tenente Mauro Vinhas de Queiroz, conhecido pelos pseudôni-



pada, os componentes do Conselho Especial de Justiça, que absolveu todos os indiciados.

# TRINTA E UM ACUSADOS E UMA ABSOLVIÇÃO!

OFICIAIS E INFERIORES DA AERONÁUTICA NO BANCO DOS RÉUS ★ DEZESSEIS HORAS DUROU O JULGAMENTO ★ A PROMOTORIA: INDISCIPLINA E SUBVERSÃO ★ A DEFESA: INCOMPETÊNCIA DA JUSTIÇA MILITAR. DIREITO E NÃO CRIME ★ 14 ADVOGADOS CONTRA 1 PROMOTOR.

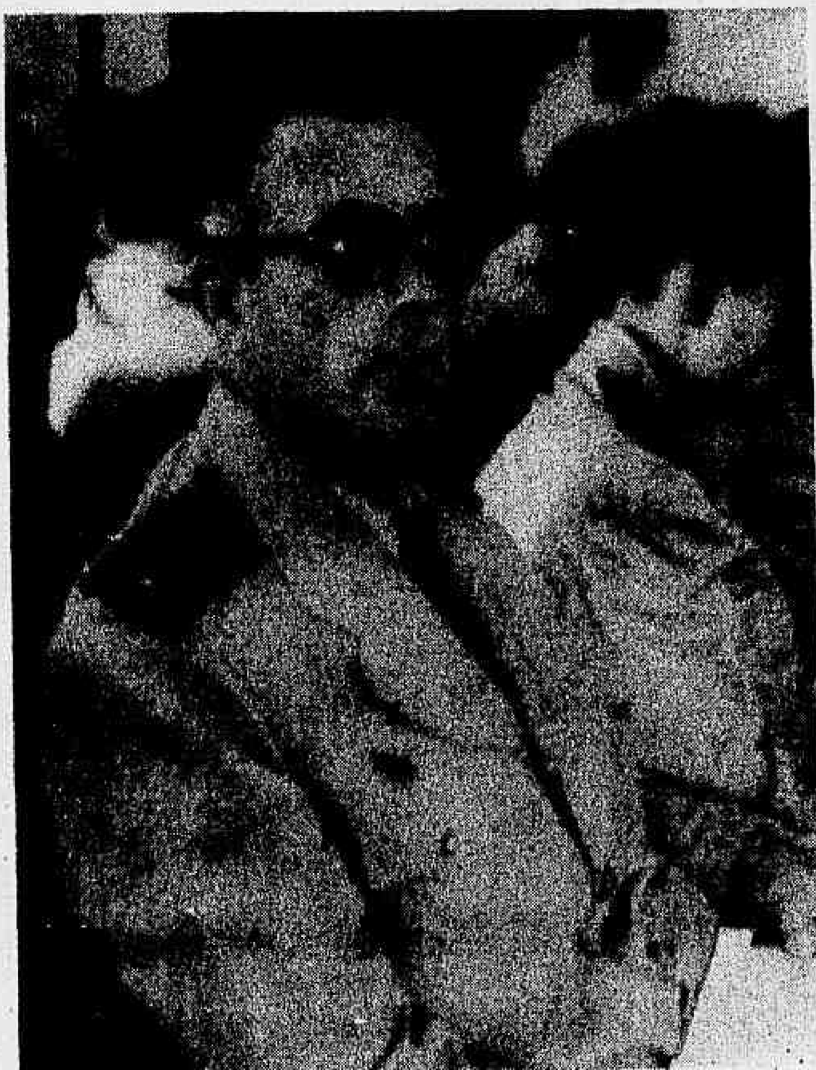
Texto de **SAMUEL AVERBACH** Fotos de **ALBERTO F. LIMA**

mos de Décio e Camarada Joaquim. Ocupou-se posteriormente dos demais réus, que eram: tenente Solon de Araújo Sá, tenente Manuel Artur de Siqueira Freire, tenente Luís de Paiva e Silva, tenente João Rodrigues e os sargentos Lúcio de Resende e Silva, Aguinaldo da Rocha, Amaro de Oliveira, Joaquim de Almeida e Silva, Moacir Rodrigues dos Santos, Pascoal Garzola, Hélio Espínola Costa, Lavoisier da Silva Freitas, João Trautman Júnior, Hélio Ribeiro de Carvalho, José Vanderlei Nóbrega e ex-sargento Heitor Alves do Amparo, foragido. Quanto aos demais acusados, tenente Milton Castro, sargentos Murilo Pinheiro, Hélio Ávila Marcondes, Anatole Ramos, Ezequiel Antônio Lima, João Abalada, Francisco Coelho, Carlos Eugênio Vilaverde, Leônidas de Queiroz e Sousa, Arsênio Lacorte, Adail Rios, Amaro de Oliveira e ex-sargento da reserva Joaquim Lino da Silva, o promotor entendeu que o papel dêles fôra de simples curiosos e que abandonaram a tempo a trama comunista. Para os primeiros pleiteou a condenação, de acôrdo com a pena cominada no artigo 134 do Código Penal Militar («Incitar a desobediência, a indisciplina ou a prática de crime militar: dois a quatro anos de reclusão»), e para os últimos pediu justiça.

★

Em seguida, o Conselho de Justiça, sob a orientação jurídica do auditor Eugênio Car-

(Cont. na pág. 47)









**Quatro dos réus que compareceram ao julgamento: o oficial, de óculos, tem uma expressão calma e confiante, como a antecipar o veredito; outro, em trajes civis, presta atenção ao que diz um dos advogados da defesa; o sargento não parece perturbado com o desenrolar dos fatos.**

# À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

O pensamento não se liberta inteiramente de sua origem memônica. A despeito de ser organizado da experiência, não existe, todavia, senão na medida em que a fixação dos liames associativos assegura aquisição de experiência. Reside nessa antecipação que resulta do jôgo do reflexo condicionado e se traduz em tôdas as formas da conduta, a forma primitiva da experiência que permite ao organismo preparar-se antecipadamente contra certas ameaças, ou dispor-se, também antecipadamente, a certas conquistas. Basta que se veja uma tangerina para que se desperte a percepção antecipada do seu sabor agradável e para dirigir os atos que se renove a experiência desejada. O que caracteriza a percepção é o ato do pensamento elementar, mas já pensamento. O fundamento da atitude e do pensamento por analogia desempenham papel considerável na vida dos animais e do homem. Entretanto, a experiência se matiza e se perturba se o observador, isto é, o experimentador, sofrer algo que o iniba. Isto condiciona uma suspensão da tendência analógica.

O processo fundamental do simbolismo é representado pela linguagem. Simbolismo que não é de origem social, mas que resultad as 'eis do pensamento individual que produzem atitude analógica. O ruído da colher no prato torna-se, para as crianças, o símbolo de sua refeição. O símbolo do animal que late é o latido do cão e, por extensão analógica, é, igualmente, para a criança, o símbolo de vários animais, de sorte que, ao pronunciar o «au-au», estará ela exprimindo a forma de verdadeira reação simbólica, todo um conjunto de experiências possíveis.

● J.N.S. — São Paulo:

Considera-se inteligente todo aquêle que compreende depressa e o que manifesta espírito crítico avisado ou o que revela capacidade criadora e realiza invenções fecundas e de merecimento. Comte definia inteligência como a aptidão para modificar a conduta conforme as circunstâncias de cada caso.

● M.L.R. — Recife:

1) A emoção sexual se caracteriza, afirma Rey, por uma obsessão de imagens sob o ponto de vista representativo, e de movimentos orgânicos que se aproximam dos da alegria e da simpatia, e cuja influência é nitidamente preponderante. 2) O sentimento, sendo o resultado da evolução de emoções complexas, pode-se ver na paixão um regresso do sentimento para a forma emotiva. É uma forma anormal, mórbida, patológica da vida afetiva.

● J.J. — Curitiba:

Quando estamos possuídos pelas emoções de «mêdo», estamos em estado de espírito «negativo», isto é, o nosso desejo limita-se à mera expulsão de qualquer coisa, sem cuidar do que tomará o seu lugar. Neste estado de espírito, pode haver, inquestionàvelmente, pensamentos genuínos de suicídio espiritual e social, assim como corporal. Qualquer coisa, em tais momentos, de modo a fugir e a não ser! Mas tais condições de frenesi suicida são patológicas em sua natureza e morrem de encontro a tudo o que é regular na vida do Eu no homem.

● E.F. — Petrópolis:

As Náiades eram ninfas que imperavam sôbre os rios, os riachos e as fontes. Viviam nas grutas próximas dos mares, às margens dos córregos, sem desdenharem as frescas sombras dos bosques. São representadas por jovens formosas, apoiadas sôbre uma urna, da qual flui a água, ou levando na mão uma concha e algumas pérolas. Sôbre seus altares depositavam leite, frutas e flores. **(L. Vitória).**


SORRIA SEMPRE ASSIM...

Prolongue a sua mocidade
PARA SORRIR SEMPRE ASSIM




A juventude
da cútis,
se consegue
com

Antisardina

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI



# O Sonho do MALAQUIAS

ACORDOU angustiado. E bufou: «Uf! Que pesadelo!...». Vacilou alguns segundos. Por fim, sentou-se no leito e procurava as chinelas. Acendeu o abajur para observar o rosto da espôsa. Amélia dormia tranqüilamente. Mas o espírito, perturbado pelo sonho tão torturante em detalhes reais, fêz Malaquias concluir, bambeando a cabeça: «Quem vê cara não vê coração»...

O plano seria deixar sem ruídos o quarto e ir fumar um cigarro lá na sala. Os cotovelos nos joelhos, apertou as mãos ao rosto. Os olhos novamente nas trevas, reavivou-se o sofrimento, o ciúme a lamber-lhe com língua fria o coração ferido. Então, voltou-se para Amélia e disse:

— Que altas farras, hem, dona Amélia?! — apagou o abajur e levantou-se. Observando que a espôsa insistia em dormir, empurrou ruidosamente a porta ao retirar-se. Na sala acendeu a luz. Ratos e baratas corriam para os cantos em alvorôço. O relógio marcava três horas da madrugada. Sentou-se, exausto, numa cadeira de balanço. Soprando a fumaça do cigarro para o teto, Malaquias experimentou reconstituir no pensamento os detalhes vivos do sonho que ainda, qual luz tênue, lhe bruxoleavam na alma aflita. Primeiro o furto: o tormento de ocultar à pressa tantas notas em tão pequeno embrulho. Depois, a correria, a noite escura, ruas esburacadas e o rumo incerto, hesitante, se deveria fugir com a Zuzu ou com a coitadinha da Amélia... Afinal, chegou, simulando serenidade. Mas estava acesa ainda a luz da sala. Aquilo causara-lhe estranheza. Espiou, o que nunca fizera, antes de abrir a porta. Tornou a espreitar. Que desoladora surprêsa! Saltando como um demônio, contornara o prédio. O suor escorria-lhe pelo rosto. Então, viu claramente a sua desdita. As gargalhadas nervosas de Amélia, quando a sombra infame, em vias de a beijar, agarrava-a pela cintura...

— Malaquias! Venha deitar, Malaquias! — gemeu, sonolenta, lá no quarto.

— Vá para o inferno! — berrou, tapando em seguida a bôca. Não cuidava que o grito fôsse sair tão estridente. Atirou ao chão o cigarro apagado. Esperava que ela aparecesse na sala, vindo acalmá-lo, como fazia outrora, a fisionomia bondosa, paciente, superior, sorrindo. Depois, entre triste e enérgica, abraçá-lo maternalmente, opinando que procurasse um médico, porque aquêles pesadelos, assim tão repetidos, deveriam ser mórbidos. De uma feita, chorou convulsivamente nos braços dela. Recordando-se da cena, Malaquias enxugou os olhos na manga do pijama. Mas a espôsa não apareceu. Pigarreou, tossiu... Nada! O relógio bateu quatro pancadas. Que sono significativo aquêle de Amélia!... Entrementes, recordou-se de que havia chegado muito tarde e já a encontrara dormindo. Sorrateira luz da madrugada começou a branquejar a sala e a sua situação de marido infeliz. Lá na rua barulhava, sonolenta, a carrocinha do padeiro. Casados havia três anos. Não tinham filhos. Seis contos custara ao sogro o primeiro neto, de um parto difícil. Porque êle, coitado, ganhava pouco: era funcionário público. Então, a mínima conseqüência daqueles pesadelos cruéis de quê a espôsa era infiel, começou a torturá-lo sobremaneira. Era como se penetrasse num túnel escuro de melancolia, até a oportunidade de se desabafar com Amélia, num diálogo infantil, cheio de «tatibitátis». Desta vez, entretanto, nada de pieguices. Cobriu o rosto com as mãos e balbuciou novamente: «Uf! Que pesadelo!»... Depois, para demonstrar superioridade, Malaquias levantou-se e foi ferver o leite, cantarolando o bolero «Dos almas»... Quando começou a coar o café, virou o disco: outro bolero, que melhor se adaptava aos amôres errados de Amélia...

— Malaquias! É muito cedo, Malaquias! — gritou, lá do quarto, abraçou o travesseiro e virou-se para o canto.

A recomendação repreensiva irritou-o. Mas já estava caminhando no sentido do bonzinho, iria até o fim. A bandeja. Duas xícaras. Açúcar. No meio da sala, parou. Bebia o café e meditava na opinião de um médico, que consultara, certa vez, em segrêdo. Anunciava pelo rádio curas de moléstias incuráveis e de operáveis sem operação. Nas horas vagas o tal médico compunha sambas. Logo de início refutara com espalhafato as queixas do Malaquias, fixando nêle um olhar enérgico:

— Qual Freud! — berrou, coçou o queixo e acrescentou: — Êsses sonhos do senhor, se não têm bases materiais de onde promanam... — parou de súbito. Estalou o terceiro dedo contra o polegar e concluiu: — A causa de seus pesadelos é muito outra, meu «velhinho». Olhe: na próxima semana farei uma palestra pelo rádio, ex-

(Cont. na pág. ..)

**Conto de O. GOMES DE CASTRO**

**Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO**



# A BEM AMADA

**Romance de THOMAS HARDY**



**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA**

**O escultor Pierston, que resistira, durante tôda a sua vida, ao casamento, vivendo em procura de um tipo de mulher que fôsse a sua «Bem Amada», tomara-se de amôres por Avícia, filha de uma de suas primeiras noivas. Mas essa jovem tivera um romance na ilha natal, que também era a terra de nascimento de Pierston. O escultor desejava casar-se com ela, apesar da diferença de idades e de cultura. Mas Avícia não quis e lhe revelou o segrêdo: era casada e o marido a abandonara. Pierston passou a tratar de reconciliar o casal, o que conseguiu. Avícia deu à luz uma criança no dia da volta do marido. Os tempos se passam. Pierston faz uma excursão à Itália e ali recebe carta de Avícia comunicando que seu marido morrera, vítima de um acidente na pedreira em que trabalhava. Pierston sente avivar-se as saudades de sua terra e cresce o desejo de rever Avícia. Sem perder mais tempo, viaja para a Inglaterra e vai à sua ilha natal.**

PROSSEGUIU o escultor na sua caminhada e foi indagando sôbre o acidente que vitimara Isaac no ano anterior, e soube que, mesmo assim viúva, muitos pretendentes a rondavam, cercando-a de atenções, o que ela agradecia, não se mostrando desejosa de corresponder a tais demonstrações. Considerando Pierston que não havia razão de ir visitá-la assim tão prontamente e sem prévio aviso, determinou voltar. Era possível que essa atitude sua fôsse a resultante dos vinte anos de separação, e era mesmo natural que se considerassem como estranhos.

Desceu à falda do penhasco, a fim de tomar o trem que o levaria à povoação costeira, que ficava a umas cinco milhas além, onde permaneceria como hóspede por alguns dias. Todos aquêles recantos lhe eram muito familiares, especialmente o trajeto da estrada litorânea, assentada sôbre o extenso banco de pedras paralelo ao mar.

Naqueles primeiros passeios sentiu que o amor à terra de seu berço crescia emocionadoramente. Para qualquer ponto que fôsse, via em tudo uma página do passado, a casa de seu pai, os seus tempos de infância e juventude. A casa que lhe serviu de lar, ali estava, e a ilha inteira era como enorme caracol estendido para o mar. Estava-se na primavera. Os pequenos barcos a vapor começavam a navegar e Pierston nunca se cansava de colocar-se à coberta e admirar tudo aquilo quando bordejava a ilha, descobrindo-se religiosamente ao avistar as ruínas do castelo de Red-King, tendo por detrás a aldeia das pedreiras do Este.

Assim continuaram as coisas, ou, para dizer melhor, assim permaneceram durante vários dias, antes que Pierston cumprisse sua vaga promessa de visitar Avicia. Entretanto, foi surpreendido por uma carta de Avicia, entregue por um portador. Na mesma lhe dizia a viúva que soubera que êle estava na ilha e supunha que estivesse hospedado em algum hotel próximo. Por que não fôra visitá-la, como lhe dissera que o faria logo que chegasse à ilha? Estava sempre pensando nêle e desejava vê-lo.

O teor da carta denotava ansiedade, e sem dúvida teria ela algo que lhe dizer, sem desejar confiar seus pensamentos àquela carta. Pierston ficou bastante curioso para saber o que desejaria ela revelar-lhe, pelo que se pôs a caminho naquela mesma tarde.

Avicia, em quem havia pensado pouco nos últimos anos, principiava novamente a instalar-se em seus pensamentos. Estava êle completamente convencido de que se havia operado mudança radical em sua maneira de considerar as mulheres. Em outros tempos, a personalidade feminina não havia sido outra coisa para êle do que temporária residência do tipo ideal feminino. Agora o seu coração se mostrava inclinado a guardar crescente fidelidade à pessoa da mulher, embora com tôdas as imperfeições de menor vulto, o que, em vez de infundir-lhe desprêzo, intensificava sua ternura. Tão sisudo sentimento, embora mais nobre e delicado, não era tão conveniente como o antigo, pois podia experimentar ardores de paixão como na juventude, sem os intervalos recuperativos que haviam acompanhado o seu desvanecimento. Além de outras novidades, soube Pierston que já havia muito tempo não morava Avicia naquela casita de que era proprietária, herdando-a de sua mãe. Procurando saber onde estava ela residindo, informaram-no sôbre o caminho para chegar até a nova residência. Que fôsse até a porta ocidental do castelo moderno; logo que o transpusesse, estaria com a casa de Avicia mesmo em frente. Essa casa não era outra que a própria casa em que nascera Pierston, erguida em frente ao canal. Era uma casa cômodamente distribuída em vários aposentos, rodeada de arbustos que só florescem ao sôpro dos ares marinhos. Embora o ambiente fôsse o mesmo, a casa estava exterior e interiormente pintada de novo. Evidentemente, havia morado ali um homem de próspera fortuna.

A enlutada viúva que o recebeu na saleta não era mais do que a triste sombra da segunda Avicia. Mas como poderia êle imaginá-la depois de vinte anos? Não obstante, quase inconscientemente, imaginava-a muito distinta, talvez pelo fato de não se achar êle mesmo assim tão mudado. Ao vê-lo, Avicia exclamou com insopitável espanto:

— Como! O senhor continua o mesmo!

— Precisamente o mesmo... É exato. Eu sou, Avicia, o mesmo.

Respondeu tristemente. Pierston, com efeito, não parecia acompanhar as mutações físicas e fisionômicas do restante dos seus contemporâneos da ilha. Mas, se bem que seu aspecto fôsse de comédia, a índole dêsse sucesso era realmente uma tragédia.

Avicia prosseguiu:

— Pois o senhor está muito bem disposto e conservado. Quanto a mim, as atribulações me acabaram.

— Muito o senti, Avicia.

Avicia continuou a olhá-lo com muita curiosidade e talvez interêsse, e êle compreendia em que estava pensando: que aquêle homem, a quem havia considerado como muito mais avançado no caminho da vida, parecia agora da mesma idade que ela, um seu contemporâneo, vindos ao mundo na mesma data.

Havia ido Pierston visitá-la com o cálido anelo de uma visão que, ao defrontar-se fito a fito, se havia desvanecido. Mas, embora desiludido com a cruel realidade, estava bastante firme para não se deixar amolecer por isso.

Conversaram sôbre os tempos passados, da antiga intimidade, que ela então desprezara tanto, e que agora a estimava muito mais do que êle. À proporção que a visita prosseguia, ia ela conquistando ascendência. Pierston sentiu que entre êle e Avicia havia estranha intimidade, pois que ela estava morando na mesma casa em que êle nascera. Avicia se casara com um Pierston, Isaac Pierston, e a igualdade dos sobrenomes, somada à identidade do domicílio, aumentava a sugestão do caso, inspirando sucesso.

— Aqui costumava eu sentar-me quando meus pais eram vivos — disse êle, acomodando-se a um ângulo da lareira, de onde se descobria uma perspectiva através da janela. — Daqui divisava eu galhos verdejantes de um tamarindeiro, justamente por êste tempo; e, mais além, os campos que iam até o mar, descendo pela encosta abrupta. À noite eu via o mesmo farol flutuante que ali mesmo cintila. Vem, Avicia, sente-se aqui para me alegrar a alma.

Avicia pôs a cadeira em que se achava no local indicado por Pierston, enquanto êle permanecia em pé junto dela, olhando os objetos familiares que tanto vira em sua meninice. O semblante de Avicia denotava preocupação, e estava — coitada dela! — bastante fatigada para pensar em outra vida conjugal, que não poderia ser muito ditosa. Sua cabeça estava tão pertinho do peito de Pierston, que, se a inclinasse uns centímetros, descansaria nêle.

— Agora, é você a moradora e eu o visitante — disse êle. — Gostei muito de vê-la aqui! Muito me alegro com isso, Avicia! Suponho que você está bem acomodada, não?

Dizendo isso, Pierston passeava o olhar pelos sólidos móveis de **caoba**, o moderno piano, a cristaleira e outros adornos e utilidades domésticas.

— Sim. Isaac me deixou com que passar. Foi êle quem teve a idéia de nos mudarmos da nossa casinha para esta, mais espaçosa. Comprou-a, e aqui posso estar enquanto quiser.

Deixando de lado a relativa adoração de Pierston em relação à amizade que lhe devotava, não podia deixar de haver em tudo aquilo tal convergência na situação de ambos, que lhe sugeria a possibilidade de emendar o desvio acontecido à mãe de Avicia, propondo à filha a esperança de um tempo propício. Se já não a amava como quando era ela uma esbelta garôta que pegava ratazanas em seu apartamento de Londres, seguramente poderia contentar-se com a sua companhia durante os anos que lhe restavam. Afinal de contas, estava ela com os seus quarenta, diante dos sessenta do escultor. Tão convincente era o sen-



**Tradução de RENATO DE ALENCAR** **Ilustração de RAMON**

timento de que em verdade podia contentar-se desta forma, que quase estava certo de que contaria em sua velhice com o confôrto e a volutuosidade de uma companheira fiel para descanso de seu inquieto e errante coração.

— Bem, por fim o senhor veio — prosseguiu ela. — Muito lhe agradeço. Não queria escrever-lhe e, contudo, tinha necessidade de avisá-lo diretamente. Poderia o senhor imaginar o motivo que me forçava a vê-lo tão urgentemente, a ponto de ter-lhe expedido duas cartas?

— Intentei descobrir, mas em vão.
— Procure adivinhá-lo outra vez. Talvez seja um motivo insignificante, pelo que espero que me perdoe.

— Posso afiançar-lhe que não poderei descobrir isso. Mas, antes de que você me revele, direi alguma coisa por minha conta. Sempre tomei persistente interêsse por você, e espero que tenha apreciado o seu valor. Quanto à sua pessoa, começou meu interêsse quando, faz dezenove ou vinte anos, pude vê-la naquela casinha da volta da esquina, na ocasião em que aluguei o castelo em frente, para passar umas férias. Mas, em verdade, a origem real data de outros vinte anos antes dêsse, quando era eu um jovem de vinte e um janeiros, e, ao vir aqui para visitar meu pai, encontrei uma delicada mulher, tão parecida com você como se se tratasse de uma imagem viva. Muito atraído me senti para ela, ao vê-la, dias sôbre dias, a passar ligeira sob esta mesma janela, até que a acompanhei, durante algum tempo, em seus passeios. Conforme você sabe, eu não era muito constante em meus propósitos, e tudo acabou de maneira desagradável. Mas, seja como fôr, sua filha e eu somos amigos.

— Ah! Aí está! — exclamou sùbitamente Avicia, cuja atenção se havia desviado um tanto do retrospectivo discurso de Pierston.

Olhava pela janela em direção dos alcantis, por onde vinha esbelta garôta, no caminho em direção à casa de Avicia.
— Ela saiu a passeio — prosseguiu Avicia. — Mas estranho que apareça aqui esta tarde. Vive no castelo da frente, onde serve como camareira.

— Oh! Então é...
— Sim. Tem uma educação completa. Melhor ainda do que a de sua avó. Eu nunca tive educação nenhuma, sempre fui muito descuidada. Então, eu e Isaac resolvemos fazer o possível para educá-la. Pusemos-lhe o nome de Avicia, a fim de perpetuá-lo, como o senhor pediu. Quero que fale com o senhor, pois tenho a certeza de que vai gostar muito.
— Mas... é esta aquêle bebêzinho?
— Sim, aquela que nasceu quando Isaac veio reconciliar-se comigo, a seu pedido.

**(Continua no próximo número)**

# GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

**DESDE TELEVISÃO A UTILIDADES DOMÉSTIAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA". CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.**

As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da REVISTA DA SEMANA e coladas no ALBUM, começaram a ser publicadas na REVISTA nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 156, 38, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até o número presente:

Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.
Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.
Nº 15, de 11-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.
Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64; 10, 153, 63 e 27.
Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.
Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.
Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.
Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.
Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.
Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.
Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.
Nº 24, de 13-6-1953: 148, 24, 48, 77, 133 e 129.
Nº 25, de 20-6-1953: 50, 105, 93, 145, 71 e 118.
Nº 26, de 27-6-1953: 125, 109, 45, 143, 147 e 150.
Nº 27, de 4-7-1953: 157, 158, 159, 160, 161 e 162.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhúma, nº 134 — Rio de Janeiro.


















# A VOLTA DA REDENTORA

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

TEM o sentido da justiça — e é um ato nobilíssimo de justiça nacional — o repatriamento dos despojos da princesa Isabel e do conde d'Eu. Autorizou-o o Poder Legislativo. Cumpre-o o govêrno da República com o aplauso do povo, espécie de pública aprovação daquele gesto de civismo imparcial e oportuno, que não faltou, há trinta e dois anos, à iniciativa análoga, que restituiu ao Brasil os corpos de D. Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina. A volta da Redentora é particularmente grata à sensibilidade democrática da Nação. Fala às suas mais delicadas emoções. Recorda-lhe sobretudo a mulher, corajosa e altiva, que de um golpe da sua mão gentil cortou as cadeias da escravidão. A única mulher neste continente que dirigiu um Estado. E foi à frente do Estado o que era no seu lar cristão, na intimidade da sua vida simples, na sua discreta existência e nos seus pensamentos tranqüilos — a mãe de família informada pelos sentimentos tradicionais de suas patrícias, igual a elas na firmeza de suas crenças, nos seus escrúpulos de consciência, no vago desprêzo pelas idéias frias e pelos egoísmos ávidos, na sua capacidade de renúncia e de amor. Pois trocou a segurança do trono pela glória da Abolição — e para continuar coerente com a sua fé, fêz da causa dos negros a imolação voluntária da coroa.

O perfil histórico dessa princesa de boa memória não oferece complicações psicológicas nem incidentes desconcertantes, na sua límpida continuidade, de infância sem luxo, de juventude sem romance, de felicidade sem arrogância, de queda sem teatralidade, de exílio sem palavras, de velhice sem queixumes — como devia ser, na sua dignidade suave, a biografia de uma romana. Debalde lhe procuraremos, na descrição dessa longa existência, as angústias da imaginação refletindo-se na conduta perturbado, as ansiedades da ambição a se projetarem na sua paz interior, qualquer dessas impaciências de ação e renovação, que costumam dar ao retrato dramático das rainhas — na sua galeria clássica — uma originalidade fascinante. Realmente, só a percebemos autoritária e precipitada quando, em 1876, em 1871 e em 1888, dependeram de sua opinião as conciliações que tardavam. A conciliação religiosa, depois do iníquo «processo dos bispos»; a conciliação dos partidos com a humanidade, na lei do «ventre livre», primeiro passo na derrocada do «elemento servil»; e a conciliação da pátria consigo mesma na «lei áurea». Então, foi pessoal, exigente, caprichosa. É verdade que em todos êsses episódios a apoiava o espírito paterno. D. Pedro II impusera ao partido liberal, em 1867, o compromisso da libertação metódica dos escravos: assumira para com o universo a atitude previdente do «libertador». Mas à filha coube a honra de assinar a lei que o visconde do Rio Branco arrancou às resistências irritadas de um Parlamento infenso ao sacrifício. Deu-lhe a solenidade, algo rebarbativa, de um remorso oficial. Não mais nasceriam cativos nestas hospitaleiras terras de liberdade! Também o imperador acedera à política apaziguadora de Caxias, para anistiar os bispos condenados na «questão religiosa». Mas por trás dessa capitulação crescia o zêlo católico da princesa, tão cheia de piedade, que a sua festa diuturna em Petrópolis, no mês de maio, era cantar no côro da matriz — que sonhava transformar em catedral gótica, a sua grande e florida igreja! No episódio da Abolição, porém, é mais visível a sua influência. Ou antes, toma então as rédeas, lança em disparada a velha traquitana do império, excede-se na admirável imprudência, desatenta aos avisos assustados dos conselheiros, aos presságios da oposição e, nesta, às advertências desenganadas de homens como Cotegipe, forrados de experiência e cepticismo. Aí está ela inteira, na decisão estóica, no desafio feminino, muito instintivo e muito deliberado, às conveniências, achando mesquinho e impertinente tudo o que contrariasse a sua grande resolução — a resolução isabelina de antes quebrar que torcer. Alforriaria de uma vez a escravatura, desse no que desse, nem que o manto imperial se lhe despregasse dos ombros, nem que lhe tremesse sob os pés o chão pátrio, nem que a mandassem embora, expatriada, como o seu avô D. Pedro I. Mais do que à política, tinha contas que prestar a Deus. Prestou-as. Aquêle golpe rutilante de extinção do cativeiro foi, na sua moldura de revolução civil, um alegórico golpe de Estado, em que a demagogia dos tribunos se associou liricamente à régia democracia. A apoteose daquela tarde de luz e concórdia, em que a heroína da redenção era individualmente a princesa regente, lhe valeu todos os riscos — da sua temeridade — e tôdas as decepções — do seu destino. Estava paga. E realmente bastou-lhe. O resto foi o séquito das conseqüências, no desfile inevitável dos acontecimentos. Ficou ela de pé, com a lei que a imortalizara, apelidada, daí por diante a Redentora. Faleceu no Castelo d'Eu, a 14 de novembro de 1921.



**A princesa Isabel, filha de Pedro II e espôsa do Conde d'Eu, cujos despojos, e os do marido, vieram para o Brasil a bordo do «Barroso».**



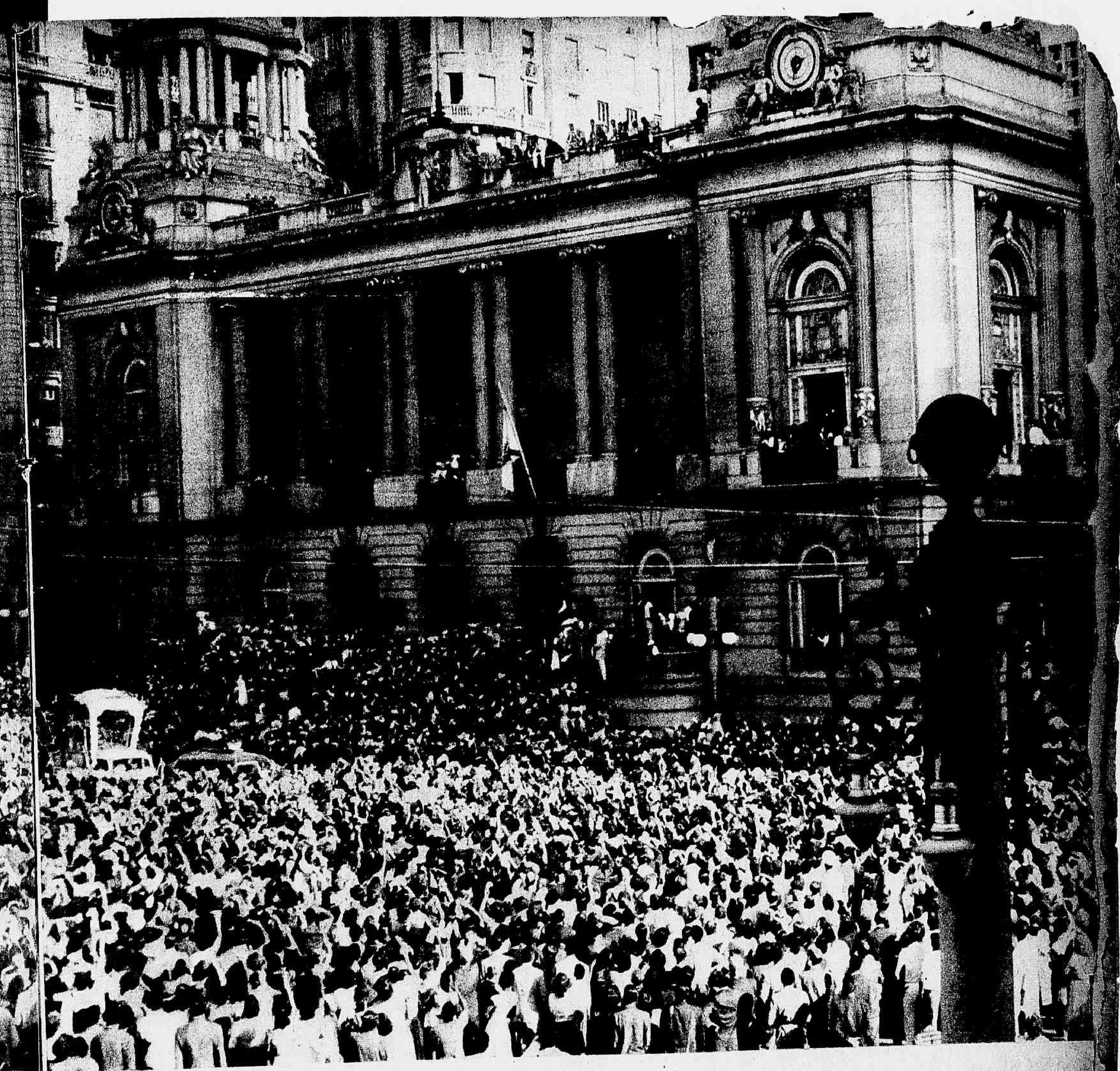

Grande multidão enche a praça Floriano, na Cinelândia, acompanhando Nossa Senhora de Fátima ao aeroporto Santos Dumont.



**O andor de Nossa Senhora de Fátima é conduzido por ministros de nossa Côrte Suprema, quando de sua visita ao S. Tribunal Federal.**

# A DESPEDIDA DE

SE a chegada da imagem peregrina de Fátima constituiu uma das mais empolgantes demonstrações de fé do povo carioca, sua despedida da cidade confirmou os nossos sentimentos religiosos, assumindo proporções indescritíveis na alma da população. Depois de ter visitado muitos bairros do Distrito Federal, desde os mais humildes até aos mais opulentos, a imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida até ao aeroporto Santos Dumont, no domingo, 21 de junho, por uma massa popular incalculável. Mas não ficou apenas nos bairros a visita da Virgem do Rosário de Fátima. Também Ela estêve derramando súas graças às nossas casas legislativas, tanto da União como da cidade, bem como aos mais altos Tribunais de Justiça do Rio. Sempre homenageada pelo povo, a imagem peregrina que Portugal nos mandou e que já percorreu mais de cinqüenta países, seguiu para Belo Horizonte, tendo sido conduzida até ao ponto de embarque por milhares e milhares de fiéis. No instante em que Ela



E

# NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

subia aos ares, a emoção dominou os corações dos seus devotos, vendo-se lágrimas a deslisar pelas faces de muitos presentes, enquanto outros, ajoelhados, rezavam, com seus rosários a perpassar entre os dedos, dirigindo do fundo da alma suas preces à Mãe de Deus. As autoridades e confrarias religiosas prestigiaram a crença do povo e a sua devoção inabalável na Virgem Santa, contribuindo para que tôdas as homenagens prestadas à mesma se revestissem da maior ordem, brilhantismo e disciplina.

Os dias em que estêve entre nós essa imagem idolatrada, foram marcados por intensas manifestações de fé, tendo a imprensa registrado alguns milagres diante de curas sensacionais de pessoas doentes, que compareceram às festas e pediram, com a mais fervorosa fé, a intercessão da Santa Virgem para o fim de seus sofrimentos físicos. E Nossa Senhora de Fátima as atendeu, derramando sôbre suas cabeças as graças com que o céu sabe premiar aquêles que o merecem. Jamais se apagará do espírito do nosso povo a lembrança dêsses dias memoráveis. O Brasil atravessa nesta hora uma de suas mais terríveis épocas, e todos os lábios murmuraram orações a Nossa Senhora para que nossa pátria consiga transpor os obstáculos que se lhe antepuseram, continuando sua trajetória para a vitória final. Um povo sem crença é um povo morto. Os brasileiros receberam com o descobrimento uma herança moral e espiritual baseada na grandeza do catolicismo. Antes de se chamar Brasil, foi Vera Cruz, foi Santa Cruz. Embora

# A DESPEDIDA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Após percorrer grande extensão até o aeroporto, a imensa multidão chega ao último ponto.

prevalecesse o de Brasil, tanto os nossos governos como o povo se mantêm fiéis às tradições religiosas, que vieram com os primeiros povoadores e se instilaram na alma de nossa gente até hoje, numa demonstração de grande unidade de sentimentos. A vinda de Nossa Senhora de Fátima ao Brasil foi providencial. Aumentou sensìvelmente a fé que sempre imperou no coração do povo e muitas conversões se verificaram, trazendo para o rebanho de Cristo ovelhas desgarradas pelos temporais da vida, alimentados pelo ateísmo. Esperemos, confiantes, na intercessão da Virgem de Fátima em favor de nossa pátria, pois os milhões de preces que foram entoadas até seu trono, não podem ficar sem resposta. A misericórdia divina não tem limites, e Nossa Senhora de Fátima não nos desamparará. O povo carioca, desde o mais distante subúrbio até aos mais opulentos bairros atlânticos da zona sul, se prosternou aos seus pés divinos, orando fervorosamente pela felicidade do Brasil e do seu povo, rogando à Virgem Maria o perdão dos pecados e as graças de sua bondade para os pobres sofredores dêste vale de lágrimas. Crianças, jovens, homens e mulheres de tôdas as idades e de tôdas as condições sociais renderam homenagens à imagem peregrina, e suas preces não serão semeadas em vão. As

**Um detalhe do embarque da imagem peregrina já dentro do aeroporto Santos Dumont, quando a Polícia e autoridades se esforçavam para impedir que a massa de povo se aproximasse, o que viria dificultar a trasladação da Virgem para o avião que a levou a outras plagas.**





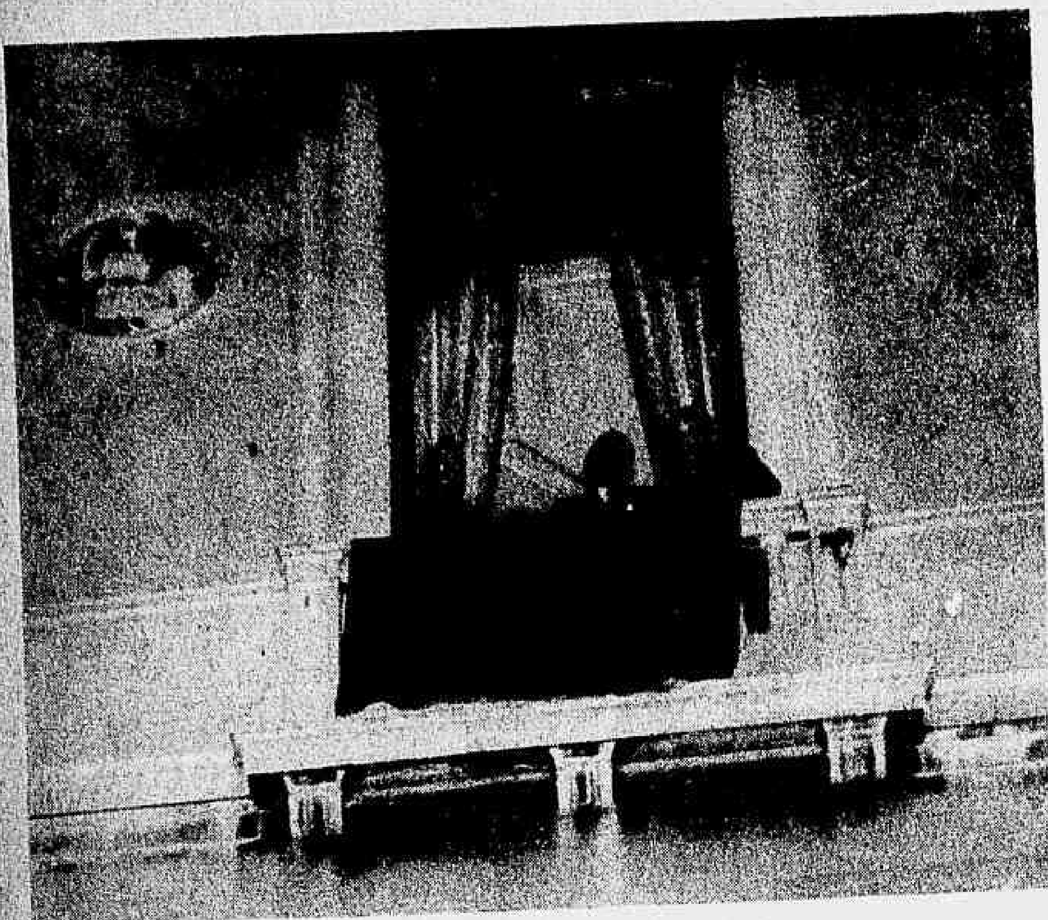
**de homenagens à Virgem, dando-se aí a mais impressionante despedida que a cidade já viu.**

despedidas da Santa foram impressionantes, confirmando a magnificência de sua chegada. Por onde Ela andou espalhou bênçãos e dominou as almas e os corações mais indiferentes. O espetáculo de fé jamais será ultrapassado. Quando o povo vai perdendo as esperanças nas pessoas humanas dêste mundo, sua crença, sua esperança e sua fé aumentam prodigiosamente no poder divino de seus Santos. Nossa Senhcra de Fátima, levada em triunfo pelos bairros do Rio, teve uma consagração deslumbrante no dia de sua partida para Belo Horizonte. O adeus do povo carioca à santa imagem não pode ser descrito, tal a intensidade emotiva que se apoderou de todos. Viam-se lágrimas entre os lenços agitados no ar na hora da despedida; houve prantos convulsos de corações maternos entre o murmurar de uma prece em favor de seus filhos enfermos; houve palpitar de corações a rogar à Mãe de Cristo graças para nossa terra. E depois de tantas demonstrações de fé, como que as almas estavam mais leves, os semblantes mais claros, a vida mais alegre. E enquanto o avião era avistado em direção a Minas, milhares de mãos se agitavam, milhares de lenços tingiam de branco o ar, milhares de lábios oravam, tudo em uníssono, num adeus inesquecível à Virgem de Fátima.

**Ajoelhados, acendendo velas e desfiando as contas dos rosários, homens e mulheres, das mais variadas idades e classes sociais, dirigiam a Nossa Senhora de Fátima suas preces de despedida, cheios de fé e esperança nas graças que Ela pudesse derramar sôbre o país.**



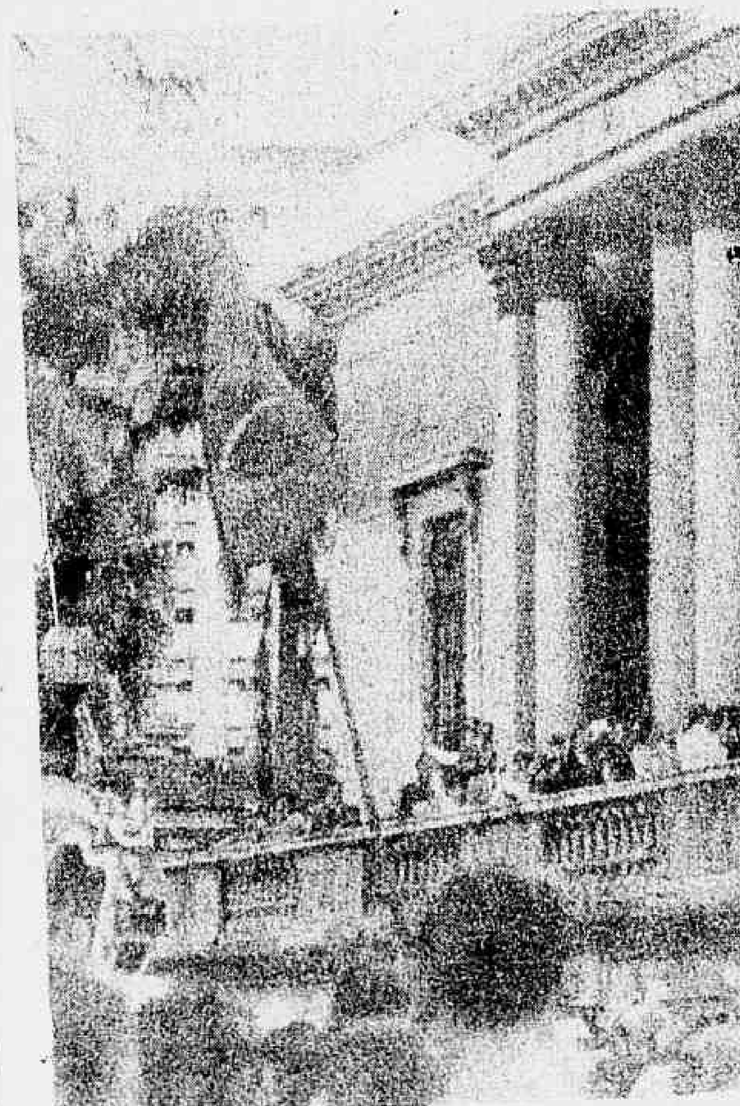
# A DESPEDIDA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

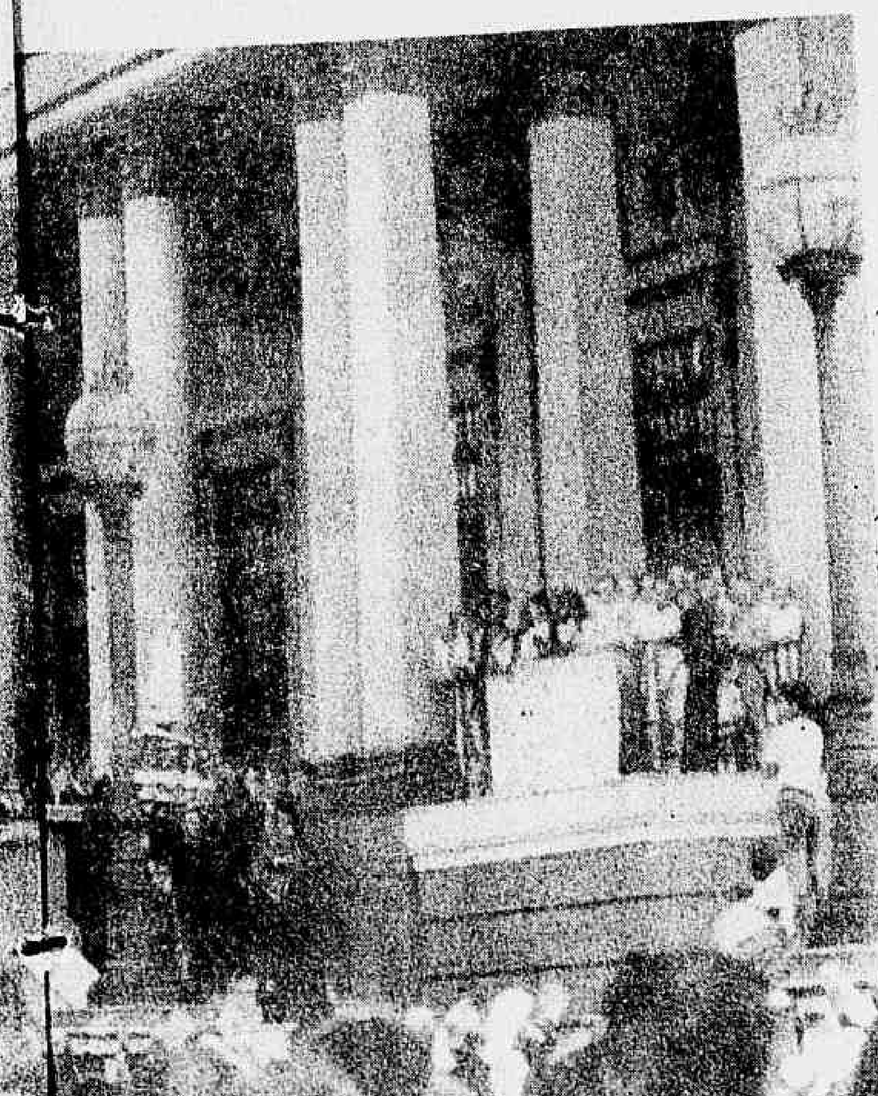


O presidente Getúlio Vargas conversa com o cardeal Jaime Câmara, quando a imagem passa em frente ao Catete. Na outra foto, um momento em que se ia retirar a Santa para o avião.



Antes do embarque, missa campal no aeroporto Santos Dumont, formando o Batalhão de Guardas com a sua banda de música, entre o povo e tôdas as Irmandades desta capital.







Detalhes da visita que fêz a imagem de Nossa Senhora de Fátima à Câmara de Vereadores do Distrito Federal e ao Tribunal Federal de Recursos, no dia de sua despedida.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

# A Fornarina

Por CARLO RICHELMI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

**Resumo do capítulo anterior:**

A Fornarina era a jovem mais encantadora que habitava o Além-Tibre, em Roma. Um dia, o grande pintor Rafael viu-a e desde então seu maior desejo era que ela lhe servisse de modêlo e inspiradora.

A primeira a quebrar o encantamento foi Margarida, que se precipitou correndo para casa, a ponto de esbarrar no pai, à porta:

— Mas, que tem, menina?

— Nada, papai.

Rafael, esporeando seu baio, dirigia-se a galope para a rua «dei Caronari». O coração lhe batia forte. Nêle cantavam uma beleza inspiradora e um amor violento.

O velho Antônio, para repousar de seu trabalho de fabricante de alaúdes, tôdas as tardes encontrava-se com Mestre Francisco no seu jardim. Os dois homens passavam longas horas sentados, em silêncio, saboreando as místicas doçuras da tarde, distraídos apenas pelo vôo de um pássaro ou o barulho da rua. Aquela tarde, porém, o fabricante de alaúdes não podia estar quieto.

— Sabes, Francisco, que fazes mal em deixar Margarida sòzinha grande parte do dia? Sabes que, de há algum tempo, têm rondado cavaleiros aqui em tôrno...

— Que posso fazer? Minha filha só tem a mim como eu só tenho a ela. A quem poderia confiá-la? Por sorte, Margarida é séria.

— É séria, mas também é bela, muito bela. Olhe-a enquanto colhe flores. Até um santo perderia a cabeça por ela. Naturalmente não percebes nada. Tens sempre o nariz nas tuas contas, na farinha ou nos livros. Pois bem, eu não seria um bom vizinho se não te avisasse que surpreendi várias vêzes o divino Rafael a espiar tua filha.

— Rafael? Que havia de querer?

— Talvez desejasse fazer o seu retrato.

— Mas se é a própria Madona quem se digna posar para êle, por que precisaria de Margarida?

— Silêncio. Ela vem para nosso lado.

— Que vais fazer com estas flores, menina?

Algumas, eu as porei sôbre a mesa, mas tôdas as outras desejo oferecê-las a nossa mãe celeste, da Porta Settimiana, para que continue a nos proteger.

— Vai, menina, mas volta logo.

★

Tendo abandonado a palheta e os pincéis, Rafael se aproxima de uma janela de Vila Chigi. Estava cada dia mais cansado e humilhado. Suas obras progrediam a custo e confusamente. Uma jovenzinha, abraçada a um ramo de flores reza diante da Madona da Porta Settimiana.

Sem nem ao menos vestir o gibão, em simples camiseta, precipita-se para a rua, e chega esbaforido aos pés da Madona, enquanto a jovem está arrumando as flores no nicho. Tem ela apenas o tempo de voltar-se. Êle apressa-se a tranqüilizá-la:

— Não tenha mêdo, senhora. Sou Rafael, o pintor da Virgem. Vi-a no seu jardim. Lembra-se?... Suspirava por conhecê-la, poder falar-lhe algum dia.

— Não sei o que pode ver em mim, senhor. Sou apenas a filha de um padeiro. O senhor está habituado à côrte dos cardeais e príncipes.

— Nem ao menos na côrte de um rei poderia encontrar uma jovem assim... No entanto, diga-me primeiro qual o seu nome.

— Margarida — exclamou, quase num suspiro, baixando os olhos sob o olhar ardente do jovem.

Ecoava, no entanto, longe, na rua, o nome amado de «Margarida». O pai, de fato, lhe viera ao encontro, com voz que traduzia alguma irritação, chamava a filha insistentemente:

— Mas, que fazer? Havias dito que voltarias logo...

— Papai, vou já!

O pintor não conseguiu retê-la e em vão procurou seguí-la. Arrebatando, então, um ramo das flores que a jovem havia oferecido ao pequenino altar, murmurou: «Colhi a primeira flor de seu jardim».

CAPITULO II

Por um tácito acôrdo, tôdas as tardes Margarida e Rafael se saudavam, através o muro do jardinzinho. Uma saudação etremeada de palavras apenas sussurradas e de olhares. Quando Francisco estava em casa, porém, mesmo êstes encontros inocentes eram evitados.

Uma tarde, o jovem atreveu-se a escalar o muro. Antes que a jovem protestasse, êle disse:

— Margarida, anseio por fazer o teu retrato. Quer posar para mim? Tenho a certeza de que serás a minha mais bela Madona.

— Meu pai nunca o permitirá!

— Irei procurá-lo. Se consentir, posso ter certeza de que não recusarás?

— Rafael respondeu ao tímido «sim» da mocinha, levando aos lábios o véu que lhe caíra dos cabelos e que êle, galgando o muro, agitou alegremente, em sinal de vitória, repetindo:

— Até logo, Margarida! Até já!

★

No dia seguinte batia à porta do padeiro. Abriu-a Margarida, que não fêz mais que gritar e correr para seu quarto.

Mestre Francisco acorreu e moustrou-se surprêso, ao ver o pintor mais célebre de tôda Roma.

— Oh! O grande mestre em minha casa! A que devo essa honra?

— Se me permitis, quero falar-vos em particular e pedir-vos um grande favor.

Mestre Francisco levou o hóspede para a sala de jantar, apressando-se em desocupar duas cadeiras com pilhas de livros de conta.

— Conduziu-me até aqui — exclamou Rafael — a admiração por vossa filha.

— Muita gente diz que ela é bela... Mas também é boa e afetuosa. Margarida é tudo para mim. Não tenho mais ninguém a não ser ela e ela também vive só para seu pai.

— Margarida é uma pérola. Mas os filhos não podem ser sacrificados pelo amor dos pais. Além disso, vejo que vos preocupais com a sua felicidade.

— Acho que não sou egoísta. Espero que algum dia minha filha me deixe para casar-se. Terei, então, um outro prazer, o de ser avô. Ela tem apenas dezessete anos. E' uma menina...

Mestre Francisco de repente se tornou exaltado, picado por uma suspeita:

— Grande mestre, alguém o mandou aqui para tirar-me minha menina? Peço-lhe que o faça esperar... Minha Margarida não seria um mau partido. Hoje existem poucas moças tão sérias assim. Acho que a tornei uma boa dona de casa. Além disso, dei-lhe uma instrução muito superior à nossa condição de gente simples. Nem mesmo é pobre, porque, se Deus e a Madona da Porta Settimiana continuarem a proteger meu negócio, terá um dote de 300 escudos...

— O bom velho teria continuado a desfiar as qualidades da filha, se Rafael não o houvesse interrompido:

— Não se trata de nada disso, mas de um pedido mais simples, que não vos privará de Margarida. Venho pedir-vos para que dês licença a Margarida para posar para mim.

Mestre Francisco tentou interrompê-lo. Rafael, levantando as mãos, como a implorá-lo, continuou:

— O Papa Júlio II pediu-me uma Madona, para colocar numa das capelas do Vaticano. Não consigo, porém, encontrar um modêlo que tenha os traços de nossa Mãe Divina. Sòmente vossa filha...

— Mestre, pedis-me o impossível. A gente simples como nós é fàcilmente alvo de murmurações. Todos, no bairro, ririam de minha filha e, mais, de mim... Mas, não é a própria Madona quem desce do céu para servir-vos de modêlo? Como, então, tendes necessidade de minha filha?

— Sois muito inteligente, mestre Francisco, para levar a sério tal lenda. Além disso, do momento que se atribui à própria Madona o ato de me servir de modêlo, isso não pode ser desonroso, como temeis. Não peço o impossível. Promet-vs que Margarida posará na Vila Chigi, a poucos passos daqui, e ficaria contente se vós também lá fôsseis.

— Não insistais. E' impossível! Margarida é meu único bem. Deixo-a sair apenas para ir à missa, aqui perto, na igreja de Santa Dorotéia. As raras vêzes que passeia nas margens do rio, ou que vai beijar os pés de São Pedro, sou eu que a acompanho. Quero que seja assim, até o dia em que a acompanharei ao altar.

O velho se levantou como para significar que qualquer insistência seria vã.

Vendo-se derrotado, Rafael tentou apelar para os mais poderosos de seus protetores:

— Sinto muito, porém, nem o Papa Júlio II, nem o Magnífico Agostinho Chigi aceitarão minha explicação, quando lhes disser que não estou em condições de executar as suas ordens. Pedirei ao próprio Magnífico Agostinho para vir aqui, a fim de demonstrar a seriedade de meu pedido.

Na alma simples de mestre Francisco, os dois nomes citados por Rafael — diante dos quais tôda Roma tremia — tiveram o efeito de um raio.

Aquela noite, nem mestre Francisco, nem Margarida conseguiram pregar ôlho. Um e outra haviam se trancado nos seus quartos, sem tocar nos alimentos e sem se dirigirm uma só palavra.

★

Os fiéis já tinham saído do templo quando, finalmente, apareceu a bela alemtibrina. As ricas vestes dominicais aumentavam-lhe a dignidade: blusa alvíssima, corpete de veludo azul, saia ampla e pesada de brocado púrpura. Um véu branco acariciava-lhe os cabelos. Na mão esquerda levava um rosário.

Notando a presença de Rafael enrubeceu, mas continuou seu caminho. Apressou o passo e desapareceu por detrás da Porta Settimiana, onde alcançou-a o artista.



A jovem estava perturbada e foi uma mão trêmula a que, pela primeira vez, o jovem ousou apertar entre as suas.

— Margarida, sinto-me feliz! — exclamou comovido — o Magnífico Agostinho Chigi conseguiu de teu pai, que te deixe posar para uma cabeça da Virgem. Finalmente reencontro prazer em trabalhar... Serás a Madona Sixtina... e a rainha de meu coração. Porque não respondes? Não compartilhas da minha felicidade?

Margarida caíra de joelhos e escondera o rosto entre as mãos, chorando e imporando ao mesmo tempo. Talvez se despedisse de sua inocente despreocupação de adolescente... e pressentisse as alegrias e humilhações que lhe trariam êsse homem extraordinário, que tinha nas mãos o seu destino.

Êle procurou acalmá-la. Conseguiu que se levantasse e acompanhou-a lentamente até sua casa. Temendo encontrar gente do bairro, Margarida controlou-se e, como o jovem insistia em que queria vê-la no dia seguinte, ela sussurrou:

— Sim, amanhã.

Uma grande animação reinava na casa de Agostinho Chigi. Na sala de entrada, Rafael explicava a Baldassare Peruzzi a significação do afresco em que trabalhava. A vivacidade de Rafael, revelada por sua voz e seus gestos, despertava comentários. Parecia que um novo raio de juventude e de glória iluminava seu rosto. Seus discípulos admiravam-se do contraste entre aquela alegria e a tristeza dos dias anteriores.

— Graças a Deus, que restituiu ao nosso Rafael o entusiasmo de suas criações. — murmurou Júlio Romano ao ouvido de João Francisco Penni.

Exatamente naquele momento os vários grupos de discípulos de Rafael e de convidados interrompiam os falatórios e abriam alas para o Magnífico Agostinho Chigi. Êste ingressava solenemente no átrio, tendo ao lado a soberba Impéria, que segurava a coleira de jovens galgos.

— Mestre Rafael, parece-me que esta manhã ides trabalhar bem! — exclamou o mecenas — Mas a vossa modêlo não chegou ainda? Estamos curiosos por conhecê-la...

— Não sei mais nada! Há dois dias que se mostra inaccessível. Vencemos a resistência do pai, mas a jovem talvez ainda não se decide a dar o primeiro passo...

— Numa estrada que não é sempre a da virtude — interrompeu irônicamente Júio Romano.

— Mas que, neste caso, não será a do vício. Prometo solenemente — declarou bruscamente Chigi.

Precedida por um servo que lhe abria caminho por entre aquela pequena multidão de ociosos, chegava, no entretanto, Margarida.

Havia vestido os trajes domingueiros, mas as tranças, que em geral caíam-lhe sôbre os ombros, estavam prêsas em tôrno da cabeça. Diante daquela suspirada aparição Rafael acreditou, na verdade, como dizia a lenda, que a Madona descia, para êle, do alto de seu reino celeste. Foi-lhe ao encontro, fêz-lhe um profundo cumprimento e acompanhou-a até junto ao Magnífico, que a saudou assim:

**(Cont. na pág. 44)**

[illegible] que [illegible] carioca [illegible] em todo o [illegible] de sua elegância é [illegible] o nosso Sweepstake. O [illegible] Grande Prêmio, o ambiente, [illegible] várias elegantes de ou[illegible] especialmente para êste acon-[illegible] social e esportivo, despertam na [illegible] o instinto de competição, e o resul-[illegible] é maior desfile de elegância do ano! [illegible] vestidos franceses e italianos; [illegible] das grandes casas americanas em [illegible] exóticos, e confecções primorosas de [illegible] artistas da arte difícil da costura, que não ficam atrás quando comparados com os de além-mar.

● A tarde passa, entre a ansiedade pelo ganhador dos muitos milhões, a curiosidade pelas tualetes das amigas e conhecidas, e o prazer das várias festas e comemorações que se realizam nesse dia. As mulheres são admiradas pelos homens e analisadas pelas outras mulheres. O colar de brilhantes de Mme. X comparece no pescoço de sua possuidora; a capa de «vizon» da Sra. Z também vai ao prado, mesmo que o dia não esteja de todo invernal; o chapéu da Sta. Y, muito grande, não pára na cabeça, porque talvez o vento seja forte... Mas tôdas se divertem, se criticam e admiram a si próprias... Depois, comenta-se durante uma semana o acontecimento, que acaba por cair no esquecimento, como acontece com tôdas as coisas. As fotos selecionadas nessas páginas visam a dar às leitoras uma ligeira idéia do que se está usando em matéria de vestidos de certa cerimônia, próprios, portanto, para a grande tarde turfista. — (FLAMA)



*CURIEL — de Milão. Vestido em tafetá-shantung grenat, de saia justa e sem alças. De um lado "panneaux", soltos.*

# Sugestões para o Sweepstake



*PIERRE BALMAIN. Costume em renda rosa-pálido. Chapéu no mesmo tecido, combinado com fêltro verde-pistache.*




*Vestido negro em sêda pesada. Tem uma sôbre-saia rodada, muito elegante. Botões, gravata e complementos brancos.*



*VANNA, de Milão. Gracioso vestido em tulle azul-noite. As pregas, que formam o corpete, abrem-se na saia.*

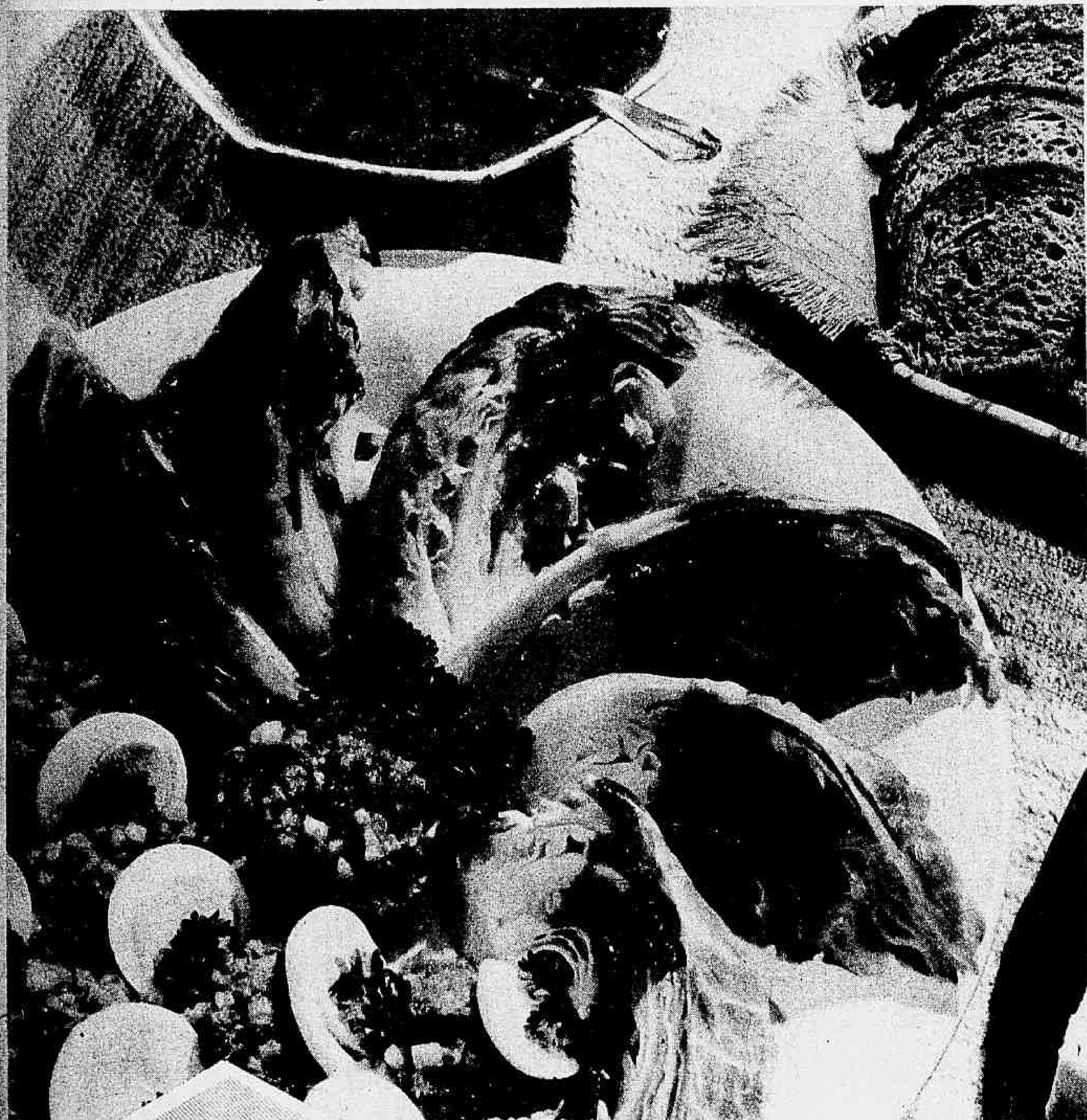


*ROBERT PIGUET — Costume em "shantung" estampado, cinza, com pastilhas verdes. Jaqueta com efeito de echarpe.*

# WEEK-END NA COZINHA

*O REPÔLHO é uma verdura que deveria ser incluída mais vêzes no cardápio diário da mesa familiar. Rico em vitaminas, pode ser preparado de muitas maneiras diferentes, variando, assim, de sabor. Hoje damos uma receita de repôlho com um môlho muito saboroso "môlho rubi" — especialmente recomendado para acompanhar carne assada.*

Tia Dulce



## REPÔLHO COM MÔLHO RUBI

- INGREDIENTES

1 cabeça de repôlho, de tamanho médio
1 colher das de chá de sal
½ xícara de «catsup»
¼ de xícara de manteiga ou margarina.

- **MANEIRA DE FAZER**

**1 — Corte a cabeça do repôlho em 6 partes iguais. Retire a parte mais dura do caule que forma o miolo. Cozinhe, com a panela coberta, numa xícara d'água fervendo com o sal.**

**2 — Enquanto cozinha o repôlho, prepare o «môlho rubi», misturando o «catsup» com a manteiga derretida, em banho-maria. Mexa bem com a colher, para que fiquem bem misturados.**

**3 — Escorra muito bem os repolhos, depois de cozidos. Arrume num prato quente, de servir, e ponha o «môlho rubi» por cima.**

**NOTA — O «môlho rubi» é também delicioso com couve-flor, brócolis ou vagens.**

## PIPÓCAS ESPECIAIS

Deliciosas para servir às crianças ou aos amigos que vêm visitá-la, ou fazer uma rodinha de jôgo.

- INGREDIENTES

2 litros de pipocas, bem frescas
1 clara de ôvo batida ligeiramente
½ xícara de açúcar mascavo
½ colher das de chá de sal
1 colher das de chá de canela em pó
½ colher das de chá de cravo moído.

- **MANEIRA DE FAZER**

**1. Bata a clara de ôvo numa tigela. Não precisa bater muito, apenas até ficar fôfa. Misture o açúcar, o sal, a canela e o cravo moído.**

**2. Unte uma assadeira e espalhe as pipocas numa camada igual. Ponha por cima a mistura de clara e temperos. Mexa com uma colher, para que tôdas as pipocas fiquem bem entranhadas.**

**3. Asse em forno moderado, até ficarem as pipocas sequinhas e quentes.**

## CONSELHOS ÚTEIS

★ *Quando comprar limões na feira pese-os para ver se têm bastante caldo. Existem limões grandes quase sem caldo e você ao comprá-los poderá estar, pensando fazer uma pechincha, completamente enganada!*

★ *Para que os "soufflès" não abaixem logo, antes de irem para a mesa, convém que sejam assados em forno brando e nunca em forno muito quente. Também os pudins requerem forno moderado, para ficarem bem assados.*

★ *Qualquer salada ficará muito mais deliciosa se você incluir um pouco de queijo ralado, em fatias ou em pedacinhos. Qualquer queijo serve, desde o de Minas até o Palmira ou Roquefort.*

★ *Quando se prepara um bôlo esponja, fofo, não se deve untar a fôrma. A massa precisa aderir, às paredes da fôrma para que atinja o seu crescimento máximo, do contrário não terá apoio para crescer muito.*

# Felicidade do "dia a dia"

*A felicidade que se encontra nas pequenas coisas, raramente é sentida na juventude, quando se tem grandes esperanças e grandes ilusões...*

A juventude veste a felicidade de côres brilhantes. Felicidade é amor exaltado, romântico, quase cinematográfico. Felicidade é sucesso e glória retumbantes, vistosos, conseguidos depois de árduas competições e trazendo atrás de si honras e regalias. Felicidade é alguma coisa de tão fantástico e exuberante que não se realiza a não ser para alguns raros privilegiados, que por êsses momentos de «felicidade» pagam depois um bom preço! Porém mudamos, com o passar dos anos, e pouco a pouco vamos compreendendo que essa felicidade exaltada não passa de conto de fadas. Aprende-se a saborear uma outra espécie de felicidade, da mesma forma que se vai ficando com gôsto mais apurado para as côres, as comidas e as músicas. A felicidade retumbante e barulhenta faz-nos efeito de música de circo ou de parada, muito ruidosa. Passa-se a apreciar melhor a felicidade de hoje, de amanhã, de cada dia, feita de pequenos prazeres e satisfações, momentos fugidios que não se repetem mais, mas que se renovam.

Descobrimos que se é feliz lendo um bom livro, rindo com uma criança, conversando com os amigos, realizando alguma idéia que nos agrada, recordando um bom momento ou tendo um bom sentimento. Tudo isso é real, positivo e não uma ilusão, como a felicidade que ideamos na juventude. No entanto, essa realidade traz consigo a paz e o sossêgo, ao contrário das glórias retumbantes e dos amôres cinematográficos, que sòmente despertam inveja.

Por que os jovens não podem senti-la? Porque floresce adubada pelas lições amargas da vida: desilusões, sofrimentos... Pela experiência própria e pelos exemplos e destinos alheios. Como se pode confiar no amor exaltado depois de vê-lo transformado em grotesco? Como se pode almejar a glória e o sucesso quando se percebe que não valem o preço que se paga por êles?

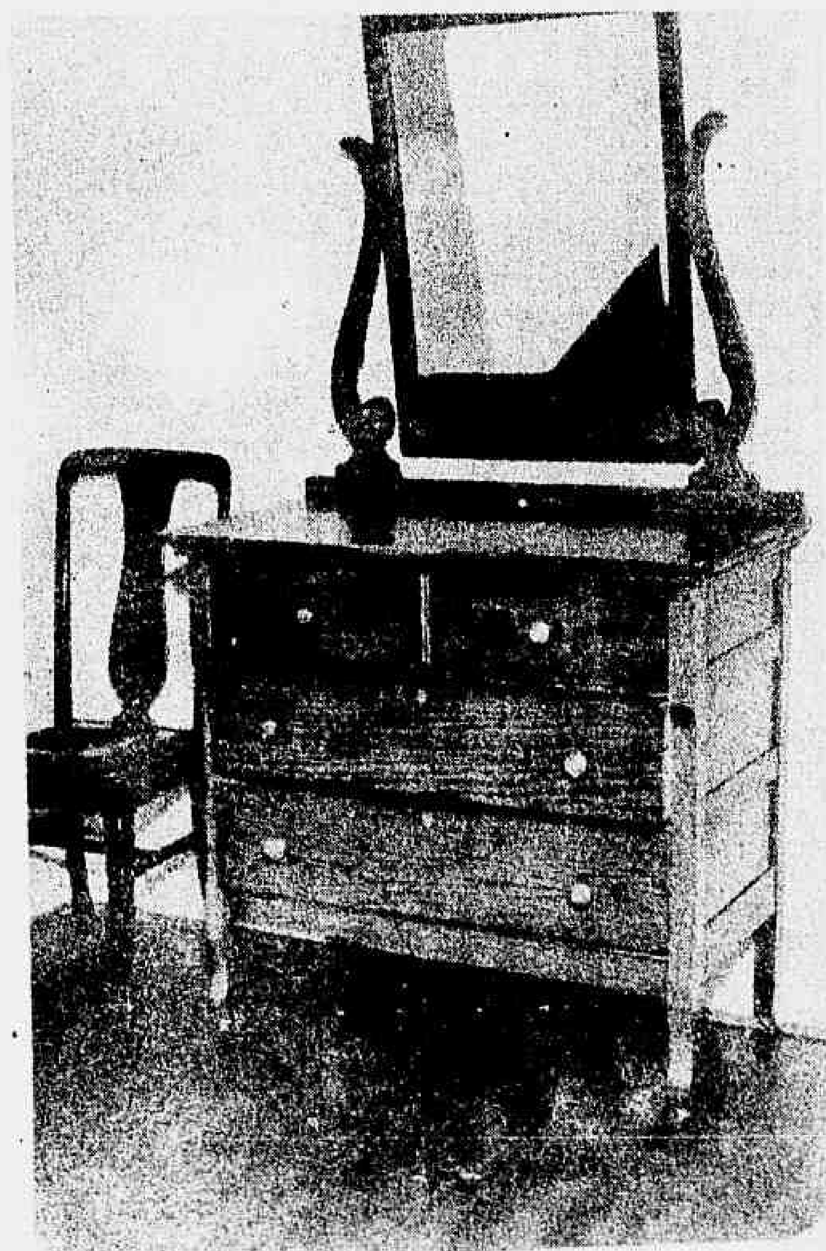
*Por mais sereno que seja um rosto jovem, reflete sempre um pouco de preocupação e agitação. (Susan Cabot — Universal Int.)*

A felicidade das pequenas coisas é resignada, tem a noção de seus próprios limites. Por isso mesmo, descobre-se serenidade e «felicidade» mais vêzes por detrás das rugas e das cãs de quem mùito viveu, do que no rosto ansiosamente vibrante dos jovens.

L. J.

* * *

# SUGESTÕES PARA O LAR



*A velha cômoda, conquanto de construção sólida e em madeira de lei, não era, em absoluto, um móvel atraente.*

**OS móveis antigos são, geralmente, de melhor qualidade e acabamento mais esmerado do que os modernos, feitos em série. Por isso, você fará muito melhor negócio reformando uma mesa, uma cômoda ou uma poltrona antiga, do que a vendendo para comprar outra. A não ser que possa adquirir mobiliário de luxo, há noventa e nove probabilidades de se arrepender. Por isso mesmo, é que achamos muito boa a idéia de reformar a cômoda-penteadeira antiga, com espelho, para uso de sua filhinha. Primeiro pinte-a, ou mande pintá-la, de branco, com tinta-esmalte. Depois, enfeite-a com decalcomanias, ou, se preferir e tiver habilidade para isso, pinte as figurinhas com tinta-esmalte ou tinta a óleo. Contorne o espelho com guirlandas de flores ou coraçõezinhos, que será muito do agrado da menina. Ponha um vidro ou um espelho sôbre o tampo da cômoda; será mais prático do que deixá-lo só com a pintura branca. Evitará que fique arranhado e encardido dentro de pouco tempo. Se gostou da idéia, pode reformar tôda uma mobília de quarto (cama, criado-mudo, guarda-roupa, etc.) dentro dêsse gênero. Para um quarto de menino escolha desenhos e motivos masculinos, como «cowboys», índios, aviões, bichos; para um quarto de hóspede dê preferência a flores e paisagens. O fundo também pode ser em outra côr, em vez de branco. — NIKE.**



*Depois de pintada e enfeitada com decalcomanias, ficou bonita, alegre e até artística.*

**MOYSÉS DUEK micro-novelisou**

# DONA XEPA

**3 atos de PEDRO BLOCH**

**Distribuição por ordem de entradas:**

| | |
|---|---|
| HILDA | **Glauce Rocha** |
| EDISON | **Milton Morais** |
| GUIOMAR | **Argentina Della Torre** |
| ÂNGELO | **Vicente Marchelli** |
| DONA XEPA | **ALDA GARRIDO** |
| CAMILA | **Lucy Costa** |
| ROSÁLIA | **Samaritana Santos** |
| JOSÉ | **Átila Iorio** |
| PROFESSOR | **Ilídio Costa** |
| MANFREDO | **Geraldo Gamboa** |

Ação: Rio de Janeiro, atualidade

**Direção: Mário Brazini** ★ **Cenários: Darcy Evangelista**

SEUS filhos já sabiam quando a mãe se aproximava de casa. Eram os gritos da vila:

— Dona Xepa! Ó Dona Xepa!

— Vão p'ro Diabo, cambada — vociferava a velha.

E entrava resmungando. Mas feliz. De mãos calosas e pés gordos, mal arrumada, cabelos caídos. Dona Xepa! Que sucesso, na vila, quando saiu para o casamento da vizinha! De chapéu com flor, de vestido vistoso e sapatos azuis — azuis só Deus mesmo sabe porquê. Tudo isso à mostra. Escondido, nela, só mesmo seu coração. Vergonha, até eu diria pudor, de ser boa. Que nesse mundo é feio mostrar-se bom e compreensivo. Que falem de Édison. Inventor, sim, e ninguém tinha nada com isso. Falavam que não trabalhava, que vivia o dia todo em casa mexendo com fios, bobinas e válvulas. Não sabia ganhar dinheiro, lá isso era verdade, mas tinha confiança que seria famoso e prestigiado no mundo inteiro. Já foi até estudar nos Estados Unidos. E que beleza estava aquela máquina! Quantos botões, tubos e fios havia nela! Que não se importasse com dinheiro! Lá estava ela para ajudar. Nada lhe faltaria. Ainda estava bem forte para suportar o encargo. Amanhecia na feira livre. À noite, estava cansada, mas ia dando conta. Pois não conseguiu que sua filha se formasse? Advogada. Doutora Rosália — e olha lá! Educadíssima, finíssima! Um orgulho para a mãe. O orgulho da vida. Sim, tudo pelo trabalho de Dona Xepa. Esmeraldino largou-a com o encargo dos filhos — e tudo, afinal, vinha saindo bem. Que mãe de verdade não precisa de marido para criar bem seus filhos. A prova estava, ali. Habilitados para a vida. Por isso não se cansariam com qualquer um não! Rosália já andava com um diplomata em seus calcanhares. Não o conhecia, mas sabia que era homem fino. Por isso Dona Xepa ia tratando de cortar as intensões matrimoniais de Giuseppe para com sua filha. Bom rapaz, mas não era da classe de Rosália. Gostava muito do pai dêle. Como era bom o velho Ângelo Fracalanza, o dono da pizzaria! Mas sua filha merecia um homem fino. Giuseppe era famoso. Um craque de futebol. Era razão de orgulho e de revolta no velho Ângelo. Orgulhava-se de ver o retrato do filho nos jornais, os comentários elogiosos dos cronistas esportivos, os seiscentos mil cruzeiros que recebera de luvas para mudar de clube. Mas, por outro lado, revoltava-se de ver que seu filho nada se parecia com Édison, um inventor, um grande talento, um grande conhecedor de coisas de que êle nem suspeitava existirem. Sabendo o valor do filho, Dona Xepa não queria que continuasse o namôro de Édison com a pequena Hilda, da casa 6. Boa moça, lá isso é verdade, mas o rapaz merecia coisa melhor.

Mas, não é que o telefone chamava para uma ligação internacional, de lá de Nova Iorque? Para o Édison. A Comissão encarregada de estudar o relatório que êle mandou sôbre a máquina mostrava-se interessada e já delegara encargos a um cientista para examinar o aparelho, aqui no Rio.

Todos exultaram. Se o técnico aprovasse seu trabalho, seria um homem famoso.

A alegria não atingiu, porém, Rosália, que não dava crédito ao invento de Édison. Taxava aquela máquina de ridícula. Ridícula como o relógio pendurado na parede que andaria sem máquina, ridícula como a mesa de tampo duplo, bem como o sinal de alarme no chão — tôdas essas, invenções do pai de Édison. Por outro lado, Rosália envergonhava-se da mãe e da casa em que morava. Vergonha da vila em que passara a infância. Nada a prendia ali.

Com o tempo, porém, Édison conseguiu montar o que faltava para o término da máquina: uma válvula eletrônica. Ganhara fama, celebridade. Grande recepção ia ser-lhe oferecida. E, no orgulho de mãe, Dona Xepa convidou tôda a vila para a grande festa do alto mundo social e cultural. Hilda juntou suas economias para o vestido de noite, mas Rosália foi-lhe impiedosa, persuadindo-a a não ir.

Giuseppe chega. Está bem elegante, mas Rosália surpreende-se em vê-lo pronto para ir à festa.

— Quem foi que convidou você?

— Sua mãe...

— Mamãe? Ela não tem autorização de convidar você. Saiba que não quero nada com você. E lá não é seu lugar.

Pobre Giuseppe! Só lhe resta se conformar:

— Tem razão, Rosália. Quando se vê pobre de «summer» pode jurar que é garçon.

Grande apreensão para Rosália causou o aspecto de Dona Xepa. O que à boa senhora parecia ser elegante, a Rosália resultava caricato. Os panos repuxados, os «pailletés», as flores vermelhas ao ombro, etc., tudo isso arrepiava o refinamento estético de Rosália.

— Onde a senhora arranjou êsse vestido?

— Gosta? Foi a Candinha da casa 12 que fêz. Modêlo francês.

— Francês? Quem disse?

— Ué! Pois foi de um figurino francês.

— Que figurino? De que ano?

— Não sei, Rosália! Só havia uma página. Era a página que veio enrolando o miolo que veio do açougue.

Nada em Rosália aproximava-a da mãe.

— Não vá, mamãe. A senhora não vai se sentir bem lá. Todos só falam em francês e inglês.

— Não se preocupe, minha filha. Prometo ficar bem quietinha. Eu mor-



**Rosália não procurava esconder a vergonha que tinha da própria mãe.**



O professor elogiou a máquina de Edison. Dona Xepa exultou, contente.

reria se não assistisse à glória de meu filho! Tôda a minha vida dediquei a vocês.

— Não vá, mamãe! A senhora iria cometer uma porção de erros sociais. Édison iria envergonhar-se da senhora.

— De mim?

— É claro! A senhora não sabe conversar as coisas de que se fala nesses lugares. Sua presença só iria prejudicá-lo.

Dona Xepa leva um choque.

— Não, não quero prejudicar meu filho. Pois se sempre eu fiz tudo pelo bem dêle!

Rosália já vai indo à festa.

Mas Dona Xepa não guarda nenhum rancor:

— Minha filha, não beba gelado. Nem bebida de álcool. Eu sei que Édison vai partir da festa diretamente para São Paulo. Diga a êle para recomendar ao aviador para não correr demais com o avião.

A filha sai. E fica sòzinha. Sòzinha com sua mágoa.

— Oh, Dona Xepa, chorando!

— De alegria, Ângelo... — e tenta sorrir.

— Pois então vamos para a festa! Eu já estou pronto.

— Não, Ângelo, resolvi não ir.

Faz um esfôrço e, chorando, continua:

— Acredite, Ângelo, êles fizeram tanta fôrça para eu ir... Insistiram: «Mamãe, sem a senhora a festa não tem graça».

Não, Ângelo não acreditava. Conhecia os filhos de Dona Xepa.

— Ah, Dona Xepa, eu gostaria de acreditar.

— Ando cansada, Ângelo. Preferi ficar. Aquêle, também, não é o meu meio. A festa é tôda falada em inglês ou francês, como fita sem letreiros.

Ângelo Fracalanza conhece a dor de Dona Xepa. Mas que palavras podem ter o dom de aliviar uma mãe dessa mágua?

Eis que ouvem-se vozes. E' Edison. É Rosália. O coração de Dona Xepa bate apressadamente. Ah, que felicidade! Êles não se esqueceram dela! O sangue, afinal, falou.

Efetivamente, eram êles. Entram pela casa numa fúria. Mexem aqui, mexem ali. Procuram alguma coisa. Uns papéis. Ah, eis os papéis! E, sem uma palavra para Dona Xepa, na mesma correria com que vieram, voltam à festa. A dor dessa desilusão parece ser, agora, ainda maior. Só lhe resta chorar. Chorar muito, tôdas as suas lágrimas.

——//——

O êxito de Édison repercutiu em sua vida doméstica. Adeus, vila!

E Dona Xepa também veio na onda da transformação. Vestidos bonitos, apartamento elegante, aulas de francês, manicure e pedicure. Fêz amigas elegantes. Esforçava-se por ser tão elegante quanto elas.

E foi nesse meio que o diplomata veio pedir-lhe a mão de Rosália. A entrevista teve cunho mundano e alegre, a um tempo. E quando Dona Xepa estava transbordante de alegria pelo bom casamento que faria sua filha, Ângelo vem procurá-la. Traz para ela os jornais. E ela fica, afinal, sabendo a finalidade da máquina que Édison inventou: é nada menos que uma máquina de guerra.

Dona Xepa não se contém:

— Oh, meu filho, então é essa a sua invenção! Máquina para matar! Desista disso, meu filho!

— Impossível, mamãe! É uma grande invenção. Que outra máquina me traria maior fortuna, maior glória do que essa?

— Qual? A máquina de fazer felizes as crianças, a máquina que matasse a fome dos pobres e desse generosidade aos ricos, a máquina que curasse os doentes e aliviasse os parentes enlutados, a máquina que livrasse as mães de sentirem a vergonha de causar vergonha aos seus filhos.

Sôbre todos, pesam as palavras de Dona Xepa. Édison, de cabeça baixa, ouve:

— Não quero me envergonhar de você, meu filho! Quero poder ser vista pelas outras mães pelas mães do mundo inteiro.

Fechou os olhos e aos seus ouvidos chegavam vozes de milhares de mães: «Obrigado, Dona Xepa», «Dona Xepa, obrigada», «Obrigada, Dona Xepa».

Seria, para ela, o mais glorioso dos caminhos.



«Espia aqui, Ângelo, como é importante a máquina de meu filho!»

# DE TEATRO

J. TEIXEIRA

## A NOBREZA NO TEATRO

**ASSIM como existem companhias de teatro amador nas camadas sociais, a aristocracia também resolveu criar a sua, servindo-se de alguns elementos desta e de membros do corpo diplomático. E' o que se verificou na Itália, onde a princesa Maria Pia de Saxônia Coburgo Bragança, organizou um grupo homogêneo a que deu o nome de «A Caravela», destinando tôdas as receitas de bilheteria de um dos mais elegantes teatros romanos — arranjado por intermédio da princesa de Saxônia — às Pias Obras Antoninas. Em virtude dêsse gesto filantrópico que gerou a organização dessa companhia, êles conseguiram vencer a cortina de ferro da censura — bastante forte dentro da Itália — representando a peça francesa «Occupetoi de Mon Minimum», de Jean de Letraz, que possui um texto muito malicioso que, entre outras coisas, o «minimum» de que fala a peça, não é mais do que o necessário que todo marido deve dar à sua espôsa se não quiser vê-la nos braços de outro homem.**

**Para figurar no elenco desta companhia aristocrática, foi convidado o ator profissional do cinema e teatro Enrico Luzi, que é o único plebeu dentro da companhia que, em vista de algumas divergências entre êle e alguns artistas da mesma, ocasionado pela maneira de representar ou no julgamento de alguns trechos, retirou-se dos ensaios que estavam sendo realizados na casa da princesa. Resultado: todos os componentes da companhia foram à sua casa, um modesto apartamento que está localizado à rua Arco de Talomei, e pediram-lhe que voltasse aos ensaios. Chegados à sua casa, começaram a gritar pelo seu nome em baixo de sua janela, o que provocou surprêsa da parte dos transeuntes diante daqueles cavalheiros e damas ricamente trajados. Depois de muita insistência, Enrico Luzi resolveu vir atendê-los vestido com um pijama de listas azuis, havendo, então, a cena que deveria figurar numa peça teatral. A princesa Maria Pia de Saxônia Coburgo Bragança pede a espada de oficial da Marinha austríaca que a princesa de Saxônia Naná Melis — também componente do grupo teatral — trazia sôbre uma almofada com muita dignidade, e manda que o ator Enrico Luzi se ajoelhe, dando início a cerimônia que causou o maior escândalo entre a aristocracia romana e principalmente a aristocracia papal, que livrou o intérprete do complexo de inferioridade perante os seus colegas.**

**O ato se realizou sob um profundo silêncio por parte de todos os outros artistas, pronunciando a princesa Maria Pia de Saxônia Coburgo Bragança as seguintes palavras, que fazem parte do ritual: — «Eu, descendente do Algarve português, do lado de cá e do lado de lá da África, última em linha direta da dinastia de Saxônia-Coburgo, nomeio a ti, Enrico Stefano Torquato, pela graça de Deus e a minha própria, duque de Valflor». Resta saber qual será agora a opinião da espôsa do ator, a neo-duquesa de Valflor...**



**TEREZINHA TAPAJÓS — Atriz de excelentes qualidades artísticas e que fêz a sua estréia em teatro de maneira auspiciosa na peça de Terence Rattigan «Vivendo em Pecado», que Dulcina e Odilon estão apresentando com grande êxito.**

★ ESTA sendo realizado no Auditório Abadie Faria Rosa no Conservatório Nacional de Teatro, por iniciativa do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, professor Anísio Teixeira, um curso de teatro pedagógico para os professôres de curso primário do interior em estágio no Serviço de Educação Pré-Vocacional da Prefeitura do Distrito Federal como bolsista do I. N.E.P., a cargo da professôra Luísa Barreto Leite.

★ CONTINUA sendo representada tôdas as noites, às 21 horas, no Teatro Serrador, a peça «Viver é Fácil», de Lajos Vilahy, em tradução e adaptação de Luís Iglésias e Formaneck. O elenco de Eva Tudor encontra-se reforçado com o ator Delorges Caminha, que ali acaba de ingressar, além de Afonso Stuart, Carminha Brandão, Armando Rosas, Ada Camargo e Rodolfo Arena, com direção artística de Willy Keller.

BIBI FERREIRA ingressou no elenco de Dulcina e Odilon, substituindo a atriz Sônia Morais que está para receber a visita da cegonha. Além dos três artistas mencionados, ainda figuram em «Vivendo em Pecado», comédia de Terence Rattigan, Suzana Negri, Jorge Diniz, Ed. Castro e Terezinha Tapajós.

★ DERCY GONÇALVES acaba de formar uma nova sociedade com a atriz Joana D'Arc, estando empenhada em organizar uma companhia de revistas, que irá ocupar o Teatro João Caetano. O ator Jaime Costa, por exemplo, já foi convidado para fazer parte da companhia. Dercy Gonçalves, ao que dizem, terá o salário de 60 mil cruzeiros, tendo Joana D'Arc prometido um adiantamento de 600 mil cruzeiros para o levantamento da companhia.

★ FORAM SUSPENSOS os espetáculos do Teatro Carlos Gomes, onde estavá sendo apresentada a revista «Mulheres de Todo o Mundo», em virtude da atriz Joana D'Arc pedir a suspensão dos mesmos no processo que está movendo contra o empresário Geysa Bôscoli, ficando inativos perto de cem artistas, alguns aproveitados agora pela atriz Dercy Gonçalves na organização de sua companhia, conforme noticiamos acima.

O EMPRESÁRIO ZILCO RIBEIRO prepara-se para lançar entre 14 e 19 de julho, a revista ainda sem título, de autoria de um novo revistógrafo Mário Meira Guimarães, que é novelista da Rádio Cruzeiro do Sul. Jota Maia escreverá um ou mais quadros para a atriz Virgínia Lane, enquanto Zilco Ribeiro escreverá algumas «sketches». Herbert Martin, o produtor de «Conversas de Cortesãs», aproveitará na revista três ou quatro quadros desta peça.

★ PEDRO CELESTINO, que se encontra em São Paulo como intérprete da Televisão Tupi, dirigindo ao mesmo tempo um grupo de artistas, voltará brevemente com sua Companhia de Operetas.

★ SILVEIRA SAMPAIO continua apresentando em programa duplo no Teatro de Bôlso «Festival 1900», às 20 horas e «O Cavalheiro das Camélias», às 22 horas.

«CONVERSAS DE CORTEZAS» é a revista que Zilco Ribeiro está apresentando tôdas as segundas-feiras, às 21,30 horas no Teatro Follies, com Flávio Cordeiro, Sílvia Fernanda, Roberto Duval, Suely May, Rose Marie, Tilda Jordan, Pereira Filho, o mestre do violão elétrico e os primeiros bailarinos Gioconda Filippini e Raul Roger. «Conversas de Cortezãs» é uma revista composta de quadros melancólicos e tristes, destacando-se dentre êles a primeira representação em palco do poema dramático «Uma Página de Escola Realista», de Castro Alves. A parte musical está a cargo do maestro Kalua.

# Como fazer as unhas em casa

Por JÚLIA DE MILO

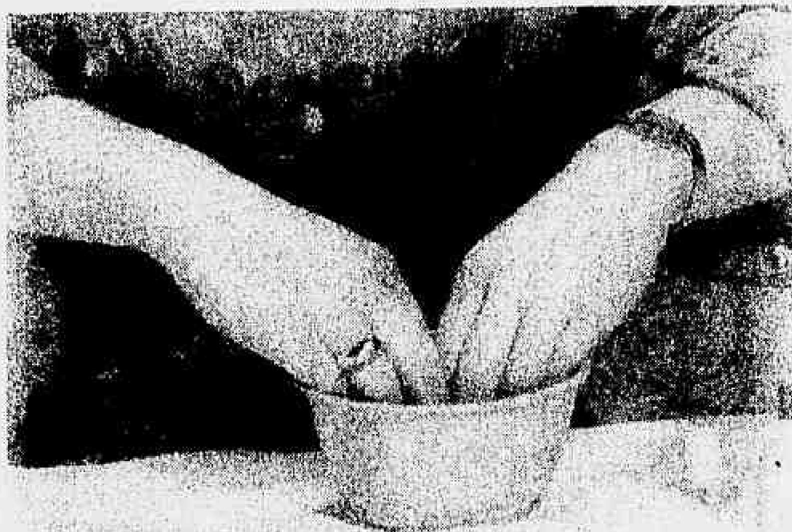
*Se você tem tempo de fazer as unhas em casa, deve fazê-las. Poderá pintá-las e cuidá-las tão bem como a melhor manicure. Tudo é questão de um pouco de prática.*



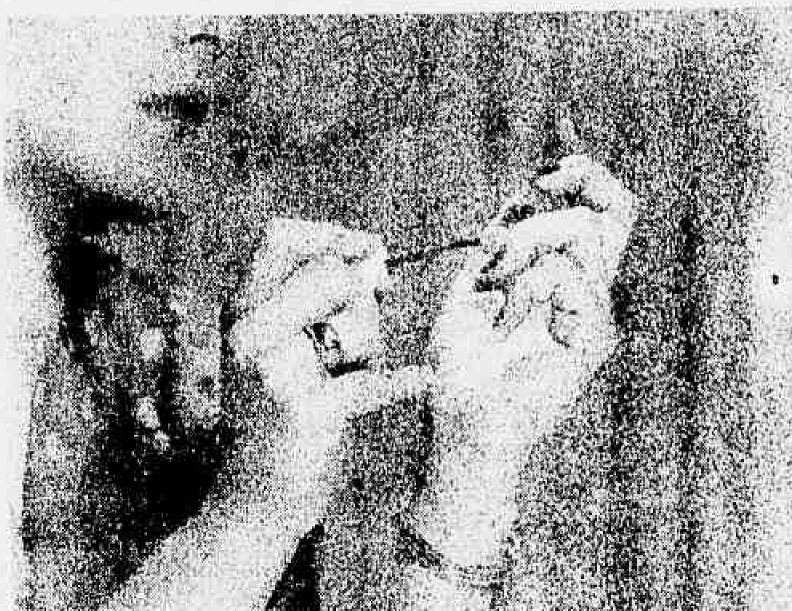
**1** Depois de ter removido o esmalte antigo com o removedor apropriado, ponha as mãos por alguns minutos em água quente com sabão, para limpar bem as unhas e as mãos.



**2** A seguir, use o removedor da cutícula, passando-o com um algodão enrolado na ponta de um palito de laranjeira. Passe bastante e com muito cuidado, a fim de evitar ferimentos.



**3** Se houver cutícula demais, pode cortá-la com um alicate apropriado. Tome muita precaução, para não se ferir. Se isto acontecer, passe logo um pouquinho de água oxigenada.



**4** Depois de cortar e lixar as unhas, com uma lixa de esmeril, passe o esmalte, com tôda atenção: primeiro uma base e depois o esmalte, na sua côr preferida, e o resultado será ótimo.

Eve Miller (da Warner) admira as unhas, após tê-las pintado tão bem como uma profissional.

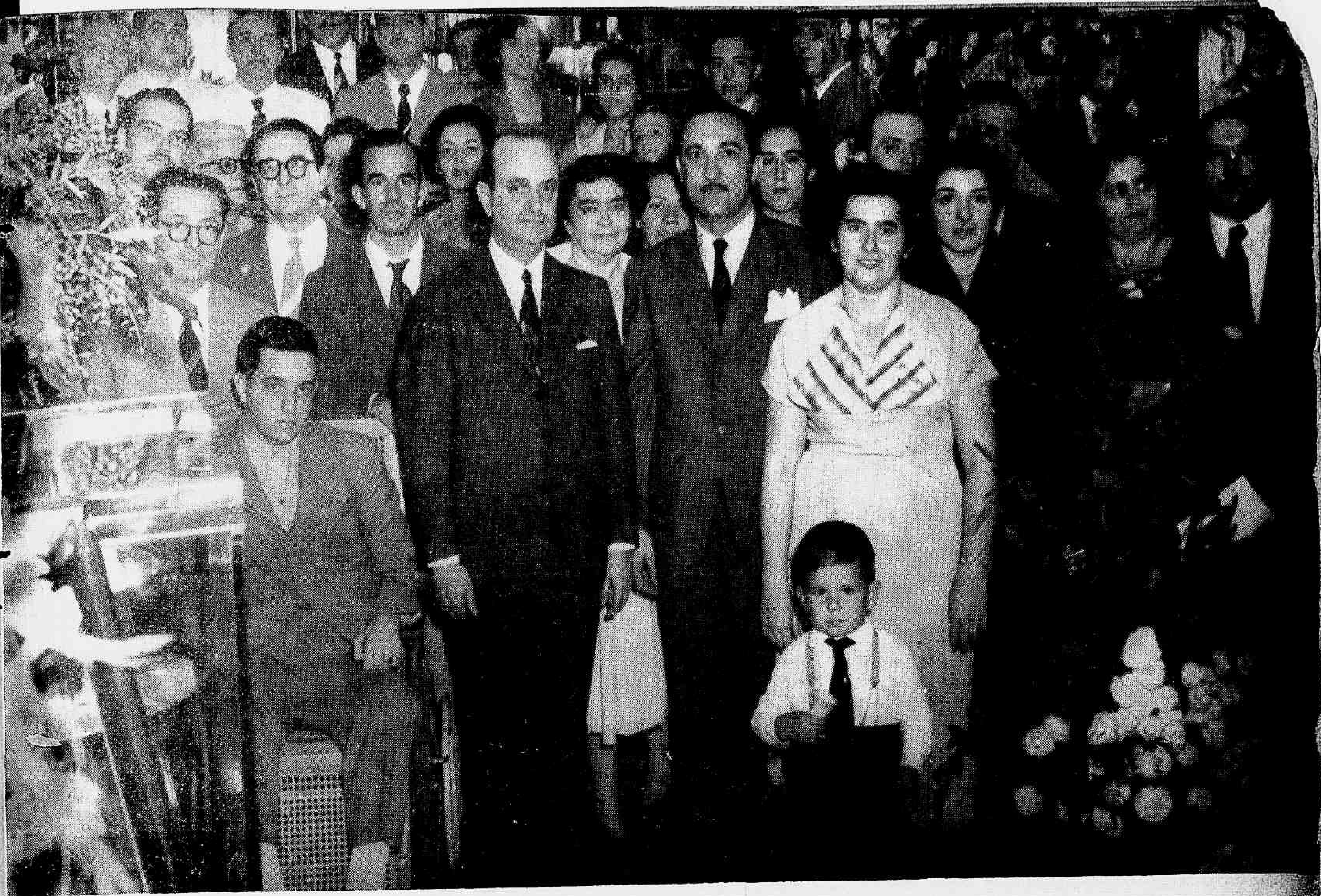
# PARA EVITAR AS MANCHAS DA PELE

● *Muitas leitoras se queixam de que têm manchas na pele. Eis aqui uma boa receita para essas manchas, de ótimo resultado se as mesmas forem causadas pelo mau funcionamento dos intestinos: ao levantar, tôdas as manhãs, ainda em jejum, beba um copo-d'água morna com o caldo de meio limão. Em poucos dias sua pele irá se tornando mais limpa e mais macia.*

## UM BOM TALCO DESODORANTE

● O uso de um bom talco desodorante após o banho é uma exigência tanto para a mulher que passa o dia fora de casa, como para aquela que vive na intimidade do lar, ocupando-se em cuidados caseiros. Depois de tomar o seu banho e de fazer uma fricção com água de colônia, aplique o talco, principalmente nos pés e nas axilas. Sentirá uma sensação agradável de bem-estar. O talco deve ser usado tanto no inverno como no verão. Escolha um perfume suave, que combine com o de sua água de colônia, ou então compre talco inodoro e perfume-o com algumas gôtas de sua essência preferida. Se sua transpiração deixa cheiro um pouco desagradável, embaixo dos braços ou nos pés, prefira para sua toalete diária um talco desodorante, de que existem muito boas qualidades nas casas especializadas.





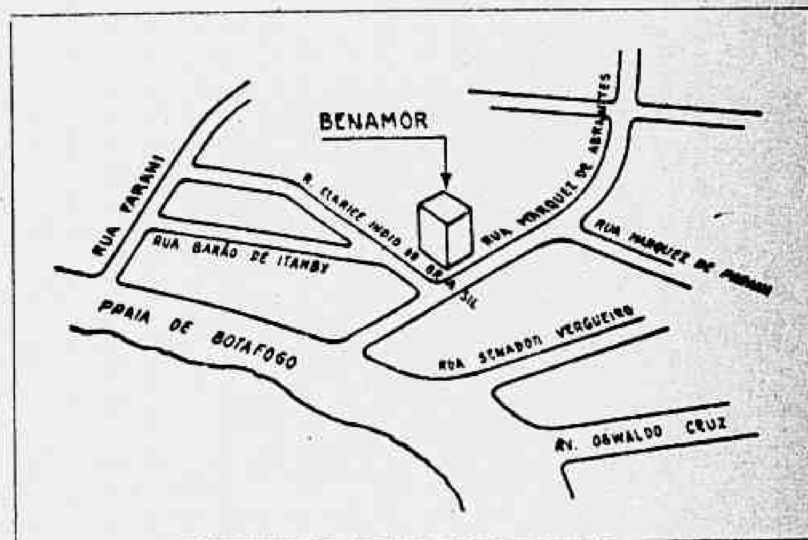
Grande número de pessoas de destaque da nossa alta sociedade estêve presente à inauguração da Confeitaria Benamor. Na fotografia que acima publicamos, vemos, no primeiro plano, o ministro Luís Galoti e o sr. Amadeu Abílio Lopes em companhia de sua digníssima espôsa.

# A CONFEITARIA BENAMOR O PONTO "CHIC" DE BOTAFOGO

## SUA INAUGURAÇÃO, UM ACONTECIMENTO DE RELÊVO NA VIDA DAQUELE ELEGANTE BAIRRO

NUMEROSO e seleto público compareceu à inauguração da Confeitaria Benamor, à rua Marquês de Abrantes, 200, acontecimento de relêvo no nosso meio comercial e social. Com luxuosas instalações, num estilo moderno e de grande beleza, graças ao gênio decorativo do sr. Fernando Lemos, o novel estabelecimento, que será em Botafogo um ponto de referência e elegância, tem no sr. Amadeu Abílio Lopes um dinâmico proprietário, ao qual, aliás, pertence outro estabelecimento do mesmo gênero, a tradicional Confeitaria São Sebastião, na Tijuca.

Entre os presentes à solenidade, oficiada por Frei Júlio, destacamos: o ministro Luís Galoti, procurador geral da República; o dr. Castro Menezes, presidente da Câmara de Vereadores, representando o sr. prefeito do Distrito Federal; a viúva Melo Matos; o dr. Milton Leitão, diretor do Departamento de Saúde, e o sr. Osvaldo Lignine, diretor do Banco Boa Vista.









Flagrante da bênção oficial pelo Frei Júlio, vendo-se ainda o dr. Castro Menezes, presidente da Câmara dos Vereadores, ladeado pelo sr. Amadeu Abílio Lopes e exma. espôsa. À direita, aspecto das moderníssimas instalações da Confeitaria Benamor, decorada pelo sr. Fernando Lemos.

# DE RÁDIO

GUARACY

## PAGAMENTOS ATRASADOS

É uma vergonha que ainda existam estações de rádio que estejam com os seus pagamentos atrasados. Esta situação lamentável se torna mais flagrante, quando se verifica que emissoras de categoria como a Tupi, Tamoio e Clube do Brasil, que são estações que têm lucros muito maiores do que as suas co-irmãs, com faturamento em muito menor secala, são justamente as que obrigam seus contratados a trabalhar sem receber os seus salários normais. A Rádio Clube, por exemplo, se acha atrasada em dois meses, o que tem acarretado um prejuízo para o seu desenvolvimento artístico, provocando um mal-estar dentro da emissora do Cineac, e, até, desentendimentos pouco agradáveis que só servem para criar um ambiente irrespirável e pouco condizente com uma verdadeira estação de rádio. A Tupi já está quase em dia, pois os seus diretores têm procurado acertar os salários de seus artistas, o mesmo não acontecendo com a emissora da mesma emprêsa, Rádio Tamoio, que se encontra com um mês de atraso. Os responsáveis deviam compreender, que em nenhuma parte do mundo, um artista de rádio pode trabalhar com o espírito sossegado e realmente produzir com honestidade, se fôr para a frente de um microfone extremamente preocupado e com uma grande má vontade. Isto só pode provocar uma má audição de erros, que irá prejudicar o prestígio que a mesma conseguiu através de muito trabalho durante muitos anos. Portanto, um simples atraso de pagamento põe tudo a perder, jogando por terra o trabalho de uma existência. Os diretores e os proprietários dessas emissoras que meditem um pouco e vejam se não estamos com a razão. Êsse negócio de só meter os lucros nos bolsos e deixar os empregados a ver navios, não está direito. Os artistas, como os outros empregados de uma estação, também vivem e precisam de comer como qualquer mortal, sem falar nos compromissos que possuem com suas famílias, alguns com uma enorme quantidade de filhos para sustentar e conseqüentemente com inúmeras contas para pagar. Situação deveras insuportável! Ou será que não estamos com a razão?...



**HAMILTON SANTOS é um jovem rádio-ator da Tamoio, que se vem destacando através de seus trabalhos ao microfone daquela emissora, que pautam pela sinceridade e por um grande sentido artístico. Na novela «Felicidade Amarga», que a Rádio Tamoio transmite tôdas as segundas, têrças e sextas-feiras às 10 horas da manhã, êle desempenha o papel de um cínico, enquanto em «Almas perdidas», novela de Luís Quirino, interpreta o galã, o que demonstra a versatilidade de seu talento.**

AS PRÓXIMAS gravações da estrêla lusa, Ester de Abreu, são as seguintes: «Segrêdo», fado de Paulo Tapajós, que faz a sua estréia no gênero; «Baião do Amor», de Carolina Cardoso de Menezes; «Serenata», samba de Linda Batista; e «Confesso», fado de Frederico Valério.

★ O dinâmico e talentoso produtor e rádio-ator da Tamoio Antônio Leite, está apresentando um novo seriado intitulado «Dick Peter» — onde êle narra e vive as personagens em diversos planos e entonações de voz, que está indo ao ar diàriamente, isto é, de segunda a sexta-feira, no horário de 19,15.

★ O popular Almirante — a maior patente do rádio — se desligou da Rádio Clube do Brasil, encontrando-se, atualmente, sem emissora para trabalhar no Rio. Apenas se acha contratado da Rádio Record de São Paulo.

★ Fêz anos no dia 4 de junho, Heron Domingues, o famoso Repórter Esso, que dirige com grande habilidade o Departamento de Notícias e Jornais Falados da Rádio Nacional.

★ Em virtude do grande sucesso do concurso que a Rádio Clube do Brasil instituiu entre os seus ouvintes-mirins das programações infantis que irradia diàriamente às 17,30 horas, a emissora do Cineac lançará outro, brevemente, distribuindo valiosos prêmios.

**ORLANDO SILVA é o novo Rei do Rádio, substituindo Jorge Goulart, que o antecedeu no trono até o dia 20 de junho, tendo sido coroado, como foi amplamente divulgado, na festa junina promovida pela Associação Brasileira de Rádio e realizada nos salões do «High-Life». Orlando Silva — também considerado o «Melhor Cantor de 1952» — foi eleito com 461.830 votos, sendo os outros colocados: Osvaldo Silva — 18.418, Hélio Chaves, 17.664, Roberto Luna, 17.060 e Carlos Galhardo — 4.466.**

«UM NOME E SEIS MELODIAS» é o programa que Júlio de Queiroz escreve para a Rádio Eldorado e é apresentado com muito êxito tôdas as têrças-feiras, às 21,30, retratando fielmente os maiores nomes da música popular internacional.

O POPULAR CÔMICO de nosso teatro, Antônio Spina, acaba de ser lançado no programa de Max Nunes «Uma Pulga da Camisola», que é transmitido na Rádio Tupi, onde faz um novo tipo.

**DIRCINHA BATISTA reapareceu ao microfone da Rádio Nacional, depois de um afastamento provocado por doença. Dircinha Batista retomou, assim, o seu lugar no programa que é escrito para si por Fernando Lôbo e que é transmitido no horário de 12,05 tôdas as segundas-feiras, intitulado «Estrêlas ao Meio-Dia». Dircinha gravará, também, a valsa «Aniversário de Mãezinha», de Heron Domingues e Jairo Argileu.**

## A FORNARINA

(Cont. da pág. 35)

Presto minha homenagem à beleza e estou certo de que os olhos de nosso Rafael saberão dirigir o seu divino pincel.

Saiu com Impéria. Esta não havia pronunciado uma só palavra, mas, no movimento dos seus olhos e num gesto de sua bôca via-se despeito e inquietude, porque uma mulher mais bela e mais jovem havia passado a soleira da casa onde acreditava reinar sem rivais. Estremeceu de mêdo, quando seu amante murmurou, como para si mesmo:

— Aquêle Rafael! Como, diabo, terá descoberto uma jovem tão maravilhosa?

— Acha que serão necessárias muitas poses? — perguntou a belíssima Impéria.

— Tantas quantas êle quiser! Mas, que a faça posar!... se isso lhe devolve o prazer do trabalho, que havia perdido!

★

Em tôrno ao pintor haviam ficado alguns dos seus alunos. Êstes eram, ao todo perto de cinqüenta, mas seguiam o mestre por turnos, e sòmente três ou quatro dêles haviam se elevado à posição de confidentes e amigos.

Uma familiaridade particular desabrochara com Bavério Carracci, um jovem muito sério e diligente, que da nativa Parma fôra levado a Roma pela fama de Rafael. Êste batizara-o de «Baviera».

Foi ao próprio Baviera que o pintor confiou a mocinha. Para ocultá-la aos olhares indiscretos dos outros alunos, dirigiu-se com ela a uma salinha retirada onde fê-la mudar os trajes por outros mais sucintos.

Margarida não tinha quase coragem de se olhar nas novas vestes, pois parecia-lhe que a tornavam irreconhecível. Na esperança de sufocar o bater do coração e de reconfortar-se com a visão de sua própria casa, dirigiu-se à janela. Esta dava para um jardim de rosas e louros. A melodia de uma canção de amor, vinda das margens do Tibre, aumentaram seu íntimo turbamento. O sangue gelou-lhe nas veias ao surgir Rafael.

(Cont. no próximo número)

## O SONHO DE MALAQUIAS

*(Continuação da pág. 23)*

plicando os malefícios resultantes da invasão do Brasil pelos boleros... O senhor não gosta de ouvir boleros?! Ah! Ah! Velhinho! Está aí o "X" da questão!... Malaquias tentara reagir, encolhendo os ombros, como quem espera violento tapa de mão atlética. O médico rodara o braço por cima dêle, empunhando de um canto do consultório um violão, disposto a demonstrar, ali mesmo, que bela canção era o velho samba, disposto a cantar...

Amélia, espreguiçando-se lânguidamente, apareceu à porta. Estendeu os braços e correu para êle. Parecia um ganso que vinha bicá-lo. Malaquias segurou-lhe os braços. Não queria o beijo.

— Que foi, maridinho? Está zangado com Amelinha? — desviou o nariz para a mesa e cheirou: — Hum! Que cafèzinho gostoso!

Sobrecenho franzido, o "marido enganado", marchou até a porta do banheiro. Ordenou:

— Dona Amélia, precisamos, positivamente, acabar com as tais aulas noturnas!

Amélia encarou-o, desnorteada. Vacilou um instante. Depois respondeu, ainda calma:

— Está louco? E como iríamos viver? Só faltava esta!...

— Isto mesmo. Aliás, êste tal Julinho já está passando da idade. É um galarote! — bateu com violência a porta do banheiro. Houve um longo silêncio. De súbito, Amélia assustou-se com novos berros:

— Estas balzaquianas gostam de brotinhos! — trovejou êle. Amélia deixou os braços penderem com desânimo. O que estava implícito naquela afirmação exasperou-a. Que monstro! Chamar o Julinho de "galarote"!... Correu para a porta e esmurrava-a:

— Abra a porta!

Malaquias assobiava.

— Abra a porta, moleque Malaquias! — gritava, irada.

— Agora é moralmente impossível — repetiu, com cinismo. Abriu o chuveiro e cantarolava um bolero. Amélia correu para o quarto. Vestiu o mantô. Uma boina na cabeça e saiu, desorientada. Ao aproximar-se da esquina, parou, indecisa. Perdia a coragem de aparecer assim tão cedo... Além do mais, estavam ainda fechadas as janelas da casa da amiga. Naquele instante, ouviu uma corridinha. Olhou para trás. Era tão denso o nevoeiro, que teve a impressão de ver Julinho surgir da bruma, a garrafa de leite na mão. Chegou bem perto dela. Beijou-lhe com humildade a mão. A camisa rasgada no ombro. O sorriso inocente, perguntou-lhe, com meiguice:

— A senhora precisa de alguma coisa?

Amélia não respondeu. Analisou-o melhor. O sol brilhava nos cabelos dêle, em desalinho.

— Que a senhora está olhando? — perguntou, tímido.

— Julinho, não leve a mal, você está muito alto, muito grande, para andar assim de calças curtas, descalço e sem paletó.

Êle abaixou a cabeça. Ajeitava o cinto. Um frio no coração. Porque nunca a professôra Amélia lhe fizera um aviso assim, franzindo a testa. Ergueu o rosto para ela. Que alívio! Sorriu também:

— A senhora está brincando comigo?!...

Respondeu que sim, arrependida. O que mais a emocionava, além da inocência, era a sensibilidade dêle. O brio. Era ficar rubro quando repreendido. Aluno estudioso, aprendera a ler com ela... Pousou amigàvelmente a mão no ombro dêle, recordando-se da dedicação filial e alvoroçada que demonstrara, seis meses antes, quando enfêrma:

— Desculpe-me, Julinho, sim? — pediu, com remorso, desviando o rosto para que êle não visse as lágrimas. Porque era uma perversidade de Malaquias, chamar o coitadinho de "galarote". Deixou-o e penetrou, aflita, no jardim da casa da amiga. Ao bater na porta, olhou para trás. Êle continuava parado, distraído, abraçado infantilmente à garrafa de leite. Depois, retirou-se em disparada, mais pueril ainda.

★

Malaquias vacilava sôbre o terno a vestir. O marron não, que dava azar. O azul-marinho, brilhava muito


## DA MOCIDADE ÀS PORTAS DA VELHICE...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vêzes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes se tornarão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume em uma sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês, muitos dias que lhe são verdadeiros espantalhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por êsses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes — o Nº 1 e o Nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades, é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nos casos de regras **abundantes, repetidas, prolongadas,** hemorragias e suas conseqüências. O **Regulador Xavier Nº 2** se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O Regulador Xavier assegura, para a mulher, desde a mocidade até as portas da velhice, a saúde, que é a chave e o segrêdo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar!

no assento. E o presente de Amélia? Comprado havia uma semana? Não vacilou mais. Quando amarrava os sapatos, recordou-se de uma dívida. Também não vacilou: abriu a bôlsa da espôsa e tirou a placa de platina. Rápido, bateu a porta e retirou-se. Na calçada, correu e pegou simiescamente o bonde em movimento. Na primeira parada comprou um jornal. Virou as poucas fôlhas e foi direto ao programa do Jockey. E mordia a ponta do lápis, quando não a fixava sôbre o jornal, marcando "pontas" e "duplas". Antes de entrar na sala de ponto da repartição, ocultou à pressa o jornal no bôlso traseiro da calça. E transfigurou-se. Todos os olhares caíram sôbre êle. Fizera crescer, florescer e esperava os frutos de um boato, que êle mesmo havia espalhado, no sentido de que um alto funcionário o "protegia", perdido de amôres por Amélia. Então, precisava apresentar-se carrancudo, ostentando a cara do marido infeliz, chegar irritado, ralhando com os subalternos. Bateu o cartão de ponto, sobrecenho franzido. Caminhou sorumbático para a mesa:

— Dona Zuzu! — berrou, irradiando um brilho trêmulo no olhar.

— Já vai, dr. Malaquias!

— Dona Zuzu! — tornou a berrar. Mas quando a outra se aproximou, disse baixinho: — Trouxe o dinheiro...

— Trouxe, neguinho? Eu sabia que você não falhava!... — respondeu baixinho. Entrementes, o colóquio em surdina, foi interrompido por notícia apavorante. A visita do chefão. Que o automóvel já estava na porta e o "tal" estava invadindo os corredores pelos fundos. Era verdade. Lá estava êle, na porta da sala, balançando terrivelmente o cabeção, um olhar de camalião com sol na cara. Malaquias levantou-se, sorrindo superiormente para os olhares que convergiam misericordiosos para a testa dêle. E orientou a passeata fúnebre e improdutiva. Ninguém sabia o que tanto cochichavam Malaquias e o "rival". A visita foi rápida. Resultado: seis transferências. Cinco para a zona rural, enquanto que êle, o felizardo Malaquias, fôra convidado para o Gabinete. Acompanhou os superiores até entrarem no automóvel. Regressou esfregando as mãos. Deixou o corpo cair molemente numa poltrona. Fechou os olhos e soprava a fumaça para o teto. Naquele momento, voltou-lhe o casarão vazio e mal-assombrado do espírito, o sonho daquela noite. Julinho beijando a lânguida Amélia. Levantou-se de um salto. Um cafèzinho engolido à pressa, pois precisava retirar-se e lutar pela não-transferência dos amigos.

As dez horas esperava abrir a porta da Caixa Econômica: penhorar a jóia de Amélia para pagar o aluguel do apartamento de Zuzu. E às quatro horas estava na arquibancada do Jockey. Perdeu até o penúltimo páreo. Francamente, Zuzu estava dando azar, irritada, dizendo que o dinheiro da mensalidade do apartamento não devolveria. Os cavalos passaram em disparada pela frente dêles. Malaquias empalideceu. Sem nada dizer, desceu aos saltos. Zuzu atrás dêle:

— Malaquias! Malaquias! — parou no meio do páteo, arquejante, observando que êle tomava a direção das portinholas das "acumuladas". Zuleica pôs a mão no peito e suspirou. Depois, aproximou-se, sorrindo, quase humilde:

— Acertou, neguinho?

— Um mês em Paquetá, feito? — respondeu ao ouvido.

★

Entrementes, as aulas continuavam. Diurnas para as meninas, noturnas para os garotos pobres. Aquela era a trigésima noite que Julinho não comparecia. Amélia passara o dia esperando aquêle momento. Impossível que êle não aparecesse no aniversário dela. Falava alto, aparentemente despreocupada. Mas o espírito estava lá na rua, o coração na porta. A medida que os minutos se foram esgotando, diminuía o timbre da voz. Que teria acontecido? O relógio bateu dez pancadas. Os garotos se levantaram. Sentia-se exausta. Na algazarra da despedida ouviu tímidas pancadas na porta:

— Silêncio! — gritou, os cotovelos na mesa, as duas mãos apertadas na bôca aberta, numa expressão de felicidade atônita. Um garôto abriu a porta.

— Julinho! Julinho! — gritaram.

E êle entrou. Terno novo, os cabelos penteados para cima, calças compridas, gravata, a capa no braço, chapéu na mão... Amélia, já de pé, analisava-o de alto a baixo. O coração batia tão forte que lhe repercutia nas têmporas. Impressão quase angustiosa de estar vendo o pai dêle. Também era assim, encantadoramente tímido. Em disparada, os meninos começaram a se retirar. Julinho continuava de pé. Ela despedia-se de um, de outro, os olhos sempre nêle. A sala ficou vazia.

— Sente-se aqui — pediu, ternamente, apontando-lhe o lugar vago no divã. Num segundo compreendera que êle vinha se despedir. Julinho vacilou um instante. Depois, correu e ajoelhou-se ao lado dela, abraçando-lhe as pernas. Deitou a cabeça no colo e começou a explicar, emocionado, os motivos da partida. Que sofria muito. Amélia não o ouvia bem, abalada, outrossim, pelo som melancólico de uma flauta que enchia o silêncio triste da noite, assobiando a "Marcha norueguesa", de Grieg:

— Seu pai chegou, Julinho? — perguntou, acariciando, distraída, os cabelos dêle.

— Sim. É êle quem está tocando flauta.

— Eu sei... Quer levar você, não é isto?

Julinho não respondeu prontamente. Soluçava. Depois ergueu o rosto, angustiado:

— Dona Amélia, depende da senhora! Eu não queria ir. Não! Eu não queria!...

Amélia sorriu. Segurou-o pelos ombros:

— Ora essa! Levante-se. Venha cá. Sente-se aqui... Julinho, um homem não chora. Ouça o meu conselho. Obedeça a seu pai... Para onde vão?

— Não me disse.

— Por que?

— Sei lá! — abraçou-a, carinhoso, deitando a cabeça no ombro dela.

Neste interim, mexeram na fechadura da porta. Malaquias entrou afobado. Passou batendo os pés.

Houve um pequeno silêncio.

— Malaquias! Julinho veio se despedir, Malaquias!

— Já vai tarde! Passe bem!... — bateu estrondosamente a porta do quarto.

Novo silêncio. Êle desviou o rosto para Amélia:

— Está vendo?! Seu marido não gosta de mim — cochichou, encostando os lábios na orelha dela. Em seguida abaixou a cabeça.

Amélia segurou-lhe o queixo. Fê-lo olhar para ela. Viajou desnorteado olhar pelo rosto dêle. Julinho cravou nela os olhos assustados, grandes, negros. Reparou que os dela tremeluziam estranhamente. E que eram frias as mãos que lhe apertavam o rosto. Ela abaixou mais a bôca e beijou-o suavemente. Em seguida, colou, ofe-

(Cont. na pág. 48)


**BÉL-HORMON**

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ........................
RUA ................ Nº ......
CIDADE ......................
ESTADO ......................

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**


## DE CINEMA

NEWTON COUTO

# O MESTRE DO "SUSPENSE"

**O diretor inglês Alfred Hitchcock — o mestre do «suspense» — acaba de apresentar outro trabalho cinematográfico, que foi apresentado no Festival Cinematográfico Internacional de Cannes e intitulado «A Tortura do Silêncio» (I Confess). Trata-se de um drama de «suspense», produzido e dirigido pelo famoso diretor, para os estúdios da Warner Bros., baseando-se o seu argumento numa peça teatral francesa escrita em 1902 por Louis Verneuil e cuja adaptação foi feita pelos cenaristas americanos George Tabori e William Archibald, que se encarregaram também do argumento e roteirização. Alfred Hitchcock — responsável por obras cinematográficas, como «Rebecca, a Mulher Inesquecível» (Rebecca), que foi premiada pela «Academia de Artes e Ciências Cinematográficas», de Hollywood, «Correspondente Estrangeiro» (Foreign Correspondent), «Mr. And Mrs. Smith», «Suspeita» (Suspicion), «Sabotador» (Saboteur), «Um Barco e Nove Destinos» (Lifeboat), «Quando Fala o Coração» (Spellbound), «Notorious», «The Paradise Case», «Festim Diabólico» (Rope), «Sob o Signo de Capricórnio» (Under Capricorn), «Pacto Sinistro» (Strangers On A Train), etc. — levou três anos planejando a produção «I Confess», embarcando com 26 técnicos para Quebec, capital do Canadá, onde permaneceu em locação durante seis semanas.**

★ Os principais papéis foram entregues a três artistas premiados pela «Academia de Artes e Ciências Cinematográficas» de Hollywood: Montgomery Clift, Anne Baxter e Karl Malden. O primeiro como o melhor ator de 1951, em «Um lugar ao Sol» (A Place In The Sun), a segunda, como a melhor coadjuvante de 1946, em «O Fio da Navalha» (The Razor's Edge), e o terceiro, como o melhor coadjuvante de 1951, em «Uma Rua Chamada Pecado» (A Streetcar Named Desire). Montgomery Clift — um dos maiores atores do cinema norte-americano — é uma figura proeminente do teatro americano, onde começou a sua carreira de ator com a idade de 14 anos, e com vinte anos de experiência no palco, fêz a sua estréia no cinema em 1946, no filme «O Rio Vermelho» (Red River). Na Broadway já apresentou performances de grande envergadura artística nas peças «There Shal Be No Night», «The Searching Wind», e tantas outras. No cinema teve atuações destacadas em «Tarde Demais» (The Heiress), «The Search», «The Big Lift» e «Um Lugar ao Sol» (A Place In The Sun), Karl Malden é outro ator que veio dos palcos da Broadway, tendo nascido em Gary, na Indiana, filho de pais iugoslavos. Na Broadway trabalhou nas peças «Key Largo» (Paixões em Fúria), que foi adaptada ao cinema, sob a direção de John Huston e produzida pelos estúdios da Warner Bros. com o mesmo título no original, «Flight To The West», «Missouri Legend», «Uncle Harry», «Sons And Soldiers», «The Assassin», «All My Sons» e «A Streetcar Named Desire» (Uma Rua Chamada Pecado), também levada para o cinema, sob a direção de Elia Kazan. No cinema já apareceu em «Boomerang», «The Gunfighter», «Were The Pavement Ends», «The Halls Of Montezuma», «A Streetcar Named Desire», «Diplomatic Courier», «The Sellout» e «Operation Secret», com Cornel Wilde e ainda inédito para nós.



**Montgomery Clift e Anne Baxter numa cena de grande envergadura dramática do filme da Warner Bros. «Tortura do Silêncio» (I Confess).**

**★ Os coadjuvantes que figuram em «Tortura do Silêncio», são os seguintes: Brian Aherne, veterano ator cinematográfico internacional; Roger Dann, ator francês que apareceu na Broadway recentemente no «cast» da peça «The Happy Time»; O. E. Hasse, que já trabalhou em «Decisão Antes do Amanhecer» (Decision Before Dawn), fazendo um general, e «The Big Lift», ao lado de Montgomery Clift, tôdas as duas películas filmadas em Berlim; Dolly Haas, famosa atriz do palco; Judson Pratt, ator da Broadway; Ovila Legare, ator dos palcos canadenses, e as duas meninas franco-canadenses Carmen Gingras, de 13 anos, e Renée Hudon, de 10 anos. A história gira em tôrno da confissão de um assassino (O. E. Hasse) ao padre (Montgomery Clift), que mata para roubar um famoso advogado (Ovila Legare), devido a precária situação financeira em que se encontram êle e sua espôsa (Dolly Haas), disfarçando-se com as vestes de um padre, crime êste que é presenciado por duas meninas do lugar (Carman Gingras e Renée Hudon), que, inclusive, vêem a entrada do criminoso. O padre, em vista da santidade da confissão, é obrigado a guardar segrêdo, o mesmo acontecendo com uma linda mulher, que não pôde confessar que o padre no dia em que se deu o assassinato — nesta época um simples homem — se achava em sua companhia, por se tratar de uma mulher casada... Como podem deduzir, trata-se de uma história muito interessante e bastante cinematográfica, onde por certo o diretor Alfred Hitchcock tirou o maior partido, tratando o assunto com inteligência e seriedade peculiar a todos os seus filmes.**

Maureen **Swanson** iniciou *sua* carreira *artística como bailarina*, com Salder's **Wells**, e por *nada* **dêste** mundo *despreza* os *seus* ***exercícios***.

FATO SENSACIONAL NA HISTÓRIA DE UMA JOVEM ★ COLOCOU SUA DIGNIDADE PESSOAL E ARTÍSTICA ACIMA DE TUDO ★ REPELINDO COM ALTIVEZ O CARTAZ DO FAMOSO "ASTRO", CONQUISTOU MUITO MAIOR PARA ELA

O caso de Maureen Swanson é inédito, evidentemente. Não há em todo o mundo uma só jovem e artista, sonhando com a glória, a fama e a fortuna, que fizesse o que fêz essa heroína do caráter. Miss Swanson, artista do bailado, lindíssima e com vinte primaveras fulgindo em seu rosto celestial, foi convidada para fazer filmes ao lado do galã Errol Flynn, o bonitão de Hollywood. Qual a moça que não se sentiria deslumbrada com tamanha felicidade? Além de atuar como «estrêla» principal ao lado de um «astro» de primeira grandeza como é Flynn, ter ainda a graça de tornar-se sua espôsa! É que o galã de mil peripécias amorosas estabeleceu esta condição: «Você, miss Swanson, será a «leading-lady» dos meus próximos filmes, porém terá que casar-se comigo». A jovem meditou e respondeu: «Acho-te uma graça!». E não aceitou. O episódio teve grande repercussão nos meios cinematográficos e sociais dos Estados Unidos e do resto do mundo. Como poderia ser uma coisa destas? Mas foi justamente isso que aconteceu! Maureen Swanson, cuja semelhança com a famosa Vivien Leigh é acentuada, possuindo uma graça, uma beleza de espírito e de formas dificilmente encontráveis, repeliu as propostas de Flynn e declarou que desejava tornar-se uma «estrêla» do cinema, porém não por aquêle preço. O galã Errol Flynn, vendo-se barrado pela fascinante «estrêla» do «ballet», escolheu uma loura: Patrice Wymore. A morena Swanson lhe deu um fora dos mais sensacionais de que há memória no mundo. Mas, segundo propalam, está a linda Swanson a ser boicotada pelas companhias de cinema, fecham-se as portas, como punição à sua bela atitude moral. Será mesmo? Todos vemos que, com sua resposta a Flynn, miss Swanson subiu muito mais no conceito do mundo, tornando-se famosa pelo seu valor próprio e não pelo prestígio de um «astro». Se ela aparecer em alguma película, vai atrair milhões de fãs, justamente pelo «não» nas bochechas do astucioso Flynn...



**A linda inglêzinha parece meditar nas incompreensões do mundo e na maldade dos «astros»**

# Ela disse "NÃO" a Errol Flynn



Além de grande «estrêla», é também exímia cozinheira, preparando, ela mesma, os seus quitutes, com tôda a arte culinária em punho...



Perfeita dona-de-casa que preza de ser, Maureen Swanson não espera pelas empregadas: ela mesma empunha o aspirador de pó, alegremente.

# PASSATEMPO

## LIDERGRAMA Nº 62

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | Planta (pl.). Dizem que a de 4 fôlhas dá sorte → | 6 | 72 | 100 | 41 | 97 | 153 | ■ |
| B | Volta à vida; renova → | 75 | 61 | 3 | 44 | 108 | 114 | ■ |
| C | Imundas; que não têm pureza → | 49 | 96 | 10 | 30 | 87 | 109 | 5 |
| D | Ato ou efeito de notar → | 1 | 15 | 90 | 104 | 135 | 70 | 123 |
| E | Espaço de 10 dias ou 10 anos (pl.) → | 14 | 53 | 8 | 40 | 77 | 86 | 26 |
| F | Fantasma; aparição → | 91 | 47 | 112 | 39 | 136 | 25 | ■ |
| G | Titulo honorifico, superior ao de marquês → | 27 | 9 | 59 | 73 | 122 | 82 | ■ |
| H | Lava em segunda água para tirar o sabão → | 48 | 21 | 65 | 107 | 140 | 116 | 143 |
| I | Criminoso; o que tem culpa → | 52 | 119 | 12 | 66 | 42 | 93 | 126 |
| J | Que se reproduz por meio de ovos → | 78 | 37 | 141 | 19 | 121 | 103 | 132 |
| K | Percebe; compreende → | 38 | 29 | 99 | 64 | 57 | 129 | 152 |
| L | Doidas; que perderam a razão → | 67 | 46 | 60 | 16 | 128 | 34 | ■ |
| M | O dia em que estamos → | 24 | 68 | 106 | 32 | ■ | ■ | ■ |
| N | Impugnar; obrar em contrário → | 79 | 115 | 148 | 125 | ■ | ■ | ■ |
| O | Que se ocupou → | 71 | 23 | 124 | 147 | 84 | 113 | 137 |
| P | Presumir; imaginar; conjeturar → | 50 | 18 | 118 | 145 | 133 | ■ | ■ |
| Q | Irmã → | 43 | 35 | 98 | 76 | ■ | ■ | ■ |
| R | Casamentos; enlaçamentos → | 130 | 105 | 36 | 63 | 80 | 149 | 54 |
| S | Fazes uso → | 11 | 69 | 134 | 85 | ■ | ■ | ■ |
| T | Sovas; dás sôcos → | 56 | 94 | 131 | 139 | 89 | ■ | ■ |
| U | Uma e outra → | 22 | 45 | 74 | 58 | 92 | ■ | ■ |
| V | Rebanho de gado grosso (pl.) → | 110 | 13 | 33 | 55 | 144 | 81 | 95 |
| W | Calcules; computes; avalies → | 83 | 117 | 142 | 28 | 101 | ■ | ■ |
| X | Fome, penúria → | 120 | 7 | 102 | 51 | ■ | ■ | ■ |
| Y | Causam arroubamento ou êxtase → | 20 | 150 | 62 | 88 | 31 | 4 | 138 |
| Z | Assentas → | 111 | 17 | 127 | 151 | 2 | 146 | ■ |

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

| | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | D 1 | Z 2 | ■ | B 3 | Y 4 | C 5 | A 6 | X 7 | ■ |
| E 8 | G 9 | C 10 | S 11 | I 12 | V 13 | ■ | E 14 | D 15 | ■ | L 16 | Z 17 | P 18 | , |
| J 19 | Y 20 | H 21 | U 22 | O 23 | M 24 | F 25 | E 26 | ■ | G 27 | W 28 | ■ | K 29 | C 30 |
| Y 31 | M 32 | V 33 | L 34 | ■ | Q 35 | R 36 | J 37 | K 38 | F 39 | E 40 | A 41 | I 42 | Q 43 |
| ■ | B 44 | U 45 | L 46 | F 47 | H 48 | C 49 | P 50 | . | X 51 | I 52 | E 53 | R 54 | V 55 |
| T 56 | ■ | K 57 | U 58 | G 59 | L 60 | B 61 | Y 62 | R 63 | ■ | K 64 | H 65 | I 66 | L 67 |
| M 68 | S 69 | D 70 | O 71 | ■ | A 72 | G 73 | U 74 | B 75 | Q 76 | ■ | E 77 | J 78 | ■ |
| N 79 | R 80 | V 81 | G 82 | W 83 | , | O 84 | S 85 | ■ | E 86 | C 87 | Y 88 | T 89 | D 90 |
| F 91 | U 92 | ■ | I 93 | T 94 | V 95 | ■ | C 96 | A 97 | Q 98 | K 99 | A 100 | W 101 | ■ |
| X 102 | J 103 | D 104 | R 105 | M 106 | H 107 | B 108 | C 109 | Y 110 | ■ | Z 111 | F 112 | ■ | O 113 |
| B 114 | ■ | N 115 | H 116 | W 117 | P 118 | I 119 | X 120 | J 121 | ■ | G 122 | ■ | D 123 | O 124 |
| N 125 | I 126 | , | Z 127 | L 128 | ■ | K 129 | R 130 | T 131 | J 132 | P 133 | S 134 | D 135 | F 136 |
| O 137 | ■ | Y 138 | T 139 | H 140 | J 141 | W 142 | H 143 | ■ | V 144 | P 145 | Z 146 | ■ | O 147 |
| N 148 | R 149 | Y 150 | Z 151 | K 152 | A 153 | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | Olaner-Rio | ■ |

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 61: JOSÉ DE ALENCAR. O SERTANEJO. "Se a alma da solidão se fizesse mulher, ela jamais tiraria do seu mavioso seio um suspiro tão melancólico e tocante como o arrulho da juriti ao cair da noite".

# O SONHO DE MALAQUIAS

(Cont. da pág. 45)

gante, os lábios nos dêle e pediu-lhe que a abraçasse com fôrça. Súbito, levantou-se, ouvindo ruido lá dentro. Segurou o chapéu dêle. Abriu a porta:

— Vá! Adeus! Obedeça a seu pai. — E fechou a porta lentamente. As pernas tremiam. Deixou o corpo cair no divã. Ouvia os passos dêle na rua. Cobriu o rosto com as mãos, sacudida por violenta emoção. De súbito, ergueu o rosto. Na porta o Malaquias, malas na mão, chapéu na cabeça. Atravessou, irritado, a sala, abriu a porta e voltou-se para ela:

— Mulher ordinária!

Amélia nem desviou o rosto para êle.

Malaquias retirou-se, batendo estrondosamente a porta. Ela virou-se de bruços no divã. Sacudia o corpo, soluçando convulsivamente.

★

Deu mais três meses de aulas. Aquilo lhe fazia bem. Em cada menino encontrava um pedacinho dêle. Nenhum igual a Julinho. Então, amava o conjunto. Uma tortura estonteante quando se encontrava só na sala vazia. Espalhava pela mesa cadernos velhos, livros que foram usados por êle. Um pavor do que se aproximava. E as férias chegaram. Então, era impossivel residir naquela casa. Caiu em profundo e nostálgico desânimo. Era sòzinha e seu único parente era Malaquias. Com grande surprêsa, primeiro os vizinhos, depois os pais dos alunos, começaram a visitá-la mais amiúde. E comentavam o grande escândalo do moleque Malaquias. O furto e a fuga com Zuzu. Amélia se sentia perdida e alheia ao tumulto reinante em sua própria casa, explorada pela curiosidade pública. Posava frequentemente para fotografia de vitima que os jornais publicavam em primeiras páginas. A escola sempre cheia de curiosos. Em meio à ensurdecedora algazarra, recebeu uma carta. Correu aflita e trancou a porta do quarto. As visitas compreenderam. Era muito natural:

— Deve ser carta dêle, do miserável!... — segredaram.

Mas a porta continuando imperturbàvelmente fechada, retiraram-se:

— Bai-bai! Bai-bai, querida! — batiam na janela do quarto.

Um travesseiro no colo, porque não conseguia sustentar, nos dedos trêmulos, a cartinha. No inicio parecia-lhe sem sentido e confusa. Referia-se, revoltado, ao escândalo de Malaquias, às dificuldades e vergonha que ela deveria estar passando. Depois, através das lágrimas, a forte impressão de e estar vendo. Convidava-a para ir para lá. Arranjara um emprêgo. Desentendera-se definitivamente com o pai. Levantava-se muito cedo para o trabalho... "Fortaleza, minha inesquecivel Amélia, é uma cidade muito linda. Aluguei uma casa pequenina à beira da praia. Não sei o que você sentiu em minha ausência. O fato é que não poderei viver longe de você. Fecho os olhos e parece que a estou vendo descer do avião. O mantôzinho cinza, a boina branca... Que será de nossa vida? — dirá você. Eu sei? Você sabe?... Segue um cheque e a passagem de avião — Julinho."

★

Às dezoito horas o avião partiu. Abriu a bôlsa. O espelhinho. Ajeitava a boina branca para um lado, para outro... Recostou a cabeça cansada para trás. A tarde caia a prumo, na bôca imensa e cinzenta da noite, erguida nos horizontes montanhosos. Mesmo de olhos abertos, o espirito parecia-lhe uma casa de loucos. Ouvia frases ofensivas. Outras muitas, entretanto, que lhe enchiam o coração de dorida felicidade: "Minha inesquecivel Amélia! Que será de nossa vida? — dirá você... Eu sei? Você sabe, Amélia?!...

# TRINTA E UM ACUSADOS

(Cont. da pág. 21)

valho do Nascimento, tendo por membros o coronel-aviador Agenor Santos, presidente, coronel Jaime Vilalonga, tenente-coronel Paulo da Mota Lira e major Fernando Hall, concedeu a palavra à defesa. O primeiro dos quatorze defensores a falar foi Heráclito Sobral Pinto, que sustentou a incompetência da Justiça Militar para conhecer dos delitos de que eram acusados os réus, visto que não se tratava de crime militar a «falta» em que haviam incorrido; quando muito, poder-se-ia falar em crime político, e o julgamento de tal tipo de ato anti-jurídico é feito pela justiça comum. O fato de alguém ser comunista não constitui crime. Menos ainda se poderia falar em quebra de disciplina por parte de tais elementos comunistas, que são, via de regra, disciplinado por índole. Frisou também que havia no processo total falta de provas contra os seus constituintes, capitão Brown e sargento José Vanderlei.

A seguir, falou o advogado Bulcão Viana, sustentando as mesmas conclusões e afirmações do seu colega. Posteriormente, ocupou a tribuna o advogado Wilson Lopes dos Santos; procurou fazer ver ao Conselho de Justiça que os indiciados, a rigor, não deveriam responder pela prática de crime algum. Os fatos de que são acusados, antes de serem criminosos, constituem um direito assegurado a todos pela Constituição, qual seja, o direito de reunião e de credo político. Os réus, segundo êsse causídico, foram vítimas de um «complot», visando evitar que os sargentos prosseguissem em suas reivindicações e participassem das chamadas campanhas nacionalistas.

Os demais advogados encarregados da defesa, srs. Evandro Lins e Silva, Moesias Rolim, Francisco Chermont, Edgar Pinto Lima, Vivaldo Ramos de Vasconcelos, Bruzi Mendonça, Evandro Cartaxo de Sá, João Mesquita, Wilson Lopes dos Santos, Oscar Maria de Azevedo e Eliezer de Oliveira seguiram o mesmo roteiro dos seus colegas, repisando a falta de competência do Conselho, e não criminalidade dos fatos articulados na denúncia, acrescentando ainda que era quase nenhuma a prova colhida no processo contra os acusados, e que as confissões por ventura existentes foram «arrancadas sob coação», sendo por isso nulas e imprestáveis.

★

Apesar dos esforços do Promotor Silvio Sampaio Barbosa no duelo que travou com os quatorze advogados de defesa, citando, inclusive, uma declaração recente do sr. Afonso Arinos aos nossos colegas de «O Globo», na qual êste parlamentar asseverava que o Estado moderno não assegura liberdade de ação aos que pretendem agir para destruir a liberdade, o Conselho de Justiça resolveu, à 1,30 hora do dia 23 (após cêrca de 16 horas de sessão), absolver todos os acusados. Terminara assim, o período de provações dos mesmos, sendo que alguns dêles se encontravam presos há alguns meses.

## RESPOSTAS DA PÁG. 17

### Puxe pelo cérebro

1 — Pernambuco.
2 — Gaúcho.
3 — Almeida Garrett.
4 — Por não conter costuras.
5 — Pela execução de Calabar.
6 — Na de Baturité (Pico Alto, 1.155 metros).
7 — No Pará.
8 — Cêrca de 3 mil.
9 — Do deus Marte.
10 — Cinco.
11 — Viveu 568 anos antes de Cristo.
12 — Na China.
13 — Transvaal (União Sul-Africana).
14 — Ao Papa Silvestre II (então monge francês Gerbert).
15 — 150 mil.

### Quem disse isso?

1 — Maomé.
2 — J. J. Rousseau.
3 — Benjamin Franklin.
4 — Boake Carter.
5 — Olavo Bilac.



# ARABELLE a última sereia




Arabelle, ainda atônita com o convite de Flor-Azul e com o segrêdo de Mr. Bimbleton, chega cedo aos estúdios da "Metrópole Filmes"



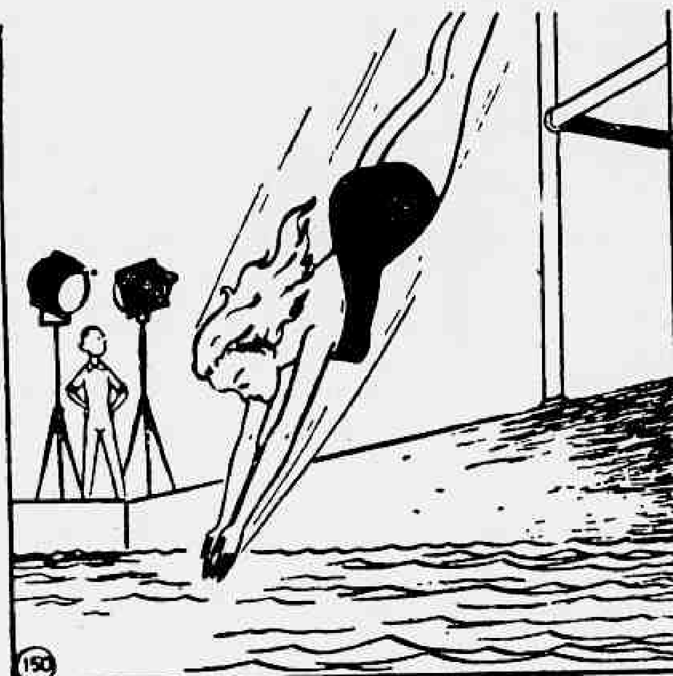

"Eis a nossa sereia, que chega", diz Poupounoff. "Ela nada e mergulha como ninguém, no mundo", e acrescenta: "Excetuando-se você, Esther..."




Willie Esther começa a cena, rodam a seqüência, ela nada magistralmente. Arabelle a admira, embora ela não fôsse amiga.




Arabelle, percebendo a intenção de crítica sarcástica a ela, topa o desafio. Veste um maiô, sobe ao trampolim e, num salto difícil, mergulha.



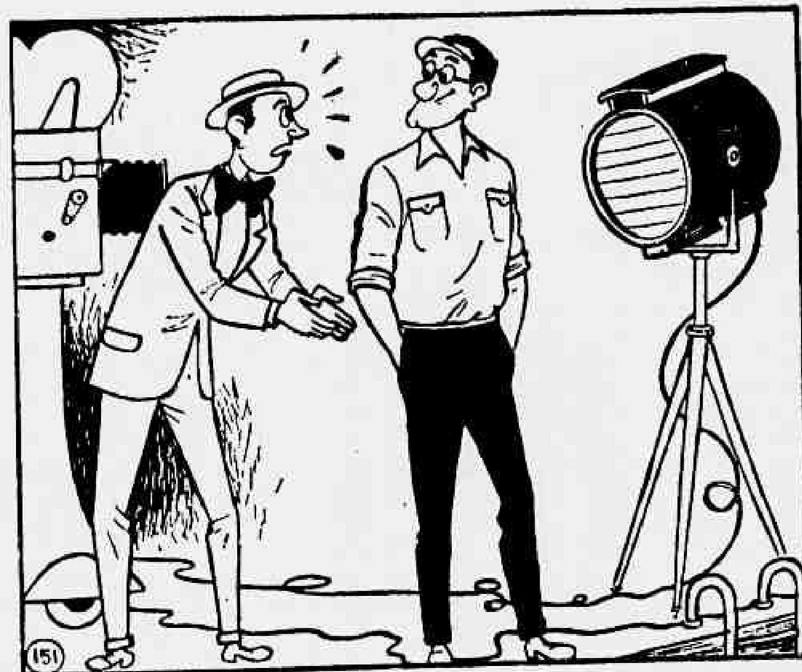

Willie Esther procura ultrapassar o salto executado por Arabelle; sobe também e se lança na piscina. Mas, evidentemente, não consegue o seu intento.




"Ninguém nada melhor que Esther" — diz um operário do estúdio, mas "Flor-Azul" protesta: — "Sim, senhor! Arabelle. Ela é a rainha das águas!"



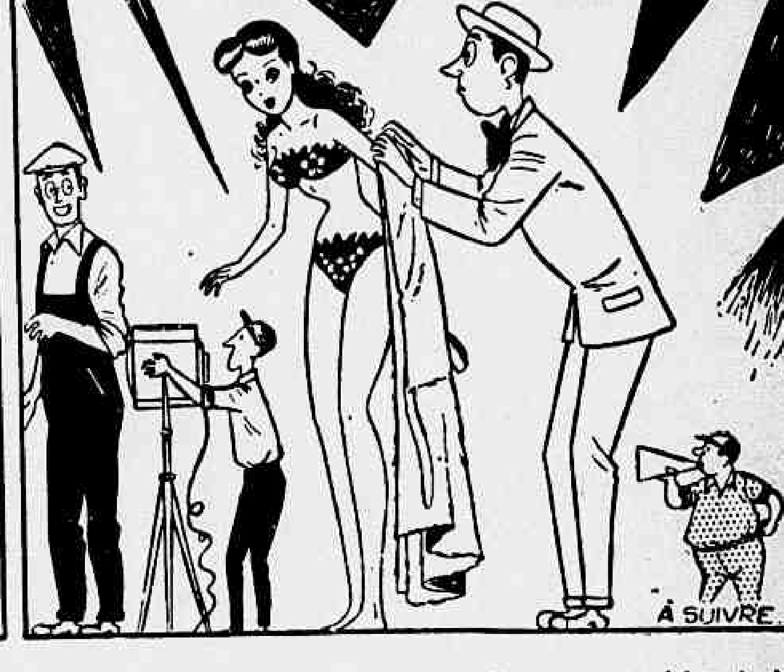

Depois de várias demonstrações, as duas jovens se encontram à borda da piscina. Esther se aproxima de Arabelle, estende-lhe a mão e a cumprimenta pela performance. Agora estava convencida de que encontrara uma que poderia substituí-la.




Acabava de ouvir os elogios de Esther, embora em tom um tanto irônico, quando ouve uma discussão em altas vozes. Era Flor Azul com o assistente do diretor, sôbre o mérito de Arabelle.




O homem achava que Arabelle era inferior a Esther. A sereia percebeu e tornou à piscina para mostrar que Flor-Azul tinha razão. E faz incríveis evoluções, deixando todos perplexos.




Arabelle volta à terra, tendo convencido todo mundo. Mas Esther, enciumada, retira-se sem despedir-se. Flor-Azul explica: "Ela se foi porque tem inveja de você, que é a *maior* de Hollywood..."




Ao ir vestir-se, Arabelle nota, porém, que os empregados não se mostram cordiais. São hostis a ela, e mal a olham. Que aconteceu?




Compreende que Esther é ainda a estrêla da emprêsa, e que mesmo Poupounoff tem lá suas prudências a respeito do momento.



Sai de carro com Flor-Azul na direção. Chegam ao portão de saída e têm que esperar pela boa-vontade do porteiro. Até Poupounoff sumiu...




Arabelle diz que nada mais têm a fazer ali. Todos a detestam. Mas Flor-Azul replica: — "E' intriga de Willie Esther, invejosa de seus méritos..."

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ

# CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO PARÁ

**Presidente: JOÃO RENATO FRANCO**

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO PARÁ, com sua emancipação administrativa, apresenta-se, não mais em período de experimentação, porém consolidada, após apenas sete anos incompletos de seu funcionamento autônomo.

Assim concluímos, para afirmar, face sua trajetória, não mais oscilante, e sim de elevação crescente de depósitos, de multiplicação de investimentos, sem um único prejuízo a registrar.

## PASSADO E PRESENTE

Relatório prolixo é relatório à margem da leitura de todos e circunscrito ao conhecimento de poucos, pouquíssimos mesmo. Substituiremos as palavras pelos números.

No passado, durante 47 anos, 5 meses e 27 dias de existência anexada à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, neste Estado, a Caixa Econômica arrecadou em

DEPÓSITOS

Cr$ 16.649.714,10

Em sete anos, a completar em 15 de janeiro, portanto faltando 15 dias para os 7 anos, uma vez ser o presente Relatório referente ao exercício de 1952, constatou em seus cofres êste montante de

DEPÓSITOS

Cr$ 154.648.884,10

Apurando-se uma diferença para mais, arrecadada, de

Cr$ 137.999.170,00

Oferecendo êstes acréscimos anuais:

| | |
|---|---|
| 1946 | Cr$ 10.674.619,70 |
| 1947 | Cr$ 18.941.302,40 |
| 1948 | Cr$ 7.031.986,70 |
| 1949 | Cr$ 21.493.999,00 |
| 1950 | Cr$ 24.331.039,50 |
| 1951 | Cr$ 34.923.942,10 |
| 1952 | Cr$ 20.602.280,00 |

E a confiança do povo na Caixa Econômica, o seu Banco, é evidente e inconteste, diante das entradas das economias populares, expressadas nestes números:

## ENTRADA DE DEPÓSITOS

PERÍODO DE ANEXAÇÃO

**(Penúltimo e último períodos)**

| | |
|---|---|
| 1944 | Cr$ 2.390.501,50 |
| 1945 | Cr$ 1.698.401,20 |

PERÍODO DE AUTONOMIA

| | |
|---|---|
| 1946 | Cr$ 19.986.562,10 |
| 1947 | Cr$ 48.150.522,20 |
| 1948 | Cr$ 77.441.642,30 |
| 1949 | Cr$ 150.138.487,60 |
| 1950 | Cr$ 173.274.098,20 |
| 1951 | Cr$ 247.000.653,70 |
| 1952 | Cr$ 278.318.949,20 |

Êste o espelho a refletir a situação consolidada, em curto período de existência autônoma, da Caixa Econômica Federal do Pará, cifras que atestam o seu extraordinário desenvolvimento, impondo-se decisivamente à preferência do público paraense.

A SAÚDE DO BEBÊ

# SÔBRE CASTIGOS À CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

**PARECE que tudo que se prende aos castigos da criança pode ser resumido em poucas palavras. Em primeiro lugar, não aproveitam os castigos quando visam a corrigir erros da criança que se originam em falhas de seu próprio psiquismo.**

**Por outro lado, os castigos aplicados sem tato nem medida, e até fora de oportunidade, geram, antes, conflitos e incompatibilidades, em vez de corrigir. Das duas ordens de castigos, os morais e os físicos, são os primeiros, em princípio, os que devem ser empregados na educação do menino. Há meninos fáceis de levar. Outros, que só uma energia mais dobrada impõe o que se quer.**

**Mais importante é desenvolver nêle, desde cedo, a noção do que é permitido e do que não o é, ou é proibido.**

**Costuma-se obter isto (escreve Czerny) escolhendo um único nome para tudo quanto não deve ser praticado. Com a palavra — não —, assim educada a criança, consegue-se obediência para o que é proibido.**

**Uns, simplesmente a palavra, sem qualquer enfezamento no gesto ou na entonação. Outros, já havendo necessidade de uma entonação mais grave na voz, um certo ar de irritação. Uns, cedendo depressa e logo esquecendo o ralho; já outros, mais sensíveis também, guardando, do sucedido, uma impressão mais forte e indo até a depressão.**

● Como quer que seja, num caso e noutro, vai-se conseguindo tudo quanto se deseja em matéria de obediência. Um número de crianças, ao contrário, mais se mostra rebelde à obediência. Os maiores erros na aplicação dos castigos estão justamente naquela falta de tato e oportunidade a que já nos referimos.

São sempre desastrosos os efeitos da violência e dos castigos corporais na criança. Êles criam e alimentam o espírito de reação do menino; ou, para fugir a êles, em muitas oportunidades, o espírito de mentira da criança. O ódio nasce quase instintivo contra o disciplinador sistemático, e mesmo se observa que algumas crianças procuram demonstrar seu desprêzo aos intuitos do castigo, suportando os mais pesados maus tratos sem dar nenhuma demonstração de dor ou sentimento. É um modo de reagir pela passividade, frustrando o castigo. O castigo continuado e, muitas vêzes, até a propósito de pequenas travessuras, com o qual se pretende transformar a criança num ser comportado e sério, são, não raro, a origem dessa conduta infantil. Observa-se, também, que nos que são humilhados em criança, crescem homens infelizes e cheio de recalques, sequiosos de vingar-se de seus maus tratos na infância, e mesmo nos próprios filhos.

● **Os erros da criança devem ser combatidos pelo exemplo e pela argumentação lógica. Os castigos aplicados a larga distância da falta cometida, são sempre desaconselháveis.**

**É um êrro das mães ameaçarem a criança de ir contar ao pai as suas travessuras ou maus feitos. Se a ameaça se converte em realidade, o menino irá acostumando-se a ver no pai um inimigo, uma ameaça à sua tranqüilidade e bem-estar. No subconsciente da criança, passado o castigo, o que fica é o ódio, o desamor ao pai.**

**Só se justifica o castigo quando a falta cometida é surpreendida na presença do pai, e como um movimento incoercível de punição. Êrro é, nesses casos, anular o efeito do castigo cumulando a criança, depois, com mimos e compensações. O meio normal de corrigir é com o pedido ou o desejo contrariado da criança. Há lembrar que, entre crianças de baixo nível intelectual, muitas vêzes a sensibilidade dolorosa é de tal modo embotada, que não sentem, sequer, picadas de alfinete, queimaduras e contusões de qualquer espécie. Nesses casos, os castigos corporais não poderiam ser mais estúpidos e improdutivos, embora datando de muito tempo, e sòmente à época da freqüência à escola, constatando-se a anormalidade da criança, tida até então por indisciplinada e rebelde.**

**ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!**

**CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE**

**Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO**

**300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00**

**A VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS A EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO**

A praça Postdamer, ponto de confluência dos setores russo, britânico e americano, é excelente local para os observadores.

# AGITAÇÃO ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

CEM MIL BERLINENSES SE REBELAM ★ MOTINS E DERRAMAMENTO DE SANGUE ★ DECRETADA A LEI MARCIAL ★ FUZILADOS DIVERSOS MANIFESTANTES ★ A ALEMANHA ORIENTAL TOTALMENTE DOMINADA PELOS ANSEIOS DE LIBERDADE

**Reportagem de JO WIEDMER** **Fotos UNITED PRESS**

EM 16 de junho de 1953, pela primeira vez desde que a Alemanha passou a ser dominada pelos seus vencedores, operários da Zona Oriental, que é controlada pelos russos, entraram em greve. Grande número de trabalhadores, em dado momento, abandonaram as suas ferramentas em plena avenida Stalin, passando a incitar seus companheiros e concidadãos para que todos se unissem numa grande manifestação contra o govêrno local.

Vimo-los chegar, formando uma turba numerosa e barulhenta, à avenida Under den Linden, efetuando demonstrações por vêzes perigosa para a sua própria incolumidade, a mostrar cartazes e a bradar em côro:

«Somos operários e não escravos! Queremos abatimento nos preços dos gêneros e nos horários de trabalho! Berlinenses, deveis organizar-vos! Uni-vos a nós!»

— Isto não é mais que uma rebelião pré-organizada! — disse alguém ao nosso lado, na calçada próxima ao local em que a multidão se concentrava.

Os motivos para tais demonstrações dizem respeito, como se depreende das reclamações por parte dos manifestantes, às medidas cada vez mais severas que têm sido tomadas pelos russos contra os alemães, durante os últimos seis meses. Em princípios de junho, os soviéticos prometeram conceder certas facilidades aos alemães e, da mesma forma, prometeram distribuir salvo-condutos aos berlinenses, para que êstes pudessem transitar à vontade pelas zonas em que ficou dividida a cidade. No entanto, ao mesmo tempo em que dava tão grande demonstração de «humanidade», o govêrno exigia que o aumento recentemente instituído no quadro do horário de trabalho individual devia continuar vigorando.

Os operários e os demais berlinenses, já cansados com as constantes exigências dos soviéti-

# AGITAÇÃO POR TRÁS DA CORTINA DE FERRO



Do lado de fora de um dos edifícios de escritórios do Govêrno, situado na rua Mauer, diversos manifestantes queimam retratos de Grotewohl.



Tanques soviéticos em serviço de patrulha no coração de Berlim, próximo ao cruzamento da rua Friedrich com a famosa Unter den Linden.

cos, acabaram por se rebelar e, assim, deram início às manifestações de desagrado, que culminaram em cenas sangrentas e extremamente violentas, dando lugar a que os russos declarassem a lei marcial.

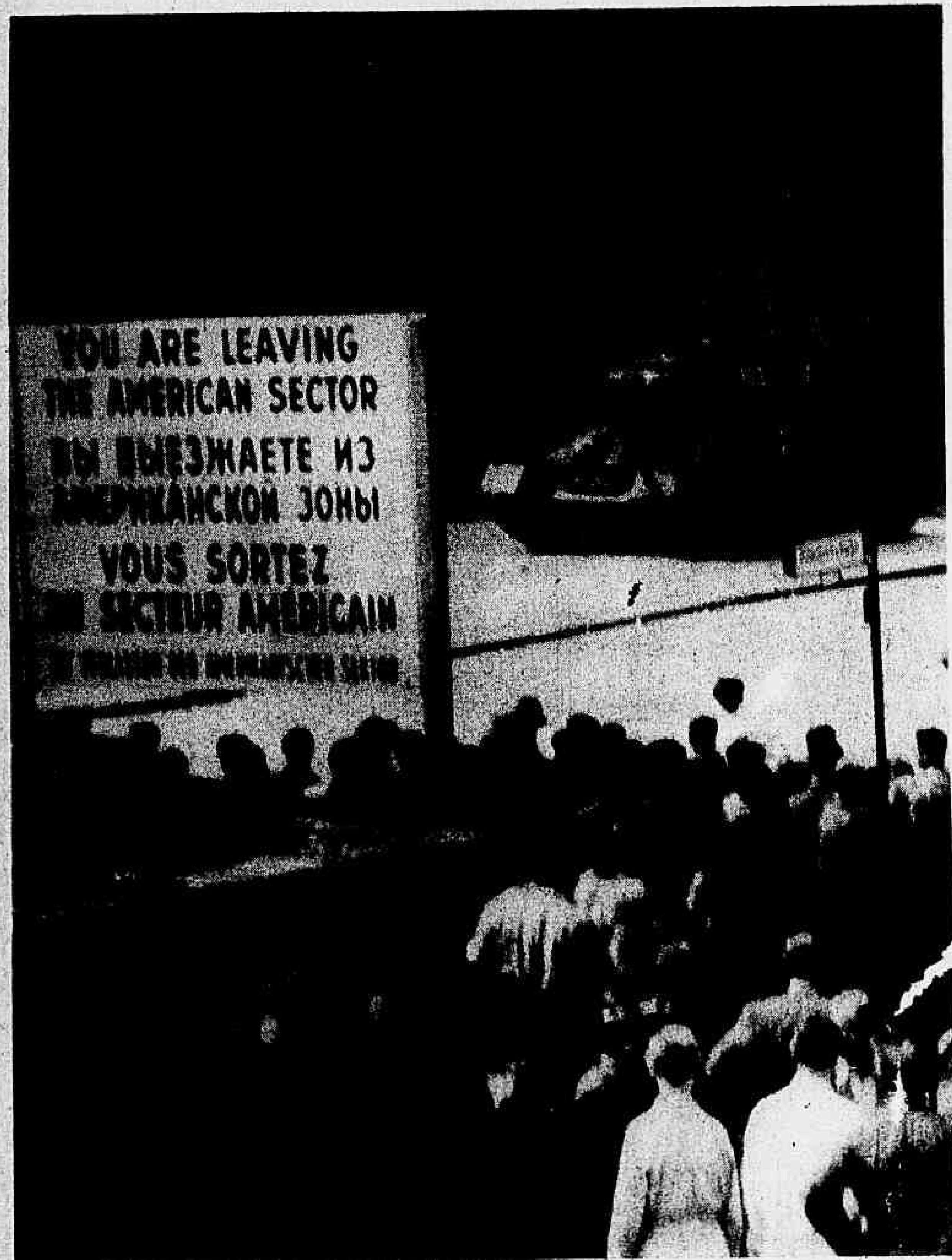
À noite do mesmo dia 16 de junho, liam-se diversos comentários a respeito da greve, nos jornais de Berlim, considerada como algo de extraordinário, pois desde a debacle da Alemanha nazista não se verificavam senão pequenas demonstrações de desagrado contra os russos, na zona por êstes administrada.

Em 17 de junho, essas manifestações aumentaram, espraiando-se por todo o setor russo e pela zona irental. Estávamos na praça Potsdamer, em meio à enorme multidão de descontentes, quando se fêz ouvir o ruído de tanques, que rolavam pela rua Leipziger. Ao mesmo tempo, a Polícia Popular, a odiada «Vopo», passou a atirar contra os amotinados, varrendo-a com o fogo dos fuzis e das metralhadoras portáteis. A multidão recuou, em corrida desenfreada, buscando abrigo contra o fogo de que era alvo.

Alguns operários, mais exaltados e tomados de uma coragem tocada de determinismo, incendiaram as guaritas da «Vopo», sendo observados por guardas vermelhos, deitados atrás das suas metralhadoras.

Na rua Wilhelm, vimos os manifestantes depredarem um dos edifícios do govêrno, lançando ao fogo, pelas janelas, grande quantidade de pastas e documentos, além de móveis e outros objetos. Durante tais demonstrações, os tanques tornaram a aparecer, disparando inicialmente alguns tiros de advertência. A multidão não se afastou ante tal atitude e, pelo contrário, avançou de punhos cerrados contra os seus opositores, bradando insultos e imprecações. Dois dos tanques russos foram inutilizados, ficando com as engrenagens danificadas pelas pedras e pedaços de madeira que a multidão atirou, como uma verdadeira chuva.

Estávamos também presentes quando, na porta de Bradenburgo, alguns dos amotinados arrancaram a bandeira vermelha do mastro, sob aclamações jubilosas da multidão. Mais uma vez os soviéticos concentraram tropas e tanques contra os manifestantes e êstes — contagiados pelo fenômeno que sempre se observa nas




Os tanques russos apontam para o setor controlado pelos americanos, desafiando as pessoas que tentem ultrapassar a tabuleta de advertência.



Um dos tanques russos, depois de bastante danificado, é cuidadosamente examinado por um grupo de berlinenses exaltados, na praça Potsdamer.

A placa do gabinete do presidente Alemanha Oriental, já partida em dois, é triunfalmente exibida por trabalhadores.



**O Centro de Propaganda da Berlim Oriental sendo depredado por populares, que atiram à rua seu material.**





**Os berlinenses orientais invadiram um dos edifícios do Govêrno, de-**

multidões, em que tôdas as consciências, todos os cérebros se amalgamam, formando como que uma só pessoa — avançaram decididamente contra os russos, em ondas sucessivas, e, a cada nova carga, eram alvejados pelos vermelhos. Para nós, era terrível assistir a essa luta desigual, em que a única arma com que os berlinenses contavam era a sua vontade de libertação. E, em exclamações incontidas, gritavam:

«Nosso dia chegará! Ainda ajustaremos contas!»

Tais frases eram ditas visando principalmente à Polícia do Povo, essa milícia tão odiada, que atirava contra os seus próprios patrícios, a sangue-frio.

Cêrca de 30.000 manifestantes se concentravam durante o dia. Os operários da zona russa acorriam das fábricas por ali espalhadas, para juntar-se aos compo-

**Cartazes de propaganda comunista são queimados por populares.**

**pre**
**de**

nh
Ma
ha
de
rep
foi
um
na
ele
ga
do
se
cio
as
pe
va

nó
foi
ro

os
ci

en

**Ur**
**da**



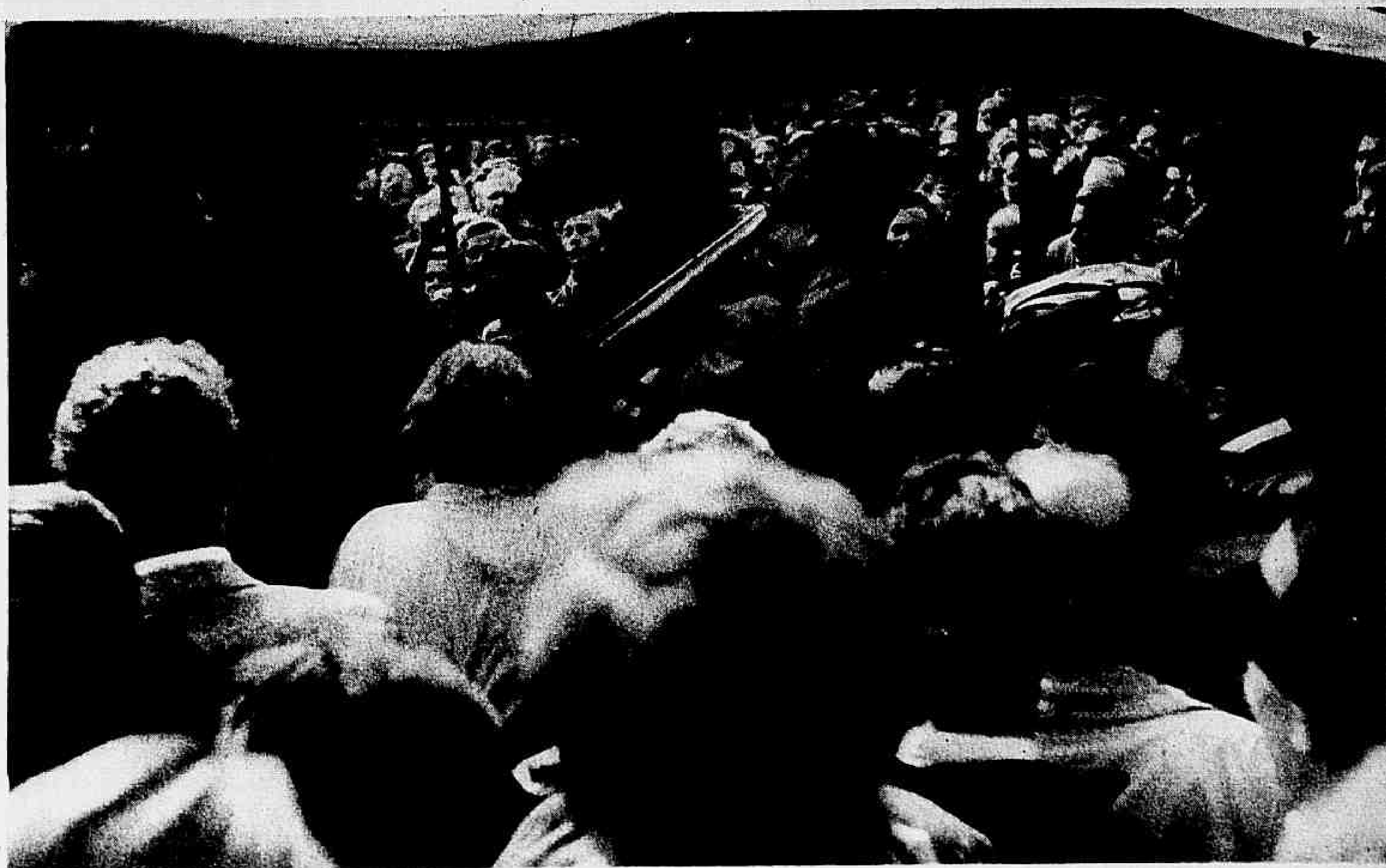
**predando-o e queimando tôda sorte de documentos de seus arquivos.**

nheiros no movimento grevista. Mas os soviéticos, por sua vez, já haviam reunido várias centenas de soldados bem armados para reprimir as manifestações. À noite, foi incendiada a Casa Colombo, um grande **magazin** comercial. Ali, na manhã do mesmo dia, diversos elementos da «Vopo» haviam jogado suas armas ao chão, deixando-se prender pelos policiais do setor ocidental. Diversas lojas nacionalizadas foram saqueadas e as suas mercadorias divididas pelos manifestantes, que exclamavam:

«As mercadorias pertencem a nós, pois tudo é do povo! Isso nos foi ensinado! Vamos, companheiros, podem pilhar!»

Após essas cenas de violências, os alto-falantes passaram a anunciar:

«Foi proclamado o estado de emergência em tôda a zona orien-

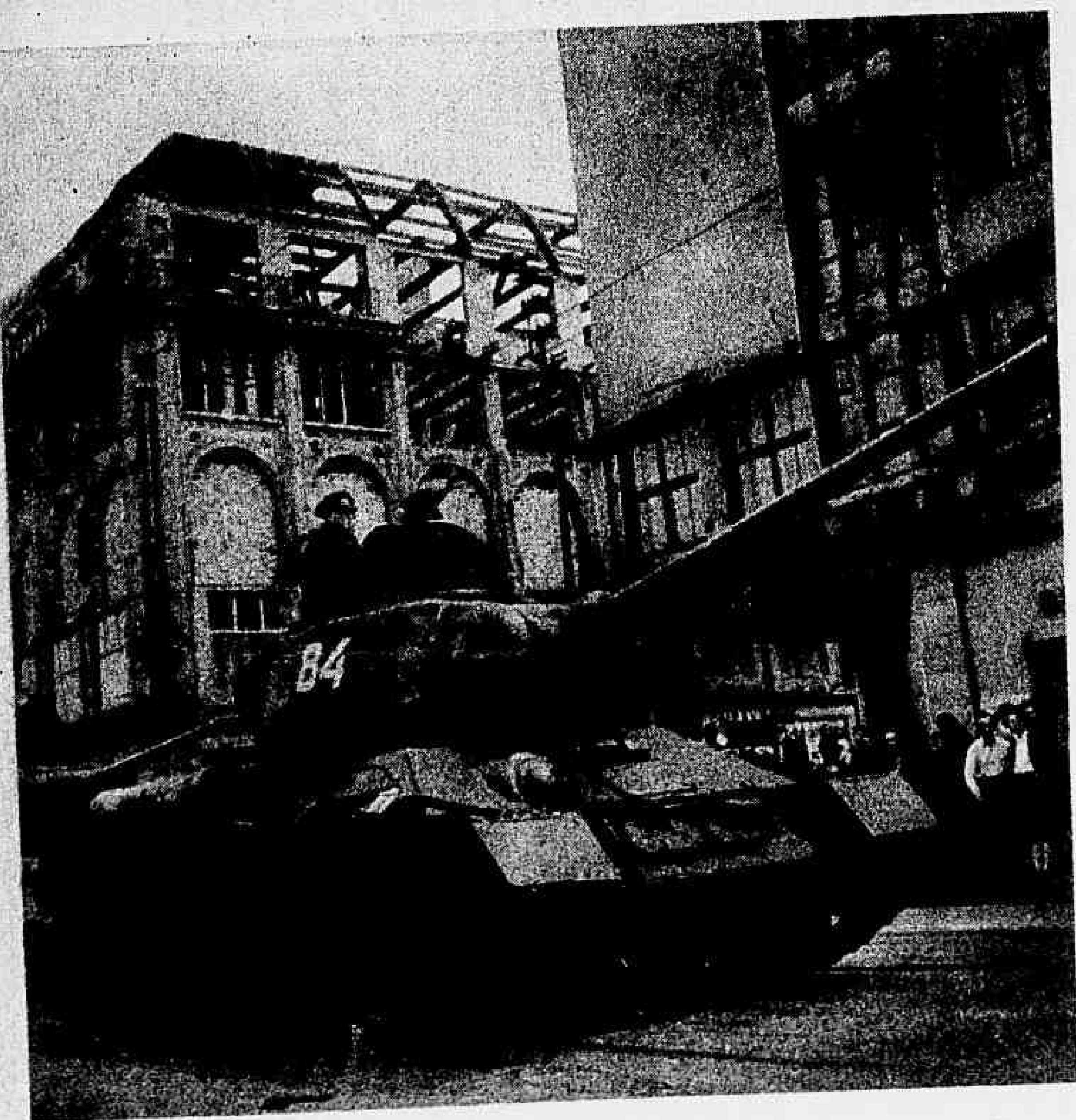


**Um funcionário comunista protegido pela Polícia alemã ocidental.**

# AGITAÇÃO POR TRÁS DA CORTINA DE FERRO



**Alguns elementos da «Vopo», a odiada Polícia do Povo, enfileirados e prontos para repelir a turba que ameaçava avançar contra êles.**



**Um general soviético viaja num tanque, pelas ruas do setor russo, dirigindo as operações para dispersar o grande número de manifestantes.**

tal. Não podem formar-se grupos de mais de três pessoas. A partir das vinte e uma horas, as ruas têm que ficar vazias. As autoridades militares vão tomar medidas especiais contra os manifestantes.»

Imediatamente formaram-se pequenos grupos discutindo tal resolução:

«Por que os americanos não intercedem? Por que o Ocidente não nos ajuda? Não somos comunistas. Ajudem-nos então a libertar-nos do jugo dêsses monstros!»

Mas os americanos não apareceram, e sòmente alguns inglêses se postaram diante do monumento russo, no setor ocidental, a fim de protegê-lo contra a ira popular.

Ao cair da noite, passamos de novo pela divisa dos setores. Milhares de berlinenses orientais não mais queriam voltar ao seu setor. Gritavam:

«Êles já fizeram prisões em massa! Fuzilaram os **supostos** cabeças do movimento. Se o Ocidente não nos ajudar agora, não sabemos mais o que fazer! Nada temos para comer! Não temos armas. A Cortina de Ferro, levan-

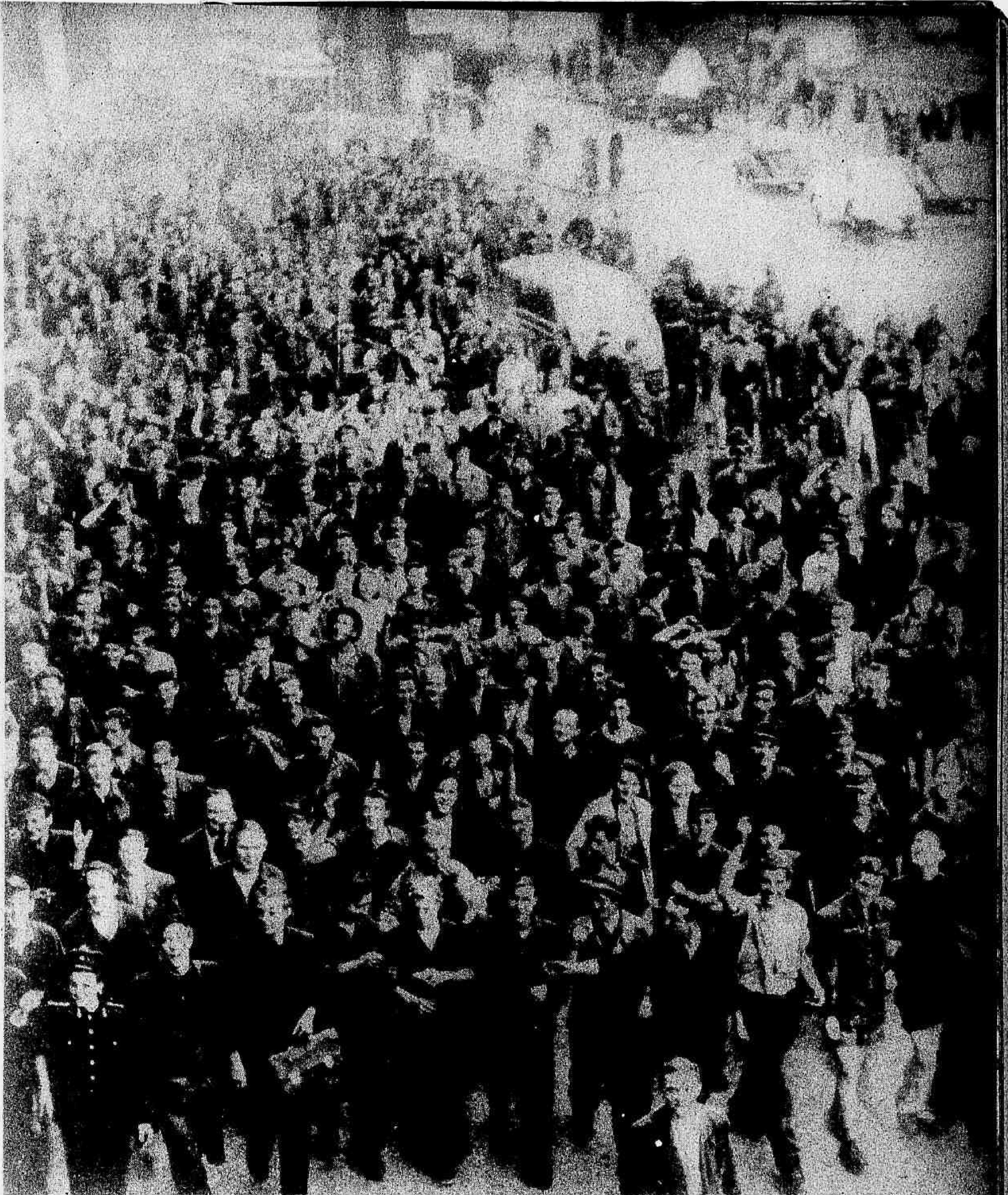
nfileirados
ntra êles.

s inglêses
nonumento
a fim de
popular.

ssamos de
etores. Mi-
ientais não
seu setor.

prisões em
upostos ca-
Se o Oci-
agora, não
fazer! Nada
Não temos
Ferro, levan-

r russo, diri-
anifestantes.



**Uma vista geral da multidão, quase tôda constituída por operários, no início do movimento grevista, podendo-se notar algumas mulheres.**

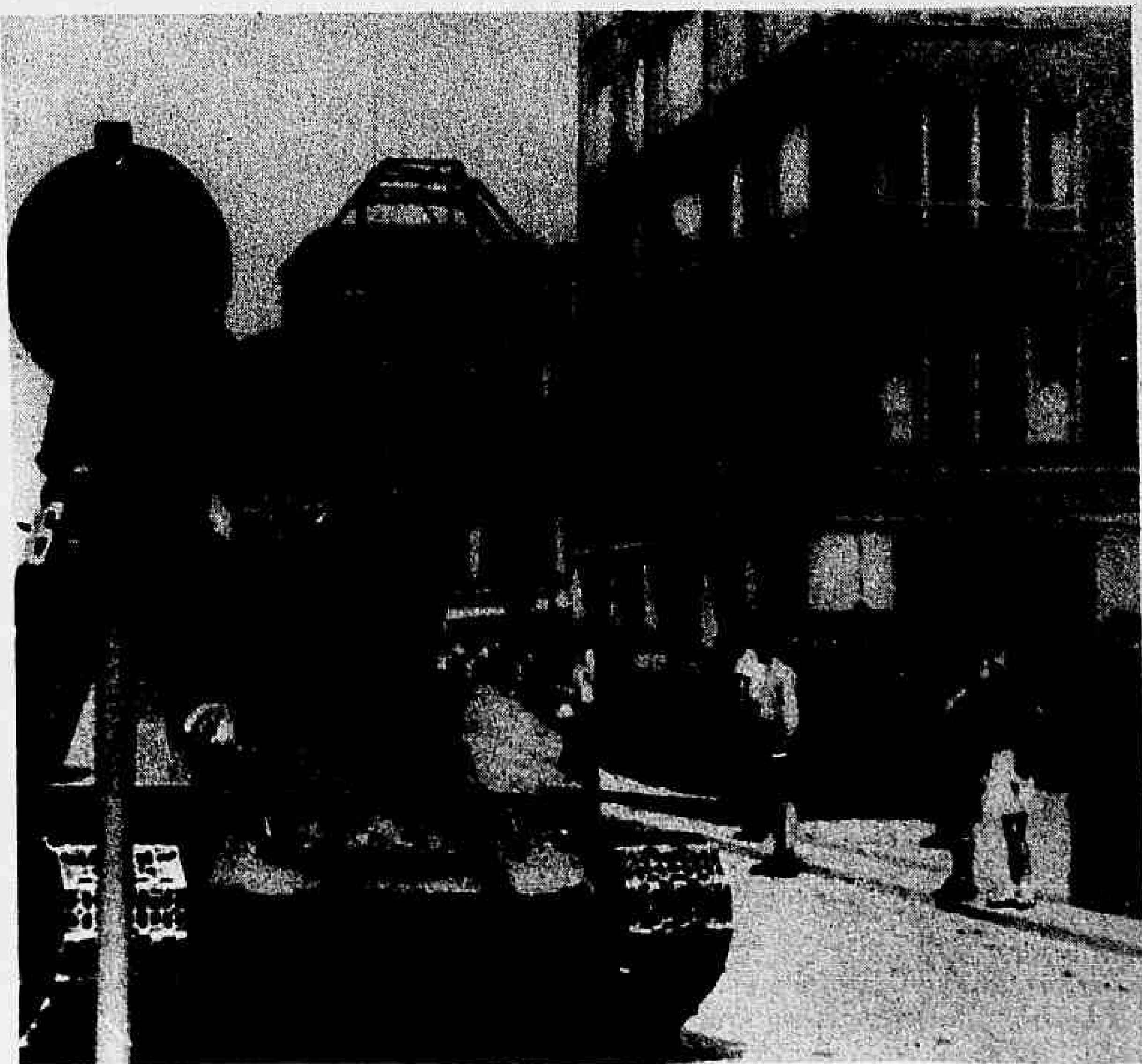
tada por alguns dias, nunca foi tão cerrada como o será no futuro e já o é no presente!»

Sôbre o setor oriental pairava agora o silêncio. Em algum lugar, a distância, o céu tornou-se vermelho, como a prognosticar algo de sinistro. Ouviu-se o rolar distante dos tanques. E depois o silêncio retornou. Mas sabíamos interpretar aquêle silêncio tristonho, impôsto à custa da violência e do sangue.

Do lado de lá, no Oriente, milhares e milhares de criaturas esperam que o grande milagre aconteça: a resolução, por parte do Ocidente — em cujas bandeiras drapeja a palavra LIBERDADE — resolva afinal auxiliá-los, libertando os alemães escravizados pelos soviéticos, que lhes impõem os mais terríveis sacrifícios e vexames.

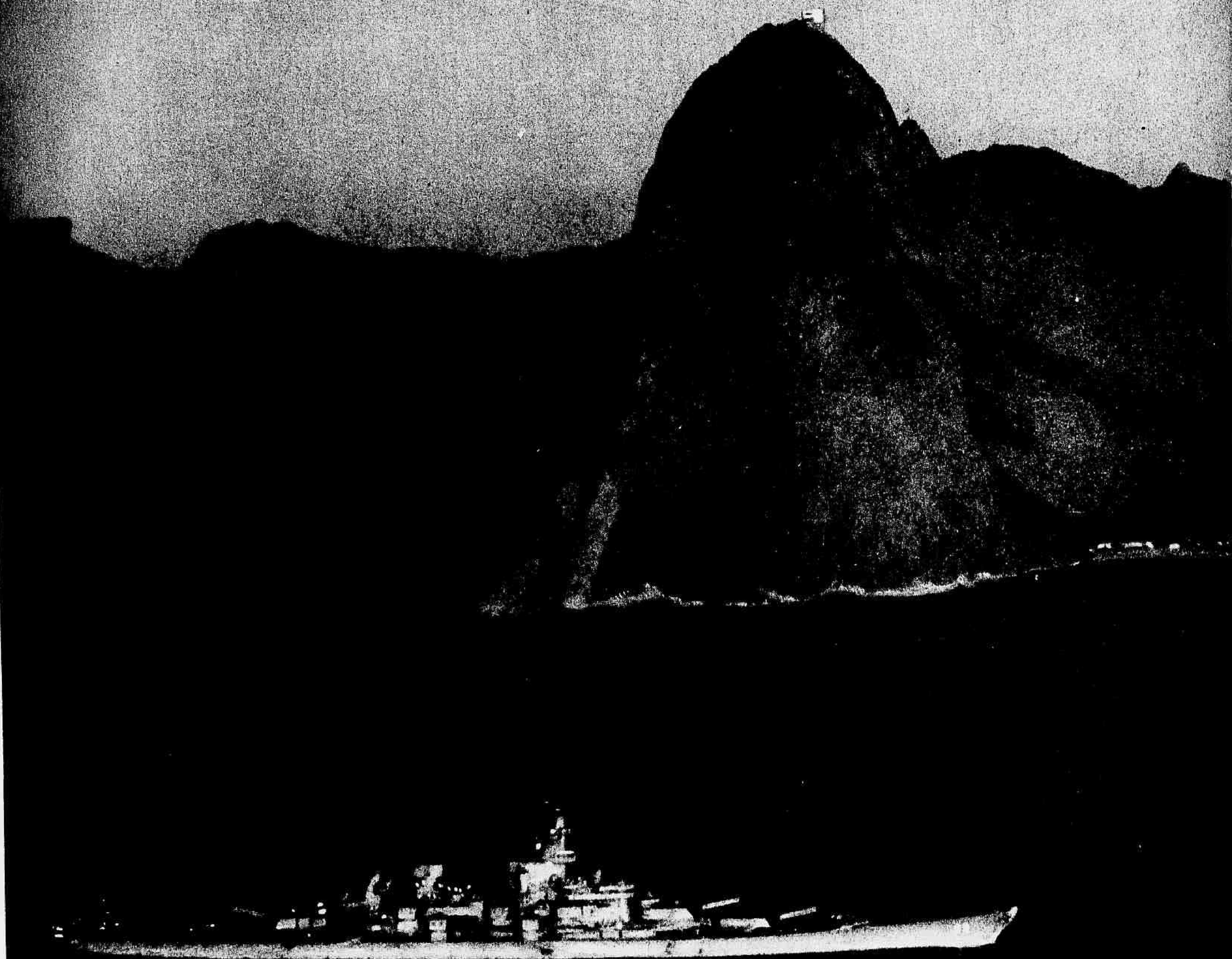
E, como que querendo rematar o que escrevemos, um dêsses berlinenses nos disse, em meio ao silêncio, com voz desanimada:

— Será que foi em vão o sacrifício de meus irmãos? Será que o sangue derramado pelos meus compatriotas não servirá para despertar a piedade e a solidariedade do Ocidente?



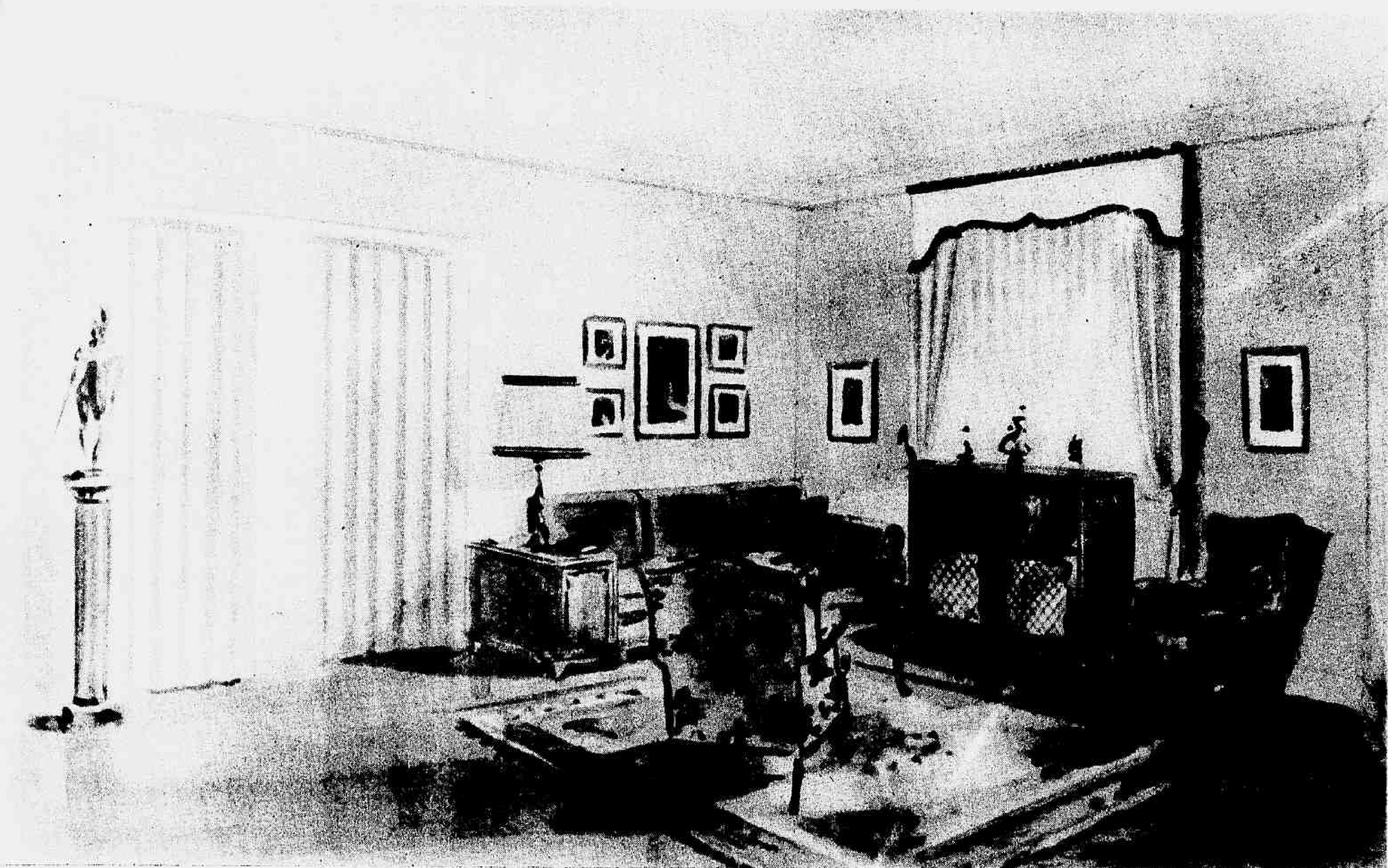
**Duas crianças observam inocentemente a passagem de um tanque soviético, em serviço de patrulha bem no coração da Berlim Oriental.**

# ÚLTIMO FLASH



**ERAM OITO HORAS** da manhã de sábado, 27 de junho, quando a esquadra de Tio Sam transpôs a barra do Rio, em demanda do ancoradouro. À frente dos quinze vasos de guerra que ficaram na Guanabara, dos 29 que nos visitam, vinha o encouraçado «Missouri», um dos maiores do mundo, capitânea da frota. O «Missouri» é uma belonave moderna, com poderosa capacidade de fogo, com uma couraça de dezesseis polegadas de espessura. Nossas fortalezas salvaram a esquadra amiga, e o «Missouri», à altura de Villegaignon, deu a salva de saudação, com vinte e um disparos, seguindo-se mais dezenove, cumprimentando as nossas fôrças de alto mar, representadas no Pavilhão desfraldado no mastro do navio «Almirante Saldanha», cabendo ao «Tamandaré» a resposta a esta última salva dos visitantes. Na foto que aqui estampamos, uma vista tomada de avião, vê-se quando o encouraçado «Missouri» passava em frente à Fortaleza de Santa Cruz.

# MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES




## TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

**em côres lisas e com flores**

## GRUPOS ESTOFADOS

**— especialidade de nossas oficinas —**

## TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

## VENDAS A VISTA E A PRAZO






CIGARROS

hollywood




UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ